BIBLIOTHECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

O peor inimigo...

PRONTO para gozar alegres momentos em agradavel companhia, surge o peor inimigo da alegria, — a dôr, em qualquer de suas formas: **enxaqueca, dôr de cabeça, nevralgia, dôr de dentes, dôr de ouvidos, reumatismo, resfriados,** etc.

Que fazer então? É muito simples: tomar uma dose de

Cafiaspirina

o remedio de confiança

que alivia as dôres com incrivel rapidez, sem prejudicar o organismo.

**SE É BAYER
É BOM**

O conto brasileiro

Eu Só Gosto de Você...

De Adaucto Fernandes

É excessivamente bella a mulher do meu visinho. Chama-se, romanticamente, Consuêlo, e já vae para mais de um anno que, eu e ella, pela ultima vez, fomos ceiar juntos, á meia-noite, depois do espectaculo do theatro Lyrico.

E' moça ainda, de estatura mediana, cheia do corpo, elegante, bem feita, demonstrando, apenas, uma certa compleição nervosa. Em seu rosto, perfeito, oval, de fronte intermediaria, naniz grego, toda a belleza realça á pallidez viva das faces, embranquecendo ainda mais, pelo contraste flagrante das olheiras machucadas, rôxas, fundas, violaceando as palpebras.

Aquella noite, ella se vestia com requintado esmero, todos os seus modos evidenciavam, á cadencia leve dos passos, o rythmo uniforme, bamboleando o corpo, flexivel, delicado, em que se espargia uma onda de lascivia excitante, na qual o perfume natural da mulher sadia era a nota caracteristica do frou-frou de seus vestidos. Só isso a distinguia do commum das outras, elevando-a, calma e confiante, á certeza do orgulho innato que sente a mulher bonita. Mas, ao contrario das melindrosas encontradas nas ruas e avenidas, Consuêlo affectava, sem o saber, um andar miúdo, mostrando-se, por tal modo, estheticamente, um pouco displicente. O certo é que o seu andar nervoso a transformava em ponto culminante para onde convergia a attenção malevola dessa alluvião faminta de almofadinhas ambulantes.

Naquella noite, Consuêlo estava verdadeiramente deslumbrante, e eu acompanhei-a commovido, arrebatado de desejos, bêbedo de amôr, como de costume, todos os dias, havia mais de um mez.

Máu-grado, porém, o meu grande cuidado, ao entrarmos na "limousine", ella, entre coquette e presumida, declarou:

— Não se engane commigo... Eu, para falar com a devida franqueza, nunca amei ninguem.

Essa declaração era uma coisa extemporanea, sobremodo offensiva. Olhei-a fixo, demoradamente. Contive-me um momento, pensando... Depois, pegando-a pelas mãos, indaguei, perverso:

— E o seu marido?

A pergunta era por demais incisiva, impertinenta, de profundo alcance psychologico. Consuêlo olhou-me desconfiada, vacillando. Entre ella e o seu passado, eu percebi que se descortinava um mundo feito de sombras, crepusculando a aurora incerta dessa noite. Riu, superior, contrafeita, simulando, admiravelmente. Um gesto nervoso fêl-a tremer os musculos da face, num "rictus" dolorido de contrariedade franca. E, mordendo os labios, ironica, ferina, relembrou, confusa:

— Meu marido... Ah! eu já nem me lembrava delle... E' uma tristeza recordál-o... O meu marido!...

Deu uma gargalhada hysterica, desconcertante, e continuou arfando:

— Creia-me, eu nunca o amei. Parece incrivel, mas é uma verdade.

E tomando a attitude de quem se dispõe a expôr um longo thema de tragedia intima, proseguiu desenvolta:

— Sim, meu bom amigo, repito: eu nunca o amei! Por elle, apenas senti uma meia compaixão, natural até certo ponto, e comprehensivel somente pela mulher que sabe ser amada pelo homem que mais ella aborrece. E' um sentimento estranho, confuso, mixto, inexplicavel, mais filho da piedade que do coração. Pelo Vargas, eu sempre tive uma repugnancia profunda. Mas, por sua allucinante e depressiva paixão, experimentei, desde logo, a mais sincera admiração. Detestava o homem e tinha uma affeição desmedida, louca, cheia de pena, por vêl-o soffrer por minha causa. Todas as minhas amigas o sabiam apaixonado por mim, e lamentavam a frieza da minha indifferença. Ás vezes, deante da sua constancia sentimental, eu ridicularizava-o, perversa, impiedosa, indifferente. Parecia-me piêgas em excesso, muito romantico para o modernismo da época, e meigo demais para ser o meu marido. Quantas vezes, meu amigo, eu seguia rindo pelas ruas, sozinha, admirando o seu atrevimento. Em parte, foi essa sua constancia a coisa que mais influiu no meu destino. Era uma estranha especie de cão de fila, — meu "Terra Nova" de calças, — encarnando a sombra viva de meus passos, a me lançar, de longe em longe, olhares ternos, compromettedores. Quanto mais áspera eu me mostrava, tanto maior era o excesso de sua delicadeza, a perfeição do seu carinho, a grandeza do seu amôr, a passividade de sua obediencia. Assim vivemos mezes inteiros. Um dia, por ciumes de meu noivo, eu premeditei uma vingança fria, monstruosa. Fôra afrontada por outra, e, desde esse momento, consenti que o Vargas me amasse. Mas, amasse com o mesmo delirio com que o meu noivo havia amado a minha rival. Como é interessante, em seus caprichos, o coração da mulher! Não pensei no perigo a que me expunha. Com vinte annos, forte, sadia, admiradora da independencia livre do feminismo, e enthusiasta dos romances rea-

O AMOR ATRAVÉS DOS TEMPOS — A serenata de hontem e a de hoje...

(De "The Merry Magazine" de Londres)

(Cont. na pag. seguinte)

O que se deve saber

UMA FAMOSA COLLECÇÃO ZOOLOGICA

As magnificas collecções zoologicas reunidas pelo duque de Orléans no decurso de meio seculo de explorações e caçadas, estão, agora, installadas no Museu de Historia Natural de Paris. Esse principe, desterrado da França em virtude de uma lei de 1888, que afastava do territorio de sua patria todos os chefes da familia que ahi reináram, foi um discipulo enthusiasta de Santo Humberto desde a edade de 18 annos até a sua morte, occorrida em Palermo, ha três annos.

Não foi, porém, o duque de Orléans um Nemrod commum, cioso tão somente dos seus tropheus cynegéticos. Como escreveu seu companheiro e historiador, dr. Recamier, "elle caçava como naturalista, para estudar os costumes dos animaes selvagens, as plantas, as arvores, toda a vida dos campos e dos animaes".

De modo que, desde os primei-

---

listas, preparei, sem o querer, com as minhas proprias mãos, o altar sentimental do sacrificio do meu amôr. Foi assim a minha quéda. Que fazer? Porventura, eu não seria igual ás outras mulheres? Não poderia ser, como ellas, capaz das mesmas sensações? A honra para mim foi sempre considerada como uma das ultimas conquistas da especie humana. Eu tinha, naturalmente, dado esse conceito, de ser animal como as outras. Não estava em mim contornar o abysmo. Depois, eu sentia, nesse momento, uma vontade esquisita, cheia de curiosidade instinctiva, que me predispunha a conhecer o que me faltava experimentar. A minha imaginação ardia... Foi por isso que eu me entreguei, todinha, ao Vargas. Abandonei tudo. Deixei minha mãe, desprezei meu pae, e abandonei meus irmãos. Depois de casada, cancei-me delle, antes de findar a primeira semana, e comecei, por "sport", a amar indistinctamente. Era o modo mais pratico encontrado para me vingar da affronta do meu ex-noivo.

Deixei o lar, separei-me do Vargas. Como passa velóz o tempo! Hoje tudo me parece morto... Até o amôr tambem morre. Em dezembro do anno passado, á tarde, quando sahia do cinema, encontrei-me cara a cara com o Vargas. Você não póde imaginar como elle ficou quando me viu! Tive pena. Não pense que o meu infeliz mari-

EU SÓ GOSTO DE VOCÊ... — (Cont.)

do tivesse qualquer gesto de revolta contra a minha pessôa. Não, meu amigo. O Vargas, ao primeiro momento, fingiu que não me reconhecia. Notei, porém, que o seu rosto se tomava de uma physionomia triste, vertendo angustia, que tanto mais se accentuava quanto maior era o prazer intimo que eu ia gozando. Receei que elle me viesse falar; mas, não o evitei. Olhou-me demoradamente, estendendo-me em seguida a mão:

"— Oh! Consuêlo, eu bem sabia que ainda nos encontrariamos um dia.

"Calou-se, abaixou os olhos, e eu me sensibilizei deante de sua immensa miseria. Inclinei a fronte, e elle, pela primeira vez, surprehendeu a confusão moral da minha desmedida tortura. Que angustia! Só nesse instante foi que eu vi a profundeza do meu soffrimento e a grandeza do seu coração. Mas, não me era mais possivel evitar o nosso abandono.

"— Você, Consuêlo, tem sido a minha cruz, — disse-me elle, profundamente sentido. Mas, não a maldigo. O instrumento de supplicio que, ha 1932 annos passados, serviu de affronta e de opprobio á execução do Rabbi da Galliléa, é, hoje, o symbolo da veneração dos povos. Veja, eu tambem quero ser o seu Christo.

"E mudando de tom, passou a falar de coisas diversas, todas alegres, mas sem nenhuma importancia para mim. No momento de se despedir, insistiu para que lhe désse a indicação da minha nova residencia. Esquivei-me. Não seria prudente fazêl-o entrar no lupanar em que eu morava com Haydée, a ex-esposa do meu ex-noivo, que o destino unira, casualmente, em nivel tão baixo, numa casa de pensão. Notei que a minha excusa, sem nenhuma razão plausivel, era apenas, um despertar vago de pudor ferido. Admiravel!... Mas, porém, eu transpuzéra o humbral do meu appartamento, o Vargas entrou-me pelo quarto a dentro. Acompanhára-me de longe, como outrora, nos seus tempos de solteiro. Nem sei como narrar a minha commoção. O pobre homem estava verdadeiramente commovido, com apiedado, e falou-me com uma tristeza tão grande, que eu tambem me sen-

OS CABELLOS BRANCOS AFUGENTAM A BELLEZA E A MOCIDADE

Conserve a apparencia dos 20 annos, combatendo os CABELLOS BRANCOS. Algumas gottas de LOÇÃO "CARMELA", ao pentear-se, em poucos dias devolverão aos seus cabellos brancos, a sua côr primitiva e exacta: loura, castanha ou preta. "CARMELA" não tinge porque não é tintura: é uma Loção deliciosamente perfumada, muito usada pela alta sociedade dos mais adiantados paizes do mundo.

A venda em todas as Pharmacias e Perfumarias, em vidros grandes e pequenos.

Peçam prospectos aos distribuidores geraes para o Brasil: Araujo Freitas & Cia. — Ourives 88 Rio de Janeiro

ros annos do seu desterro, começou o duque a colleccionar os mamiferos mais notaveis, os passaros de plumas mais raras, os reptis mais perigosos, com a intenção de, um dia, legal-os á sua patria.

Depois de sua primeira viagem á India em 1887, successivamente visitou as diversas partes da Europa, da America, da Africa, as regiões polares. E, pouco a pouco, foi juntando collecções magnificas que reuniu em seu palacio, nas proximidades de Bruxellas e que, hoje, estão sendo justamente admiradas em Paris.

O transporte desse maravilhoso muzeu zoologico da capital belga para a França fez-se durante varios mezes.

As collecções zoologicas de Felippe de Orléans occupam actualmente quatro enormes salas do Museu de Historia Natural.

No Museu Geral vêem-se, isolados nas suas vitrines, admiraveis exemplares de animaes selvagens provenientes das cinco partes do mundo.

A segunda peça é um diurama consagrado ás regiões árticas. Segue-se, depois, magnificos exemplares da fauna da Africa central, do leste africano e dos Grandes Lagos, lindamente apresentados no seu ambiente natural.

---

sibilizei. Suas palavras eram verdadeiras, profundas, que me abalaram toda. Lembrou a podridão do meio em que eu me encharcára, até convencer-me da necessidade inadiavel de abandonar o antro da minha perdição. Não era por elle que m'o pedia. Não! Era simplesmente por amôr á minha propria dignidade. Como elle estava inspirado nesse dia, e quantos conselhos me deu!? Attendi-o. Nesse mesmo dia, mudei-me para um lindo "bungalow", de sua propriedade, na Tijuca, onde nada mais me faltaria. Todos os dias, depois do almoço, o Vargas ia ver-me, e ali, ficavamos os dois, um deante do outro, a conversar em coisas interessantes. Mas, meu amigo, a mulher casada, que como eu, uma vez manchou o thálamo conjugal, nunca mais deixará de manchál-o. E' uma infeliz que se não rehabilita nunca, incapaz de comprehender a felicidade humana. Eu, que observo as outras, nesse particular, porém, falo, apenas, por mim. Fóra da lama, respirando o perfume puro da bondade generosa de um homem, nunca pude deixar de trahil-o. A minha cabeça estava sempre povoada de idéas sinistras, materiaes, ruins, augmentadas por tentações de volupia, onde melhor estuáva a fraqueza da lascivia que me transformára numa especie ambulante de nymphomanica. Era mais uma questão de organismo. Nunca me fartei. O determinismo ambiente apenas influira no desprendimento elegante da minha falta de pudôr. Era uma conduzida. E assim devia ser. Estava escripto... O tecto honesto, que me abrigára entre flôres de virtude e sorrisos de bondade, passou a ser manchado. Durante a noite, depois, da sahida do Vargas, eu recebia um outro amante. Era uma questão de habito, da qual, não me podia furtar. Desde que nos separámos, nunca mais o Vargas recomeçára as nossas relações de amôr. Era um homem original. Nessa nova residencia vivemos alguns mezes, e eu nunca pude saber quando foi que elle começou a desconfiar de mim. Sempre me apparecia com a mesma elegancia moral, delicado, attencioso, cheio de cuidados, adivinhando os meus pensamentos, fazendo todas as minhas vontades. Não houve uma só occasião em que elle me manifestasse a menor contrariedade, o mais leve resentimento. Era um homem superior, pairando acima das miserias alheias. Mas o diabo tambem vê com os olhos fechados. Uma noite, em que o julgava na cidade, surgiu-me sem que eu soubesse como, ex-abrupto, debaixo da minha cama, como uma visão terrivel! Estava pocesso, e, de revolver em punho, fez, repetidamente, alguns disparos contra o meu infeliz amante, matando-o friamente, sem que me dissésse uma unica palavra. Foi o quadro mais doloroso a que eu já assisti na minha vida. Deante do cadaver, depois de vêl-o exhalar o ultimo suspiro, voltou, contra si, o cano da arma homicida, dando ao gatilho... Um outro estampido repercutiu sinistro. O Vargas acabava de suicidar-se.

Não sei o que houve. Apenas me lembro que despertei pelo rumor da policia. Estava tudo acabado."

Consuélo calou-se, suspirou amargamente emocionada, concluindo, triste:

— Desde essa noite, eu jurei como nunca mais amaria a homem nenhum.

— E agora? — perguntei, com uma calma admiravel.

Ella olhou-me significativa, e rindo:

— Agora!? Ah! meu amigo... Agora, eu só gosto de você...

A Cêra Mercolized é a arte magica do embellezamento

Em uma só noite, e como por magia, a Cêra pura Mercolized, redime o rosto feminino de todas as imperfeições que o affeiam e o envelhecem. A Cêra Mercolized applicada durante a noite emquanto a pessôa repousa, provoca a quéda paulatinamente, e em particulas imperceptiveis, da epiderme exterior da cutis, fazendo com que á superficie venha resplandecer uma nova cutis, fresca exuberante e bella como a da mais plena juventude. Adquira a Cêra Mercolized na pharmacia e faça uso methodico e continuado, segundo as instrucções respectivas.

As tablettes de "Stymol" rosado, dissolvidas em agua tépida, dão uma efficassima solução para a instantanea extirpação dos cravos.

A Cêra Mercolized, é vendida no Brasil pelo preço de Rs. 12$000 e 7$000

SONHO DE GLORIA

ESTAVA convicto de ter descoberto o vôo do homem. E passava dias inteiros a pensar na descoberta. Porém nada havia de positivo, porquanto não fizera absolutamente prova alguma experimental. Era tudo obra da imaginação e nada mais. Comtudo de si para si, pensava elle já ter feito muito. A coisa era quasi certa: consistia em abrir os braços, reter tanto quanto possivel a respiração nos primeiros instantes, mas restava ainda alguma coisita mais. E acêrca do resto é que estava o rapaz parafuzando.

Antonio Antunes encontra Joaquim das Torres, seu velho companheiro, amigo da infancia, e conta-lhe tudo. Em pouco tempo lhe andaria o nome em todos os jornaes. O nome e o retrato tambem. E muita gente havia de se envaidecer por ter o mesmo nome delle, tão cheio de glorias.

Não o largava a volupia das entrevistas, das recepções officiaes, do gozo de saber andar a multidão de curiosos com ansia de o conhecer. Um mundo de glorias para este mundo e para o outro!

O companheiro ouve-o attentamente, já com um bocado de inveja, e applaude-lhe a idéa vertiginosa. Será o inventor o homem mais glorioso do globo terraqueo quando for uma realidade o seu sonho gigantesco. Toda a gente lhe chamará o sabio, o scientista. Dá-lhe conselhos, e o pseudo-inventor sae muito contente e muito animado.

Não obstante a bôa acolhida dada ao invento do outro, não fica Joaquim das Torres satisfeito comsigo proprio. E' mais velho, fôra sempre mais estudioso, destingui-ra-se mais nos collegios; é optimo guarda-livros, emquanto o inventor nunca passa de caixeiro do balcão.

Não está certo! O nome deste vae ser glorificado, citado a todo o momento pelos jornaes; entanto ninguem sabe quem é Joaquim das Torres, guarda-livros distincto, estudioso, homem de mais letras que Antonio Antunes...

Não está certo! Vae ver si descobre o vôo do homem antes do velho companheiro. A este falta ainda um resto; e este restinho é o principal da coisa. Vae fazer esforço sobrehumano por descobrir o que falta, vae parafusar no caso.

Os pioneiros do vôo são filhos do Brasil, e, comquanto Joaquim das Torres não seja brasileiro, adora esta maravilhosa terra de Santa Cruz e quer dar-lhe mais esta primasia em relação á nova descoberta.

Só depois de voar no aerostato por elle inventado, resolve o brasileiro Bartholomeu Lourenço de Gusmão fazer uma petição a sua majestade D. João V, rei de Portugal na qual diz ter "descoberto um instrumento para andar pelo ar", etc...

Só depois de executar officialmente uma viajem aerea sobre Paris, determinando tempo, distancia, logares e resolvendo definitivamente o problema da dirigibilidade do balão, entrega o brasileiro Alberto dos Santos Dumont o seu invento á civilização hodierna, vindo realizar mais tarde, e pela primeira vez, um vôo em apparelho mais pesado que o ar.

Só depois de voar sem azas na zona subtropical brasileira, sob o céo de anil do Rio de Janeiro, não contando com instrumento algum scientifico, senão com os recursos proprios de que dispõe o proprio homem, com a fé em Deus, com sua força de vontade, permittirá Joaquim das Torres ser dado conhecimento do seu sonho cuja realidade marcará o maior feito do talento inventivo.

TOSSE? HUSTENIL

De Hormino Lyra

E antegoza a gloria de maravilhar os olhos do genero humano com o seu invento maravilhoso. E já se sente maior que o padre Bartholomeu e o engenheiro Dumont!

Porem não é só com a faculdade de imaginar que se resolvem os grandes problemas; chega o dia de entrarem no dominio da experiencia, da pratica, como acontecêra com relação ao caso presente. Assim, Joaquim das Torres ascende ao segundo andar de um sobrado, accende dentro do peito o facho da esperança e vae ver si se mantém no ar sem azas.

Só ouve falarem em vôos: vôam os passaros, ha peixes voadores, vôa o mais pesado que o ar pois o mais leve não causa admiração, vôa o aviador em cima do avião, vôam os sonhos que não voltam aos corações, vôa o *picarêta* em direcção da gente, vôa o politicante rhetorico p'ra cima do eleitor, o tempo vôa, vôam as palavras, vôa o Don Juan sem as azas de Cupido, vôam os miolos do suicida com um disparo na cabeça, vôam os veados, os cavallos nas florestas, nos campos, vôam as folhas, as flores á mercê dos ventos, tudo vôa, vôa tudo, e por que não ha elle de voar tambem?...

Nada de timidêz!... Portanto, trepa na janella que dá para uma area e, do segundo andar, sem olhar para baixo, abre os braços, retêm a respiração e desprende o vôo. Tem, porém, muita sorte, pois se embaraça nuns fios de telephone ou de luz electrica, numas cordas de enxugar roupa e cae no chão com a cara partida, cabeça gretada e contusões em todo o corpo!

No dia seguinte, noticiam os jornaes ter tentado suicidar-se o individuo Joaquim das Torres, jogando-se do segundo andar de um sobrado.

Antonio Antunes lê a noticia e corre ao H. P. S. Ao avistar o companheiro com a cabeça cheia de algodão, de pontos falsos, fala-lhe sem pontos de reticencia:

— Que é isso, meu amigo?! Pois estivemos juntos, ha poucos dias, e não tiveste coragem de me contar os teus males!... Eu sou teu verdadeiro amigo e tudo faria por ti... Dinheiro? Eu t'o daria com prazer... Qual o motivo de resolveres suicidar-te? Conta-m'o. Conta-m'o. Quero vir ao teu auxilio.

O pseudo-suicida põe os pontos nos ii:

— Não foi suicidio, affirmo-t'o. Quiz descobrir o vôo do homem primeiro que tu, com coragem e no dominio da pratica. A primeira experiencia foi bem bôa, mas fui um pouquito infeliz na *aterrissage!* Porem, quando ficar restabelecido, será uma realidade o meu sonho de gloria.

O mendigo. — A senhora terá, por acaso, um pouco de pão duro?
— Certamente que sim.
Então eu voltarei outro dia...

URODONAL

e a Gotta

A gotta provem como o rheumatismo, com o qual não deve ser confundida, da diathese arthritica. A gotta é pois, afinal de contas, uma forma de uremia. Isto é o envenenamento do sangue pelo acido urico e uratos. O que interessa aos gottosos é saber que fabricam acido urico em excesso; ser-lhes-á portanto necessario sujeitar-se a uma dieta, não abusar da alimentação, abster-se de trufas e vinhos, de extra-dry e caça, evitando ao mesmo tempo os resfriamentos e fazer exercicio para queimar os seus excreta. Ser-lhes-á necessario, além disso, eliminar a sua plethora eliminando o acido urico naturalmente insoluvel o que é o papel do URODONAL cujo poder dissolvente é 37 vezes maior que a lithina e absolutamente inofensivo, substituindo-a por completo. O professor Lancereaux, ex-presidente da Academia de Medicina de Paris, recommendou o URODONAL, no seu tratado da gotta, bem como numerosos outros professores.

O URODONAL
limpa o rim, lava
o figado e as articulações.
Torna flexiveis as arterias
e evita a obesidade.

Urodonal

Rheumatismo
Lithiasis
Arterio-esclerose
Azia

COMMUNICAÇÕES
Acad. de Medic., 10 de Nov. de 1908
Acad. das Scienc., 14 de Dez. de 1908

Approvado pelo Departamento Nacional da Saúde Publica do Rio de Janeiro, N. 89. - 10 de Junho de 1910.

Urodonal

O martyrio do gottoso.

Etablissements CHATELAIN
12 Grandes Premios
Fornecedores dos Hospitaes de Paris.
2 et 2 bis, rue de Valenciennes, Paris
A venda em todas as pharmacias e no depositario ou representante.

Depositarios exclusivos: ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Uruguayana, 27

HOTEL BAYARD
No centro de PARIS.
17 RUE CONSERVATOIRE
Quartos com sala de banho e pensão desde 65 francos diarios.

Ha pouco, um cavalheiro ao ser apresentado á joven escriptora Conchit Cid, nossa formosa collaboradora, declarou, peremptorio:

— Conheço-a muito de nome... Leio-lhe as chronicas com prazer. E já comprei o seu livro de contos...

— Qual?—indagou a escriptora.

— "Meu maridinho"...

Conchit Cid ficou lisonjeada, mas sorriu com embaraço. Limitou-se a agradecer:

— Muito obrigado.

Porque o interessante de tudo isso é que o seu livro ainda não foi publicado. O cavalheiro amavel e lisonjeador conhecia-lhe apenas o titulo, através de uma noticia de propaganda.

Como vê, a resposta que me pede, ahi está perfeitamente de accordo com a sua missiva: — sem pé nem cabeça...

CHIFFONETTE (Minas) — V. ex. me escreve uma carta longa, para dizer, finalmente, que me apparece porque mando os poetas ás favas, e me julga um philosopho. Isso, depois de asseverar que só conhece os titulos de algum dos meus livros... e tem dezenove annos apenas...

Pede ainda não publicar a sua missiva — como si alguem, pelo seu texto, identificasse a sua autora...

Louvado seja Deus!

Tambem deseja uma resposta.

Mas responder o que?

Quanto ao seu juizo, relativamente aos poetas, devo dizer que estes, certamente, ficariam contentes, si eu agisse, do mesmo modo, em relação ás missivistas sem assumptos.

Titulos dos meus livros!

Ora, eu só tenho dois: "O Suave enlevo" (poema) e "Uma garçonne carioca", (romance). Será esses que conhece? Peor poderia ser...

Ha pessôas mais interessantes.

RUDE VILMAU (Alagôas) — Olá, poeta! Como vae o Jayme d'Altavilla — esse magnifico poeta, que, pela primeira vez no Brasil, engastou o pronome *você* em soneto, dando-lhe um encanto e um colorido, que os mediocres imitam mal e estragam?

O *voccismo* é hoje uma escola, muito parecida com o *intimismo*, ou melhor, é uma variante desta. Mas, ou é feita com aquella graça do Jayme, ou não se faz para evitar o ridiculo.

E' o seu caso, poeta Rude. O seu poema é um monstrengo. Não pelo *você*, mas porque o sr. não soube ser poeta...

Vejamol-o:

O MEU GRANDE RECEIO

— Porque? Não me pergunte, nunca, porque
eu sempre sou, assim, mudo e indifferente,
quando me encontro na presença de você.
Convem não insistir, não lhe direi jamais.
Para não perturbar esse encanto, minha amiga,
prefiro silenciar, pois o silencio me trás
a lembrança feliz duma amizade antiga.

E, se um dia qualquer, eu lhe falasse, talvez,
você se puzesse a rir de mim, impiedosamente,
porque você mesma disse (e não foi uma só vez)
que não tem coração e nem alma como a gente.

E você sendo assim, eu me calo, já se vê,
com receio de falar, de dizer simplesmente;
que eu gósto muito, mas muito mesmo de você.

Oh! a epidemia dos máus poetas!

O sr., caro Rude, não podia ter dito tudo isso numa prosa sadia? Por que fazer verso ruim?

UBIRAJARA (S. Paulo) — O sr. a se queixar de mim. No emtanto, o seu soneto, dedicado ao Gustavo Barroso, já foi publicado por mim. Mas, si não o foi, sel-o-á certamente.

Quanto á sua carta, ella representa um applauso ao meu livro que, segundo observa, encerra, de facto, uma grande lição de moral. Entretanto, como o julgam forte, deixei de aconselhal-o ás senhoritas. Tenho fé, porém, em que elle ainda venha ser considerado um livro util ás moças inexperientes e aos paes descuidados.

Demos tempo ao tempo. Os homens de bem me hão de fazer justiça. E estou certo de que os meus inimigos e detractores ficarão desmascarados.

Deixe publicar a sua missiva na integra:

"Illustre Poeta Bastos Portella Meu Saudar. Com esta é a terceira carta que lhe endereço, solicitando-lhe um favor que tantos outros lhe pedem constantemente e que o senhor sempre respondeu. A mim, não sei porque motivo, é que o senhor ainda não se dignou a dar o prazer da sua resposta tão desejada e já, se me não engano, ha seis mezes que lhe enviei a primeira carta. Nunca pensei que fosse tão custoso obter-se uma palavra sua, mesmo desanimadora. Se me não fosse dado possuir a paciencia e a persistencia que possuo, não lhe escreveria mais, porque, quem sabe? talvez, o senhor faça com esta o que supponho muito provavel tenha o senhor feito ás outras duas anteriores. Comtudo, vou solicitar, pela terceira vez, ao senhor o grande favor de ler o incluso so-

COPACABANA
PALACE HOTEL
Situado no bairro aristocratico do Rio de Janeiro, dominando toda a praia de Copacabana e o seu maravilhoso panorama.
AVENIDA ATLANTICA
Tel. 7 - 1400

neto — "As duas forças" — que dediquei ao pujante escriptor Gustavo Barroso, num preito de admiração ao seu fecundo talento — e de me responder se nelle ha algo de bom, se póde ser publicado nas paginas do "Fon-Fon" e se eu posso offerecer de quando em vez como collaborador.

Agora permitte-me cumprimentar-lhe pela brilhante victoria conquistada com a publicação do seu romance — "Uma Garçonne Carioca" — Como estrea o senhor foi muito além de toda a expectativa e outra coisa não era de esperar em se tratando do senhor. E' uma verdadeira consagração. O senhor descreve com uma fidelidade, difficil de ser superada, essa vida moderna hypocrita, viciada, cheia de calculos e dessimulações. O senhor focalisa com uma sinceridade sarcastica, violenta e impiedosa em Maria Lucia, André Guria, Roberto Luna e Paulo Motta, typos padrões communissimos na nossa sociedade sempre cega para os seus crimes e suas torpezas. E' pena que Maria Lucia não possa servir de exemplo ás mocinhas de hoje, porque, ao contrario da intenção com que o senhor escreveu e da dura lição que encerra, ellas hão de sempre proceder. A mulher gosta muito de ser aquillo que não gostamos que ella não fosse e tudo quanto lhe parece conter o sabor do fructo prohibido, excita-lhe os sentidos e cega-lhe a razão.

Que o Escriptor não adormeça com os louros colhidos e por colher, como fez o Poeta.

Aguardando sua resposta ao meu pedido, subscrevo-me gratissimo, um seu admirador sincero e ás ordens. Pseudonymo: — *Ubirajara.*"

MIRIAM LUCIA (E. do Espirito Santo) — Ai, ai Jesus! Que me diz a senhorita? Então, eu sou ironico, e a ironia, amiga despotica, que me acompanha sempre, é coisa que lhe infunde piedade?

V. ex. é uma creatura adoravel. E, de certo entrará no reino da gloria, com aquelles bemaventurados do *Sermão da montanha*...

Mas, não quero privar as suas *collegas* e collegas do encanto da sua deliciosa missiva...

La vae ella:

"Yves: O meu saudar. Pelo Fon-Fon de sabado recebi sua resposta. Você através das suas frases aparece como sempre: ironico...

Julgo, Yves, que a ironia é uma sua amiguinha mui querida... u'a amiguinha desde a infancia, muito despota, embora, e a quem você hoje e sempre, tem que agradar, servir e estimar... Que imperou nos seus brinquedos infantis, nos seus menores atos, nas suas amizades, fazendo de você um escravosinho gentil, submisso ás suas ordens... Que lhe acompanhou mais tarde pela vida afóra, velando sempre pelo seu menor gesto, fazendo com que você se esquecesse dos outros; e visse no seu caminho somente "ela".

Que amiguinha despota você possue, hein, Yves?

E no entanto, você a estima bem...

Quanto ao seu elogio, não posso aceital-o. Desculpe. Não foi você que m'o fez, foi a sua ironia, e tudo que é ironico eu detesto.

Você pensou que eu o aceitaria? Ora! E' crêr de mais na ingenuidade dos outros, "seu" Poeta-ironico.

Mirian Lucia

P. S. Não creia que me senti ofendida com suas palavras, como você escreveu no "Saibam Todos". A pessôa ironica não me ofende; infunde-me piedade."

A sua carta, como vê, não é para ser respondida: é para ser lida e admirada, — do mesmo modo que se admira uma coisa curiosa ou engraçada.

Exemplo: uma gallinha de tres pernas, um kagado de chifre, uma mulher de bigode ou careca; um homem que andasse pela vida, exhibindo um vestido de Lucien Lelong ou Paquin; um cachorro com cauda de gallo,—para atrapalhar...

Pois não é? A sua missiva é magnifica para ser lida e admirada como uma coisa interessante. E por que? Por ter saido de um cerebro ainda mais interessante...

Até sabbado, sim?

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 30 - 4 - 932

Data da consulta..............

Nome da consulente............

....

HOTEL GLORIA

O hotel preferido das élites do turismo, desfructando de um magnifico panorama e com toda a facilidade de communicações.

PRAIA DO RUSSELL

Tel. 5 - 3003

PARIS

HOTEL CELTIC

6, Rue BALZAC

CHAMPS - ELYSEÉS

Quarto com 3 refeições, por pessoa e por dia 70 a 85 francos

Quarto com 3 refeições, com sala de banho, por pessoa e por dia 80 a 110 francos

ESPLENDIDO CORPO MUSCULAR E VITALIDADE RADIANTE PARA HOMENS FRACOS E DEBEIS

Um homem vigoroso com muita energia é sempre admirado

Qual é o homem com quem as moças desejam dançar em uma reunião — que as faz estremecer cada vez que apoiam em seus hombros largos e seu corpo bem desenvolvido — que está sempre rodeado de um nucleo de amigos — que obtém exitos e progride nos seus negocios?

Póde V. S. estar certo de que é o homem vigoroso, de poderoso physico; o homem robusto em cuja apparencia se nota á primeira vista — vida, energia e firmeza.

Saberá que agora é cousa muito facil para V. S. tambem conseguir varios kilos de carnes sólidas — adquirir um physico invejavel de athleta com um maravilhoso desenvolvimento muscular?

As Pastilhas McCOY de Oleo de Figado de Bacalhau contêm os ingredientes scientificos que estão dando resultados maravilhosos para reconstituir a saúde de homens debeis, fracos e nervosos. Já não é necessario tomar o oleo liquido que é tão bom porém summamente indigesto e de máu sabôr. As Pastilhas McCOY de Oleo de Figado de Bacalhau contêm todas as maravilhosas propriedades do oleo liquido sem sabor nem cheiro e o que é ainda mais commodo, são tão efficazes no verão como no inverno. Dar-lhe-ão o prazer de sentir-se varios annos mais joven e a apparencia de um homem robusto e prospero. Vendem-se em todas as bôas pharmacias e as crianças tomam-n'as com facilidade. Um menino de nove annos augmentou 7 kilos em dois mezes. Uma senhora augmentou 3 kilos em duas semanas.

REMINICENCIAS... *(Fantasia historica)*

O palacete do senhor marquêz de Barbacena refulgia de luzes. Caldeira Brant, para commemorar a chegada da loura e romantica d. Amelia Eugenia Napoleona de Leuchtemberg, que tivéra a honra de conduzir ás plagas brasileiras, e como um agradecimento á Imperatriz, por ter esta conferido, dias antes, ao fiel servidor, a Grã Cruz da Ordem da Rosa, offerecia a suas magestades e á sociedade fluminense um grande baile.

A cada momento, parava á porta da esplendida vivenda ricas carruagens, conduzindo os mais altos dignatarios do Imperio: era o senhor visconde do Rio Sêcco, o senhor conde de Palma, os barões de Santo Amaro, a condessa de Itapagipe, a condessa de Belmonte, a marquêza de Itaguahy, emfim, tudo o que havia de mais proeminente na sociedade fluminense.

Seriam onze e meia, quando o reposteiro mór, imponente na sua farda verde com canhões dourados, annunciou solennemente:

— Suas magestades imperiaes!

Um "frisson" percorreu a sala, e todos os olhares se dirigiram para a porta de entrada, em cujo limiar, segundos depois, appareciam os augustos convidados. A orchestra rompeu o Hymno Nacional, e uma salva de palmas saudou os illustres visitantes. D. Amelia, sorridente, agradecia, com graciosos acenos de cabeça, aquella manifestação espontanea de seus vassalos. D. Pedro, hirto e solenne, mettido numa casaca de riço verde, o peito coruscante de crachás, agradecia da mesma fórma os applausos que lhe dirigia aquella sociedade requintada. Barbacena foi-lhes ao encontro, e alli mesmo no meio da sala, deante de toda a côrte, d. Pedro, numa daquellas expansões escandalosas que lhe eram peculiares, abraçou-o effusivamente. Era a demonstração publica da sua amizade pelo velho marquêz.

O baile recomeçou com o mesmo brilho de antes, e, agora, Luis Lacombe, o mestre sala disputado nas reuniões elegantes, annunciava uma quadrilha! A Marquêza de Barbacena organizava os pares: o marquêz de Paranaguá com a condessa de Belmonte; o visconde do Rio Sêcco com a marquêza de Itaguahy, o embaixador da Inglaterra, Sir Chamberlain, com a elegantissima marquêza de Gabrillac, embaixador de França, e assim por deante, num delicioso afan de agradar a todos.

Os pares enfileirados aguardavam a ordem de Luis Lacombe:

— *Attention!*

— *En avant tous!*

E, assim, num ambiente de alegria, se prolongou o baile memoravel, até os primeiros albores da madrugada.

No dia seguinte, não houve rodinha, da cidadezinha colonial, em que não se commentassem as effusões do imperador pelo marquêz de Barbacena.

— O Barbacena cahiu nas graças de sua magestade; daqui a alguns dias, estará primeiro ministro!...

A amizade de d. Pedro pelo Barbacena tocava ás raias do exaggero: Barbacena para cá Barbacena para lá, mandava buscál-o em casa para passar os dias inteiros no Paço, emfim, tudo fazia para mostrar o seu reconhecimento ao homem que lhe trouxéra aquelle anjo de dezesete annos, a bôa d. Amelia.

Uma manhã, d. Pedro levantou-se irritadissimo e, chamando o Chalaça, ordenou que procurasse todos os ministros para uma reunião no Paço. Estava descontente com o Ministerio, devido a certos actos commettidos ultimamente. Recommendára tambem que chamasse o Barbacena, pois tinha importante entrevista com elle.

Quando o marquêz penetrou no salão de despachos, ouviu ainda as ultimas palavras do imperador dirigindo-se aos seus auxiliares:

— Está demittido o ministerio, meus senhores! E podem retirar-se, estão ouvindo?

E, num daquelles seus rompantes, indicava-lhes a porta de sahida.

— Meu Barbacena, vocemecê é o unico homem capaz de organizar um ministerio!

A nova correu célere pela cidade: o Barbacena acabava de ser nomeado primeiro ministro! E á tarde, quando atravessava o largo da Carioca em demanda á casa, descoberto por um transeunte, recebeu enthusiastica manifestação popular:

— Viva o novo primeiro ministro!

— Viva o marquêz de Barbacena!

O seu agradecimento foi um:

— Viva d. Pedro Primeiro!

E assim, entre as mais enthusiasticas manifestações, Barbacena attingiu ao pinaculo da sua carreira politica, prestigiado pelo imperador e definitivamente consagrado pelo povo.

PAULO VALLADARES

UMA ESTRANHA TRAGEDIA DE AMOR

NUNCA amei, com o que se chama amôr, senão a uma mulher na minha vida — disse Gustavo Rivalle. E este amôr custou-me algumas horas de pavor, de que, depois, já, de tantos annos, o meu espirito ainda evoca, constantemente, a recordação.

Conheci Marianna em casa de uma familia de minhas relações de amizade. O "coup de foudre" não passa de uma palavra, está certo. Mas, desde o primeiro encontro, nasce entre duas creaturas destinadas a se amar, uma especie de chamma que projecta, de um para o outro, uma especie de effluvios dimanados do mais profundo dos seus seres. Ellas sabem, antes de o dizerem, que se unirão, cedo ou tarde, de alma e de corpo e que para conseguir esse objectivo vencerão todos os obstaculos. Tal foi o sentimento que nos impelliu um para o outro, a mim e Marianna.

Tinha ella, então, vinte e cinco annos: sua belleza morena e pallida foi que me agradou e prendeu. Tambem me falou, com franqueza, da sympathia que eu lhe inspirára. Andava pelos meus trinta annos: era robusto, sadio, enthusiasta e alimentava o ardente desejo de dedicar á mulher que o meu coração elegesse e escolhesse os primeiros successos da minha carreira.

Na vespera, sob o transporte do meu enthusiasmo na palestra que mantive com Marianna esquecêra-me de perguntar a ella, ou aos amigos da casa em que a conheci, se era livre. Soube por ella mesma, no dia seguinte, que era casada ha três annos com um grande industrial. Marianna sequer não me encobriu que devia a esse homem toda a sua fortuna, nem que elle era bom, posto que um tanto violento e rispido. Esta violencia explicava-se, porém, com a sua compleição de sanguineo e o estado de continua preoccupação em que lhe traziam o espirito os importantes negocios que superintendia, ramificados por toda a Europa.

Ella era-lhe reconhecida, grata. Repugnava-lhe a idéa de sabêl-o infeliz — sobretudo por causa della — mas não o amava com amôr.

Durante quasi um mez vimo-nos diariamente e cada dia que se passava nos accentuava a impressão de que o inevitavel iria verificar-se. E foi Marianna que me disse:

— Depois de amanhã e por três semanas, ficarei só. Elle parte para a Hespanha, em viagem de negocios. Durante esta ausencia irei passar oito dias em casa de uma amiga. E esta amiga, que me é tão devotada como uma irmã, se encarregará de receber e expedir minha correspondencia. Assim, durante oito dias serei inteiramente sua.

Escutava Marianna falar com uma phrenesi de alegria intensa, sob o suave encanto de uma felicidade inesperada. Ella proseguiu:

— Depois de amanhã, pelas seis horas, espere-me em sua casa.

— Fechar-nos-emos ahi durante uma semana, gritei-lhe com um riso de apaixonado.

— Faremos o que nos agradar, disse ella amorosa e ternamente, porque serei sua, só sua...

* * *

Por medida de prudencia, no dia immediato não nos encontrámos. A' noite, porém, ella telephonou-me, communicando-me que tudo ia bem. E, no dia combinado, amanheci num estado de verdadeiro nervosismo. Impaciente, dei folga ao meu creado e sahi, indo jantar num club. Ás nove horas, deixei o "cercle", e, a pé, dirigi-me para casa.

Bello frio de inverno. Era agradavel marchar um pouco com o tempo que fazia, sob o céo que a lua illuminava. Meu coração pulsava alegremente. Entro assim em minha casa. Abro a porta, atravesso uma pequena ante-sala e ergo o reposteiro do meu "studio" banhado pela luz suave da lua... De repente, sinto o sangue fugir-me, minha pelle eriçar-se de pavor... Um grito morre da minha garganta... Ao clarão pallido do luar, coado pelas vidraças da minha janella, vejo, vislumbro um ser humano sentado na cadeira da minha secretaria. Sentado, mas com o dorso cahido para a frente, como se estivesse adormecido, com a cabeça quasi recostada sobre a minha pasta!

Não sou medroso. Si, entrando em minha casa, se me deparasse um ladrão, um assassino, de pé, agindo, certamente que eu teria um momento de medo, mas procuraria domináI-o, mesmo por simples movimento de reacção e defesa... Mas o que eu tinha deante de mim era um corpo inerte, que nada me respondia:

— Quem está ahi? Levante-se! Levante-se!

Meu braço tremia de tal maneira que não acertava com o botão da lampada electrica, collocado ao alcance da minha mão. Emfim, consegui fazer luz. O corpo era de um homem robusto alto, vestido de sobretudo. Seu chapéo rolára sobre o topete. Sua cabeça ficára meio virada sobre a secretaria, quasi de perfil, de modo que eu via sua bocca entreaberta e seus olhos fixos. De novo assaltou-me o pavor:

— Mas... está morto!

Um cadaver no meu "studio"! Trazido, arrastado por que? E por quê? Parecia não haver ferimento. Fitava-o quasi allucinado... Que deveria fazer?... De subito tive uma idéa: com certeza, o criminoso queria desviar as suspeitas e ahi deixára sua victima para que eu passasse pelo assassino.

Corri para o telephone afim de

(Continúa na pag. seguinte)

chamar a policia, quando soou a campainha da porta de entrada.

Achava-me num tal estado de nervos que minhas pernas me faltaram e meus dentes começaram a bater... De novo tocaram. Seria a policia? Fui abrir. Era Marianna... Ella chegava com um doce sorriso commovido que logo lhe fugiu dos labios, quando attentou na minha physionomia transtornada:

— Mas, que é isto, que ha?

— Minha querida, supplico-lhe, não entre... Ha um morto...

— Um morto?... Quem é esse morto?

UMA ESTRANHA TRAGEDIA DE AMOR

(Continuação)

— Não sei... um desconhecido...

— Um desconhecido... morto em sua casa?

— Mas, sim! Em minha casa! E' de se ficar louco! Creia que não me supporá um assassino... Aliás, vou prevenir a policia...

Volte para sua casa, minha querida... Logo que me desembarace disto, chamál-a-ei... Veremos onde nos encontrar...

Mas, emquanto eu falava, impellido por irresistivel curiosidade, ella se encaminhava para o meu "studio":

— Querida, peço-lhe! Poupe-se de semelhante espectaculo!

— Terá você alguma cousa a esconder-me? disse quasi rispidamente. Esse homem não será uma mulher?... Uma amante trahida?...

— E' um homem, juro-lh'o! Um homem!

— Quero vêl-o! Sei o que é um cadaver...

E entrou. E logo soltou um grito, um uivo de féra ou de louca:

— E' elle! E' meu marido! Você o matou:

Pensei perder a razão:

Que lindas carinhas!...

(Estrellas: E. Barrada, Imperio Argentina e Rosita Diez).

O segredo para possuir uma cutis lisa, uniforme e attractiva, revelado por uma doutora de belleza.

Eis o conselho da Doutora Leguy, para as mulheres que desejam manter a belleza do rosto.

1.o) — A noite faça uma massagem branda com o creme Rugol para remover a terra, o sujo, as secreções e o suor que se accumulam durante o dia, esfregado depois com uma toalha secca para limpar bem.

2.o) — Ao levantar-se pela manhã lave o rosto com agua quente e termine enxaguando-o com agua fria. Depois passe o creme Rugol tirando o excesso com uma toalha e applique o pó de arroz. O collo tambem deve ser cuidado do mesmo modo. Não se esqueça.

NOTA — *Este tratamento deve constituir um habito diario, incessante e não de semanas apenas. No culto á belleza reside a força da mulher.*

POR UM OLHAR APENAS...

O que o impressionou profundamente foi a alegria daquelles olhos quasi negros. Quanta coisa bonita elle quiz dizer quando os encontrou pela primeira vez, quando os sentiu dentro dos seus!...

Talvez nunca em sua em vida elle tivéra a historia vulgar da alegria de uns olhos... Talvez agora, para elle, a emoção daquelle encontro abrisse seu coração para um longo affecto, transformasse sua vida na sinceridade desse devotamento que, apenas, começava... Elle, que olhára a vida com desprezo, que procurára sempre exgotál-a na immensidade do tempo, gastál-a com a falsidade das emoções compradas, sentia, agora, uma felicidade immensa em fitar aquella frágil figura de mulher...

Nunca pudéra acreditar que a singeleza de um olhar pudesse unil-o eternamente a alguem... Ria-se quando um amigo lhe annunciava uma paixão que viéra do imprevisto, de um gesto qualquer, e sentia que a sua tambem viéra assim: num rapido encontro de olhos... Andava pelas ruas sem destino, parava deante das vitrinas e parecia ver os olhos daquella mulher sempre, sempre dentro dos seus... Quando sozinho, na penumbra e no silencio do seu appartamento, buscava na sua imaginação o vulto della, tudo se transformava dentro delle e, então, sorria feliz para a vida. Ah! se pudesse falar-lhe, dizer-lhe tudo o que naquelle instante sentia, offertar-lhe com a sinceridade dos seus gestos a emoção maior que elle começava a viver; talvez ella não lhe ouvisse as palavras, mas a vibração do enthusiasmo que lhe andava lá por dentro...

Nunca, talvez, aquelle homem, por mais que se esforçasse, pudesse explicar a si mesmo porque a força daquelles olhos o prendêra tanto! Elle, que sempre tivéra tantos olhos para olhar os seus, tantas bôccas para beijar a sua, tantas mãos para tocar as porprias mãos!

— Seu marido?... Eu tê-lo assassinado?... Mas, juro-lhe que o encontrei ahi, assim como está!...

Sem uma palavra, como uma louca ella fugira emquanto eu gritava... Então, pouco a pouco consegui dominar-me um pouco. Chamei a policia. Um quarto de hora depois, o commissario tomava o meu depoimento.

A innocencia tem clamores invenciveis. Além disso o medico legista não encontrou no corpo qualquer signal de luta, nenhuma marca de violencia, e concluiu pela morte repentina em consequencia da ruptura de aneurisma.

Mas, o inquerito não podia ficar ahi: porque esse homem morrêra em minha casa?

Vistoriaram o cadaver. No bolso do sobretudo, um revolver carregado... e uma chave... A chave de entrada do meu appartamento!

Novo mysterio: Como a teria elle obtido? Não o fôra por meu intermedio... Então, como? Os policiaes penetraram no 6.º andar afim de interrogar o meu creado: elle não estava no seu quarto. Nada, porém, de anormal ahi. No dia seguinte, porém, elle não veiu para o serviço. Por que?...

Oito dias depois, a policia, de indicio em indicio, foi descobril-o na provincia.

Confessou tudo: o marido de Marianna, que suspeitava da fidelidade da mulher, comprára-lhe, a peso de ouro, a chave do meu appartamento. Em vez de tomar o trem, para a viagem á Espanha, elle penetrára no meu appartamento, durante a minha ausencia, decidido a nos esperar e matar, a mim e Marianna, quando entrassemos juntos. Mas fôra elle que alli cahira fulminado por uma embolia ou uma congestão cerebral, que nos salvou...

Os juizes, a cujos olhos resaltava a minha innocencia, tiveram o tacto de guardar segredo sobre esta atroz e horrivel aventura: nem meu nome nem o de Marianna appareceram. Mas, entre nós dois, ficou, para sempre, o morto... o morto que nos quizéra matar... e que matou o nosso amôr...

Revi Marianna. Conservamo-nos amigos... Um anno depois da morte do marido — sem duvida para fugir á horrivel obcessão — ella casou-se com o primeiro que se lhe apresentou. Quanto a mim, resolvi jamais casar-me.

HENRI FORK

Como se deixára escravizar, se entregára ao despotismo de um sentimento que sempre desdenhára?...

Então, começou a comprehender que a vida não era, apenas, para ser gasta, mas, para ser realmente vivida... Não era um desencadear tumultuoso de paixões e de vicios, mas a busca da felicidade dentro de um sentimento maior.

E abandonou os amigos das taças de champagne, fugiu da volupia das lampadas veladas, para se entregar a alguma coisa que na vida é mais que tudo, porque é a propria força que a anima para uma finalidade nobre.

Reconheceu todas as negridões passadas e procurou naquelle affecto um scenario novo que escondesse todas as horas que elle vivera.

E, de facto nunca mais na sua imaginação se desenharam aquellas figuras exóticas de vicio e de peccado... Tudo para elle agora era de um ineditismo encantador, se apresentava com uma feição nova de deslumbramento.

Sentia-se immensamente feliz em ter nas suas mãos, a maciez das mãos daquella a quem verdadeiramente amava.

Sorria, porque o sorriso della o convidava a sorrir...

Cantava a sua alegria, porque fôra ella quem lhe trouxéra, nos labios, nas mãos, nos olhos, toda a belleza que elle não conhecêra ainda...

E ella é agora e para elle toda a sua felicidade, que se completou com a brancura de uma grinalda e o cheiro suave de muitas flores de laranjeira...

Ninguem lhe fala da sua transformação, mas elle guarda nitidamente nos olhos a impressão primeira que se renova a todo o instante...

Ninguem concebe onde elle busca tanta ventura, porque só elle sabe da alegria daquelles olhos... quasi negros...

J. M. BRINCKMANN

Quando os sapatos brancos começam a ficar feios e surrados, é quando o Bon Ami melhor demonstra a sua efficacia para restituir-lhes o bom aspecto.

Bon Ami não se limita a encobrir as partes sujas. Absorve e remove a sujidade, deixando os sapatos como se fossem novos. Excellente para toda a especie de sapatos brancos, exceptuando os de pellica. Deixe o asseio do seu lar a cargo do Bon Ami. Leia as suas applicações e compre um tijolo hoje mesmo.

Distribuidores: no Rio de Janeiro
TELLES, IRMÃO & CIA. LTDA. — ANTONIO BRAGA & CIA.
Caixa Postal No. 1721, São Paulo — Rua da Candelaria, 28/30

A VENDA EM TODA PARTE

Bon Ami

BON AMI LIMPA

Banheiras . . . Azulejos
Espelhos . . . . Marmore
Madeira esmaltada e Oleo
Latão . . . . Aluminio
Cobre . . . Esmalte
Linoleum . . . Vitrinas

A GLORIA

De JOÃO RAMOS

—«É, geralmente, assim; a Gloria só sorri após a morte!"

A estas palavras, como se exercessem poderosa influencia sobre a sua pessôa, o passageiro sae bruscamente da abstracção que se via.

A Gloria! Tambem a tentára elle! Quantas e quantas vezes, pondo de lado o pincel e a palheta, ficava a contemplar extasiado a sua obra, num sonho sublime de victoria!

Trouxéra do berço o dom da pintura e a esta arte se entregára com o arrebatamento de um verdadeiro apaixonado. Os primeiros revezes não o desanimaram. Perseverava sempre, dizendo comsigo mesmo que os que se haviam feito tão decantados não tinham vencido sem luta. Proseguia, mas em vão! A sórte lhe não sorria...

Sem meios, sem amigos, a miseria a bater-lhe á porta, a cada passo mais negra, entrou no periodo do desalento. E, um dia, perdida a derradeira esperança, num assomo de odio contra a sua arte, arremessou para longe o pincel e a palheta e, de um momento para outro, tomando um vapor, fez-se para muito distante da patria, da terra onde só havia conhecido dissabores.

Jurou não mais pensar na sua arte. Mas ai! De que lhe valia toda a sua vontade, si não podia tirar a alma ao peito?!

Sentiu que fraquejava. Então, na ansia de esquecêl-a, se entregou ao trabalho arduo. Alistou-se numa turma de mineiros.

Mas, á tarde, quando regressava, o corpo quebrado de fadiga, vinha-lhe aquelle desejo insuperavel.

E, um dia, em que o céo se mostrava mais formoso, menos commum, a natureza mais bella, não resistiu: quebrou seu juramento! Prometteu a si mesmo ser mais fórte. E entregou-se com maior ardor ao trabalho pesado que abraçára.

A sorte parecia ser-lhe inimiga feroz. ouve uma explosão na mina. Foi colhido pela desgraça. Perdeu a voz para sempre, seu rosto ficou horrivelmente desfigurado e, como si não bastasse, os braços, os seus braços de artista, se tornaram impre.taveis: um quasi de todo decepado e o outro pouco menos que isso.

E comprehendeu quanto a sua arte lhe era cara, quando, restabelecido, se viu um dia a chorar, como um louco, sobre o derradeiro quadro que compuzéra. Mesmo quando ahi tudo fossem desillusões, e quando ahi não se deixasse uma affeição sequer, a Patria sempre nos chama pelo radio da Saudade...

No coração do expatriado, mesmo quando entregue á volupia dos prazeres, ha sempre um cantinho que guarda um sentimento casto pela terra que ficou além! E quando então se soffreu em terra estranha, que alegria não é voltar á patria! idolatrada.

A dôr sentida no nosso torrão natal é menos cruel, como menos acerbo é o soffrimento que curtimos ao lado de nossa mãe!

PURGOIDS
PEQUENAS DRAGEAS
DE TODOS OS LAXANTES
SÃO ESTAS OS MELHORES
EVITAM COLICAS.

E resolveu regressar. E eis por que se achava nesse vapor, em demanda da patria de que fugira fazia quatro annos.

Já descortinava o scenario que a ausencia não apagára na sua lembrança: as torres das igrejas, os edificios mais altos e o proprio cáes que, a pouco e pouco, se fazia mais perto.

O navio atracou, por fim. Após preenchidas as formalidades necessarias, deu-se o desembarque.

Caminhou a esmo... Para onde iria, sem amigos, sem ninguem?!... A saudade fez-se sua bussola. Insensivelmente, seus passos se encaminharam para a casa onde morára. Havia uma enorme multidão na praça em frente. Pareceu-lhe que inauguravam uma estatua.

Discursavam. Uma profusão de palmas, entre a symphonia do Hymno Nacional, que irrompeu nesse momento, enchendo o espaço de sons melodiosos.

Conseguiu, deslizando entre o povo, chegar quasi á primeira fila de espectadores.

Correram, nesse momento, a cobertura. Seus olhos foram num relance, da dedicatoria em bronze ao corpo da estatua.

Um som rouco, inexprimivel, sahiu-lhe da garganta. Entrou a gesticular como um louco, batendo em uns e outros com o membro mutilado que lhe podia ainda servir para tal fim. Houve protestos. A policia teve que intervir. Mas não foi possivel contêl-o.

Por fim, sentou-se, exhausto.

Senhoras jogavam flores desfeitas... E algumas petalas vieram cahir, como uma caricia, sobre a sua fronte.

Pessôas, condoidas d'elle, deram-lhe esmolas...

Esmolas... a elle que tinha uma estatua em sua honra.

Seara alheia

A verdadeira mulher

Deve ser uma suavidade mais desejada que a primavera; uma belleza corporea mais attrahente que a arcada do rosal sylvestre que corôa o monte; ser uma essencia mais penetrante que o summo extrahido dos vinhedos, uma musica encantadora, mais que qualquer apaixonada canção... Ser tudo isso... Ser a flor da vida...

E isto será sempre para o homem um sagrado mysterio.

E' a perola occulta no fundo dos mares; a flor das montanhas coberta pelo manto alvo da neve. — Dante Gabriel Rossetti.

O sorriso

Imaginai um mundo que não soubesse sorrir. Seria tão horrivel como um mundo sem frivolidades. Daria a sensação de uma cidade em que circulassem unicamente notas de cem mil reis tornando impossivel a compra de um pequeno lenço de quinhentos reis...

A moeda meúda na vida é o cumprimento, a condolencia, o aperto de mão, o sorriso. Se não se tivesse tudo isto tent-se-ia de gostar indefectivelmente, e a proposito de qualquer circumstancia, o capital effectivo. Seria depreciar o ouro puro. Não desdenhemos, assim, o bom tostão sob o pretexto de que ha o mil reis. E nem assim esta comparação resulta totalmente justa. E' verdade que o sorriso matiza e tempera. Mas, tambem serve de vingança, porque é um discretissimo symbolo de poderosa e dramatica potencialidade.

Bem mais terrivel é o sorriso de Nero que as declamações de Aggripina. Tambem é promessa. Emfim, sendo a contradicção, póde chegar a plasmar-se em heroismo. — Henri Bidou.

A physionomia serena

A physionomia serena deve encobrir nossas dores intimas, occultar nossos desfallecimentos, nossas decepções, nossas amarguras. Em publico devemos mostrar sempre um semblante sereno; na intimidade do nosso lar devemos enfrentar tambem a nossa tristeza, nossas inquietações, porque os sêres queridos que nos rodeiam participam do nosso soffrimento e das nossas alegrias. Se estamos tristes, se a afflicção e o desespero nos torturam, elles o sentem tambem tanto como nós.

Para que fazêl-os soffrer tambem?

Disse um philosopho que, nas nossas afflicções, temos o direito de amparar-nos, de apoiar-nos naquelles que nos estimam; não, porem, a ponto de abatel-os, de derrubál-os — Azorin.

Lenda das violetas

Ella já era moça, mas tão linda e pura, tão meiga e casta como nenhuma outra; linda e pura como a agua mais crystalina; meiga e casta como as aves do Senhor. Chamava-se Maria. Certa vez ouviu que lhe diziam: "Eu sou o anjo do Senhor, e vim annunciar-vos que breve sereis Mãe! Immaculada e Bemdita entre todas as mulheres, serás a Mãe do Redemptor!"

Maria balbuciou docemente que fosse feita a vontade de Deus. Seus olhos claros, no supremo somento, tomaram o resplendôr profundo das estrellas. Ella, entretanto, chorou, e essas lagrimas pequeninas, brancas, puras, santas, rolando, descendo, cahiram dos seus grandes olhos felizes na terra, humida como as sombras do céo, onde não chega o resplendôr profundo das estrellas...

Na manhã seguinte existiam umas florisinhas, pequeninas como as lagrimas e alvas como os lirios do valle, que exhalavam um perfume penetrante. Maria voltou, e disse:

— Serás a violeta, o symbolo da minha lagrima feliz...

Haviam decorrido trinta e tres annos. Jesus nascêra e tornara-se homem. Intrigas e invejas levaram-n'o ao supplicio da cruz. Foi covardemente insultado, injuriado, perseguido. Só depois de morto, foi que obteve Maria Santissima permissão para beijál-o, beijo da morte, o beijo da despedida.

Maria pediu que lhe trouxessem as violetas brancas e tristes. Ellas vieram e cobriram o corpo despido de Jesus. Maria regou-as com lagrimas de desalento. Ellas, infiltrando-se nas violetas branquinhas, fizeram-se roxas, igual a esse roxo triste da tunica de Nosso Senhor.

Marina Tavares da Silva Pires

A furia amorosa do sr. Petipoque

De Henri Duvernois

DESDE que entendia, e sobretudo que se casára, a senhora de Petipoque foi uma victima do amor obsedante, famesco, do satyro de seu marido. Conheceram-se creanças ainda, no campo, onde seus paes eram visinhos. Julio, baixo, mas reforçado, pesado e matreiro os olhos a fuzilarem nas pupillas ciumentas, atracava-se a ella, mais alta, mais fina e já resignada, conformada.

— Dize que has de casar commigo, Mathilde? perguntava o homemzinho precoce. Dil-o, Mathilde! Dil-o!

E ella lhe respondia:

— Mas, sim, meu caro:

Então, elle se punha a fazer piruetas como um tom cão que tivesse comido o seu osso. Ella sentia-se um pouco feliz — muito pouco — com a sua alegria. E foi assim que ella se julgou compromettida e, aos vinte e dois, não tendo havido modificação nos sentimentos de Julio, tornou-se a senhora Petipoque. A principio, os extases e as exaltações delirantes do marido divertiam-na e, ao mesmo tempo, amedrontavam-na. Mas não a emocionavam. Então, ella perguntava, de vez em vez, para a sua amiga Agostinha:

— Teu marido, tera, tambem, ataques de nervos?

A outra respondia, num tom em que a inveja se casava com o desdem.

— Para tanto é preciso ter nervos, primeiramente! Afim de se consagrar inteiramente á sua mulher, Julio Patipoque começou por abandonar a industria que lhe permittia accumular fortuna bem regular. E fel-o sem hesitações.

Depois de quatro annos de casado, ainda procurava os recantos mais escuros para abraçar e beijar Mathilde, que se esquivava o mais possivel, appellando para todos os estratagemmas que a pudessem livrar um pouco da furia amorosa do marido. Inutil, porem, tudo que fazia; mais cedo ou mais tarde colhia-o o atração do apaixonado...

— Dize, Mathilde! sussurrava elle com a sua voz quente de outrora, quando, menino, lhe perguntava se ella "seria sua mulher" — dize: parece que furtas teus labios ao meu beijo... Oh! se eu tivesse a certeza!...

— Mas, não, não, meu amigo.

— Amas-me, então?

— Sim.

— Mas não é como nos romances...

— E' só não os léres mais...

Docemente, com infinitas precauções, ella tentava desprender-se. Ter daquella maneira, desde que amanhecia o dia até a noite, um homem agarrado ás suas saias não era nada agradavel! Aborrecia, enojava, enojava, mesmo. Mathilde, oriunda de uma familia austera, envergonhava-se com esta exaltação, com esta febre continua. Não podia fitar o marido sem ver as pupillas desse eterno amante fuzilarem uma chama que ella bem conhecia.

A' mesa, entre cada prato, elle lhe infligia o supplicio de uns beijos malucos que lhe tiravam o paladar do que antes havia comido. A' noite, então, a sua tortura redobrava. Para cumulo de infelicidade, a senho-

O que toda a mulher deve saber e nunca esquecer para ser sempre amada e feliz.

UM PRIMOROSO ESPECIFICO DE BELLEZA

"Se quizerdes conservar agora o amor do vosso noivo e mais tarde o de vosso marido não deveis esquecer jamais o bom gosto e o cuidado hygienico."

"Cuidae sempre do thesouro de vossa formosura."

"Que tenha a vossa pelle a fineza, a delicadeza e a fragrancia das petalas das rosas para que vosso noivo ou vosso esposo se preoccupe e deleite com vossa belleza."

E lembrai-vos sempre de que só com o auxilio do

Leite de Rosas

podereis realizar esse supremo ideal de perfeição e de felicidade constante.

Leite de Rosas — formula scientifica de R. PALHANO, approvada e licenciada pelo D. N. de Saude Publica — é o unico preparado clinicamente indicado para o tratamento externo da pelle.

Seu uso, além de ineffavel prazer intimo, é um cuidado defensivo da mais requintada elegancia e inestimavel utilidade hygienica.

— Applicado diariamente no rosto, em massagens brandas, cura e evita as espinhas reconstituindo a pelle das cicatrizes que tanto afeiam.

— Elimina por completo as sardas, pannos e quaesquer manchas do rosto.

— Alveja e amacia as mãos e os cotovellos asperos e ennegrecidos.

— Desencardé as axillas, dando a essas regiões apparencia attrahente e conservando-as rigorosamente limpas e perfumadas.

— Desodora o suor, corrigindo-lhe os acidos que desbotam e deterioram os vestidos.

Leite de Rosas é ainda o preparado ideal para os viajantes, para os que, por doença ou outra qualquer circumstancia, não podem tomar o seu banho quotidiano. SUA APPLICAÇÃO NO CORPO CORRESPONDE A UM ASSEIO COMPLETO.

Maravilhoso fixador do pó de arroz, póde ser usado a todo o momento.

Deliciosamente perfumado, dispensa com vantagem o uso da Agua de Colonia ou outro qualquer perfume.

Deve ser usado diariamente no rosto e... no corpo todo.

IMPRESCINDIVEL A' MULHER CHIC!

NAS DROGARIAS, PHARMACIAS E PERFUMARIAS.

Deposito: Rua São José, 74-1.º andar. Phone 2-4192.

1 VIDRO RS. 5$000 — PELO CORREIO RS. 6$400.

(Peça uma amostra gratis antes de comprar o primeiro vidro).

...ra Petipoque era, por indole, molle e complacente, e, a reagir, preferia obedecer e esperar.

Assim, quando o marido foi atacado de febre typhoide, ella teve um repouso feliz durante varios dias. Foi um verdadeiro entre-acto de paz e de repouso.

O sr. Petipoque, porém, logo que conseguiu saborear o primeiro ovo da convalescença, foi-lhe dizendo:

— Vamos refazer a nossa *vidinha*, não é Mathilde? Dize que sim?

E ella, silenciosa, comprehendeu que os máus dias e as detestaveis noites iam recomeçar.

Petipoque só se interessava pela sua paixão: não se distrahia a jogar, a colleccionar, ou, mesmo, com gulodices. Nada! Elle era o "amoroso" e só o "amoroso"! Se recebiam a visita de amigos, elle, dadas as 10 horas, os punha fóra á custa de impertinencias e grosserias que envergonhavam a mulher.

— Queixas-te porque o teu homem é sempre amoroso!, dizia-lhe Augusta. Peor, bem peor, seria, se elle não te procurasse! Então soffrerias a humilhação do abandono!

Emquanto isso, o esposo consultava um seu amigo, especie de D. Juan, mettido a psychologo e romanceador de aventuras.

— Toda mulher — dizia-lhe — é uma especie de violino á procura do seu arco. Para que o violino vibre satisfactoriamente é preciso não só o arco adequado como, tambem, musica apropriada. E nada para prender uma mulher a um homem como o ciume. A tua já vive enfarada do incenso que queimas a seus pés ha tantos annos. A certeza do amor é a sua peor inimiga. Provoca a inquietação em tua mulher; duvidar, desconfiar de ti, chorar, emfim. Depois da crise, verás os seus optimos effeitos. Experimenta. Poderias, agora, emprestar-me 200 francos para minhas contas de fim de mez?

Julio Petipoque deu-lhe o dinheiro e afastou-se. Em vez, porém, de voltar ao domicilio conjugal fez um longo passeio durante o qual reflectiu bastante. Sim, já que a comedia era necessaria elle faria o comediante. E só ás 8 horas foi ter com Mathilde que, admirada da sua demora, lhe perguntou qual o motivo de tão extraordinaria ausencia.

— Dei umas voltas, respondeu fingindo se perturbado; um negocio de que estou me occupando e que exigirá que me ausente de vez em vez...

— Está bem, e bem melhor. Aqui, mettido em casa, acabarás, por te aborrecer e um homem na tua edade tem necessidade de actividade, de trabalho.

Disse isso e offereceu-se, como de costume, ao abraço e aos beijos vorazes com que elle, habitualmente, a procurava quando se ausentava della por uma ou duas horas. Julio, porem, mal roçou os labios no seu rosto, desta vez. No jantar mostrou-se convenientemente reservado.

— Que significaria aquillo? interrogava-se Mathilde com um sobresalto de esperança. Teria, emfim, cançado o homem? Mas não ia muito longe com a sua alegria; desconfiada, esperava uma offensiva, a todo momento.

A' noite, foram ao theatro. Representava-se um drama violento, vibrante. De ordinario, eram desta ordem as observações de Petipoque sobre passagens das peças a que assistia: "Vês: ella acaba de dizer que morreria sem as suas caricias... Não é como tu." Ou então: "Viste? Elle matou dois homens por amor de sua amada... Eu faria o mesmo; no emtanto não me comprehendes..."

Desta vez, porem, elle calou-se, conservando-se silencioso, como se estivesse entregue a uma profunda meditação, de que sahiu, apenas, para dizer á mulher, depois de assestar o binoculo para a actriz que fazia o papel da heroina:

(*Conclue na pag. seguinte*)

e de dia para dia *maior e mais forte*

Os mingaus de Quaker Oats proporcionam á creança quasi todos os elementos necessarios para formar ossos e musculos, a dentadura e o sangue. Acceleram o desenvolvimento do cerebro e protegem a saude.

Este maravilhoso alimento — offerenda da Natureza — tem contribuido para desenvolver muitas gerações de creanças saudaveis. Não admira que seja recommendado pelos medicos e especialistas em dietetica em todo o mundo.

O Quaker Oats de Cozimento Rapido poupa tempo, trabalho e combustivel, podendo ser preparado em 2½ minutos.

PENSAMENTOS DE SENECA

A educação melhora os costumes.

* * *

E' mais efficaz o exemplo que a palavra.

* * *

Quem deixa o caminho velho pelo novo sabe o que deixa mas não sabe o que vae encontrar.

VINGANÇA

Quando se estreou em Milão a opera "Sansão e Dalila", de Saint Saens, o tenor que fazia de protagonista havia se queixado do chefe de scena, que lhe prejudicara um grande effeito scenico. O chefe foi severamente reprehendido e até ameaçado de expulsão.

A queixa fora injusta e o homem prometteu tomar sua "vendetta".

Effectivamente: no ultimo acto da opera, quando Sansão derruba as columnas do templo, pondo-o abaixo e sepultando os philisteus, em meio ás *pedras* de papelão que deveriam cahir, cahiram algumas de verdade. O ruidoso tenor sahiu ferido na cabeça e nos braços e teve de ficar acamado por alguns dias.

O ROBINSON DOS GELOS

De Hamburgo nos falam do difficil salvamento de um "Robinson dos gelos". Em meiados do inverno passado, o vapor "Sibderburg" encalhou ao oeste da costa dinamarqueza do Mar do Norte. A tempestade desencadeou-se furiosa. Fizeram-se todas as tentativas

A furia amorosa do sr. Petipoque

(Continuação)

— Não a achas parecida com a tua amiga Augusta?

— Estás louco! Esta mulher é comprida, alta, secca, loura; Augusta é gorda, baixa e morena.

— E' possivel... Era cá uma impressão...

E, até o fim da representação, não pronunciou mais uma palavra.

Quando ajudou Mathilde a vestir o *manteau*, evitou fazer-lhe uma cocegasinha, carinhosa e significativa, como sempre fazia, introduzindo o dedo indicador, furtivamente, na abertura do collo. O contacto desse dedo, frio e nú, seguido da phrasesinha dengosa: "Ih! Ih! Julinho acaricia sua cocotteзinha!", a senhora Petipoque não o sentiu desta vez. Que allivio! Ficou-lhe grata, mesmo, por lhe ter evitado esse constrangimento. Seria, realmente, que estava para se dar uma profunda modificação na sua intimidade conjugal?, pensou. Oh! se fosse!...

Não paravam, ahi, porem, as surprezas. No auto, elle sentou-se afastado della, com as mãos apoiadas sobre o castão da bengala. Fez melhor: tirou um cigarro e fumou; coisa que elle nunca fizera quando estavam a sós.

— Não te incommodo? perguntou.

— De modo algum, respondeu ella, solicitamente. Fuma, meu bem, isso te distráe. Depois, eu seria muito má se te recusasse este pequeno prazer. Não sei porque, sinto-me feliz, hoje, muito feliz...

Elle disse para si mesmo: "Espera um pouco!"

e sentiu a punhalada de um remorso. Porque, realmente, o que se tinha passado servia apenas de preludio a uma engenhosa idéa que lhe viera á mente durante o seu passeio. Como a maior parte dos homens, Petipoque julgava-se intelligente. Ora, não se tratava senão de tornar sua mulher ciumenta. Brincadeira de creança! E elle julgava que ia obtendo o melhor dos resultados.

Em casa, Julio logo tratou de deitar-se e cerrou os olhos, sem qualquer gesto de simples polidez. Mathilde, então, reclamou:

— Não me dás boa noite?

— E' verdade! Esquecera-me. Onde ando com a cabeça? Perdôa-me boa noite, Mathilde.

— Boa noite, Julio. Não estás zangado commigo? Não irás fazer-me scena?

— Não! Porque? Que idéa!

— Então, estou bem satisfeita.

E ella adormeceu logo. Petipoque velava, feito uma féra. Pobre Mathilde! Como ella iria soffrer!

Ficou quieto, nas trevas, até que o relogio soou duas horas. Então, com uma voz, que procurava tornar longinqua e inconsciente, murmurou:

— Augusta!...

imaginaveis para salvar a embarcação que ameaçava sossobrar de um momento para outro, razão porque o capitão deu ordens para que se desembarcasse a equipagem, deixando-se um homem a bordo para cuidar do navio.

Quando a tempestade amainou, o frio tornou-se intensissimo e logo a embarcação foi assaltada por enormes blocos de gelos que a arrastaram pelo mar afóra. Durante mais de dois mezes nada se conseguiu saber a respeito do "Sibderburg" e do seu vigia. Os armadores deram-no como perdido. Mas, ha poucas semanas, quando um aeroplano fazia evoluções a umas cem milhas da costas escandinavas, divisou um navio solitario, com uma bandeira içada em um dos mastros.

No dia seguinte dois rebocadores sahiam velozmente de Copenhague para o logar onde estava o "Sibderburg".

José Seikt, o vigia do navio, apenas declarou que nunca tinha passado uma temporada tão tranquilla como aquella.

A ILHA DO THESOURO

Faz alguns mezes, uma expedição a bordo do hiate "S. Jorge" partiu em busca do thesouro da ilha dos Cocos, situada no Pacifico, ao oeste do canal de Panamá.

Ha coisa de um seculo, durante a primeira guerra chileno-peruana, muitos objectos de ouro e varios outros de grande valor — cujo montante se calcula em cerca de doze milhões de dolares — foram conduzidos pelo "Mary Real" á ilha dos Cocos. Uma caravana policial sahiu em perseguição dos marujos do "Mary Real", os quaes, porem, conseguiram guardar o thesouro em um logar da ilha. Depois de uma accidentada perseguição os inglezes cahiram em poder dos chilenos que os fuzilaram, ficando, assim, sem saber onde estaria escondido o thesouro, pois os marujos morreram com o seu segredo.

Ninguém lhe respondeu. A respiração igual e quieta de sua companheira não foi interrompida. Então, repetiu, mais fortemente:

— Augusta!...

Nada, ainda. "Que somno de pedra!" murmurou, e, depois, quasi gritou ao ouvido da esposa:

— Augusta!!... Ah! Augusta!!...

Mathilde, desta vez, teve um sobresalto, e elle ainda repetiu:

— Augusta!... Augusta!...

Mathilde perguntou-lhe, então, docemente:

— Estás com o estomago ruim, meu caro?

Elle não respondeu, e, estimulando um sonho tenaz:

— Oh! Sim, Augusta! Amo-te! Amo-te!

"Não! Não é possivel! pensava a mulher. Seria muita felicidade!"

Petipoque julgando haver produzido o effeito desejado, chamava-se de monstro, mas, intimamente, se felicitava.

O silencio de sua mulher era o melhor signal de que o ciume lhe invadira a alma. E ciume de sua melhor amiga! O resto, agora, era esperar.

E confiante, adormeceu.

No dia seguinte, logo ao acordar, arriscou:

— Creio que dormi mal e te incommodei...

— Nada! Nada, meu caro!

Admirou-a. "Como ella esconde habilmente o seu jogo!" e lamentou-a.

Depois do almoço, elle gaguejou, fazendo-se atrapalhado, uma desculpa para sahir... Talvez demorasse...

— Ora, volta ahi pelas cinco, por exemplo... disse-lhe Mathilde.

Elle foi exacto. Logo á entrada, porem, esperava-o uma surpreza: um perfume raro e capitoso exalava-se de um vaso de cobre collocado, sobre um lindo tripé. "E' o meu systema que começa a dar resultados!", pensou, Petipoque, jubiloso. Penetrou no salão: um bom fogo ahi ardia. Sobre o divan, voluptuosas e macias almofadas. Sobre uma pequena mesa, vinhos de Espanha e os classicos biscoitos. As lampadas electricas estavam veladas de gaze rosea. O honesto salão tomara, assim, um ar equivoco. Sentada sobre uma fôfa poltrona, Augusta, a amiga Augusta, muito decotada, os braços carnosos desnudos, mettida num vestido langoroso, sorriu-lhe com o seu sorriso de bigodinho.

Mathilde, porem, de chapéo, acabava de enfiar uma luva.

— Espera! foi dizendo, que nós tres fariamos juntos um pequeno lunch, mas venho de receber um recado da minha costureira... Tenho, pois, de sahir, já... Voltarei, ás sete horas e meia... E' tão longe!... Augusta, porem, sempre gentil, prometteu-me fazer-te companhia até á minha volta... Dei folga á creada, para visitar uma tia doente... Se baterem vocês poderão fazer que não escutam... Façam um bom lunch... Bom fogo, boas doces... Nada falta...

E, afastando-se, na ponta dos pés, cerrou a porta discretamente.

PENSANDO COM LOGICA

Quem é que ha de pagar as installações luxuosas, os enormes alugueis e as luvas esmagadoras senão o freguez?...

E' por isso que só me visto na Alfaiataria Guanabara — Rua da Carioca, 54, cujo predio é proprio e a isenta de sacrificar seus freguezes.

CHRONICAS D'UM PEDAÇO DE BURRO..

HA pessôas invejosas, neste mundo que não podem ver a felicidade dos outros sob nenhum aspecto. Têm despeito e inveja de todos. Outros são especializados na inveja, e não podem ver bem os que estão com bôa saude ou detestam os que possúem bons automoveis, se vestem bem ou comem em restaurantes asseiados. As joias são vendidas mais pela inveja que ellas causam do que, pelo seu valor artistico ou intrinseco. Numa roda de senhoras com aneis custosos, as que possúem os de menor valor olham com inveja e desejo de possuir maiores e mais caros. O homem que anda de alfinete com brilhante ou perola na gravata, o faz não para que a gravata fique mais tentadora deante dos olhos das mulheres, mas para que os que não podem usal-os fiquem com inveja. No homem, entretanto ha certas regras sociaes que estabilizam a quantidade de inveja que elle póde causar. Não é permittido o uso de um brilhante muito grande ou uma perola enorme: a bôa educação estabilizou esse detalhe. O homem tem tambem um limite quanto á indumentaria. Não póde gastar mais do que uma quantia limitada por um terno — digamos 950$000. O sapato tambem o priva de ostentação. Quasi todas as peças do vestuario masculino têm um ponto final razoavel, quanto ao preço; e mesmo não se dá com o sexo chamado fraco; isso porque as mulheres cuidam muito mais da cultura desse bichinho que róe a alma — a inveja que matou Caim.

O sultão de Darjeeling, nos annos que já se foram, cuidava muito do bem estar e felicidade dos seus subditos. Era uma bôa alma, o velho nababo. Soube, certa vez, que Salim, o antigo pastor, teve séria desavença com Rachid, o moleiro, tido como uma creatura demasiadamente invejosa; e mandou chamar este ao seu palacio, n'uma tarde fresca de outubro. Rachid curvou-se respeitosamente deante do seu soberano fazendo uma serie de salamaleques e aguardou solennemente as ordens do seu augusto senhor.

— Eu soube — exclamou o potentado, com grande serenidade e doçura — que foste o protagonista de uma desavença a respeito de pequenas coisas com o teu bom vizinho, o pastor. Disseram-me que tens inveja delle, da sua bôa vida ao ar livre, da sua familia, de tudo que a elle pertence. E' um mau habito. Quero ver si te corrijo desse defeito! Terás tudo o que quizeres; é só pedires. Uma condição, entretanto, estabeleço e desde já te aviso: de tudo o que escolherdes, darei o dobro ao pastor.

Célere, passou pelo cerebro do moleiro, uma serie de bons predios boas terras, bôas vaccas, bellas propriedades e até pótes de vinho e puro azeite. A visão agradavel de tudo aquillo era um encanto. Elle se preparava para pedir muita coisa, que lhe daria descanço e prazer e uma velhice socegada, quando se lembrou de que a sua escolha seria a escolha em dobro para o vizinho do qual tinha tanta inveja... e despeito.

— Nobre, sereno e meu augusto senhor, si de tudo que eu receba será dado em dobro ao Salim, peço-lhe que me mande furar um olho...

No commercio, ha muitos Rachids. Quando um empregado começa a progredir, a merecer mais pelo seu esforço e actividade, patrões ha que preferem perder um olho, a ajudál-o. Quando, apoiado na sua operosidade, energia e força de vontade, o empregado ou socio consegue uma certa posição invejavel de destaque na firma, o patrão invidiajoso, por motivo de pura invidia, se refaz com que o seu auxiliar se retire, mesmo sabendo que a sua ausencia lhe trará transtornos, prejuizos e abalo de saúde! Ha outros que, não sabendo negociar ou não

ALGUNS commerciantes pouco escrupulosos têm estado offerecendo imitações inferiores em lugar do FLIT legitimo.

Evite essas imitações! O mais provavel é que não tenham valor — e podem até ser perigosas para si e seus filhos. Evite, tambem, o commerciante que lhe offerecer esse substitutos. Elle não faz jus á sua freguezia.

Repare que o seu FLIT lhe seja vendido na "lata amarella com a faixa preta." Repare que o soldadinho FLIT esteja estampado na lata. Repare que a lata esteja sellada. Do contrario, está sendo enganado.

FLIT nunca é vendido a granel.

tendo sufficiente habilidade para tal, se preoccupam a vida toda com o que estão fazendo os vizinhos, e vão logo comprar o predio ao lado quando sabem que para alli poderá vir um concorrente ou collega, si para tanto possúe o outro os recursos necessarios.

* * *

O cavallo de corrida de puro sangue, sendo nacional, vale, geralmente, mais do que o estrangeiro, pois póde ser inscripto em maior numero de pareos e levantar numerosos premios. Um potro regular, inedito, nacional, vale de 10 a 15 contos, sendo que os estrangeiros da mesma classe custam de 8 a 10 contos ao cambio de hoje. A pensão, tratamento e cuidado de um cavallo de corrida no Rio fica em, aproximadamente, 500$ mensaes. Em São Paulo custa menos.

Quasi todos os hyppodromos do Brasil exigem animaes de puro sangue para as inscripções, sendo que Rio, S. Paulo, Santos, e Porto Alegre não permittem nem sete oitavos de pureza. O animal puro é aquelle que tem registro genealógico dos lados paternos e maternos. Esse registro é original de Londres e teve o inicio ha muito mais de um seculo; assim, pois, se póde saber qual foi o vigesimo avô de qualquer cavallo de corrida. O que não se póde affirmar de muita gente bôa... Esse registro, apesar de ser o tronco de todos em qualquer ponto do mundo, é officialmente reconhecido em toda parte, é administrado por uma firma privada: *Weatherby's*, e tem uma particularidade: a casa fornecedora do documento descriptivo do registro não dá copia ou duplicata. Quem perde um registro *Weatherby*, perdeu o cavallo, pois não poderá correr em nenhum hyppodromo inglez. Aqui no Brasil, onde temos o nosso livro genealogico, emittem duplicatas: primeiro, dão uma copia contra a entrega do documento inglez; depois em caso de extravio póde-se obter uma segunda via. Ha aqui, tambem, o registro de animaes de meio sangue ou mais. E' uma instituição officializada, e nada tem que ver directamente com os hyppodromos. Esse documento de registro ou auvore genealogica chama-se em inglez *Pedigree* — palavra essa tambem empregada com frequencia em outras linguas.

Quando um proprietario de cavallos ganha um premio com o seu animal, — digamos, de dez contos — o mesmo não vae todo intacto parar nas suas mãos. Antes do pagamento ser effectuado, ha um abatimento de commissões que são destinada ao jockey, ao tratador, etc. um tanto por cento para cada um, ficando aproximadamente oito contos para o dono. E' um accordo antigo e pre-estabelecido. Ha muitos annos, o possuidor dos animaes victoriosos recebia o premio todo, fazendo depois, o que desejava com os cobres; deixava frequentemente de mimosear o jockey com algumas *pellegas*, o que não raro era motivo para sérias desavenças e difficuldades entre as partes.

Assim, pois, quando o proprio rei George V vence um pareo (o que não é hoje muito frequente) o secretario de sua majestade já recebe com o "desconto em folha", tal qual como um funccionario publico que conseguiu um emprestimo bancario com juros amargos.

No numero a seguir, trataremos, nas nossas "chronicas", do momentoso e palpitante assumpto *A fragilidade dos cachimbos de barro*, com um prefacio pelo dr. Nico Tina...

D. D. Coimbra

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

Michel Zevaco.

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

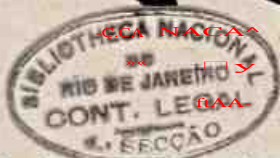
OS PARDAILLAN, 12 fase., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPÉA DE AMOR, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fase., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fases., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fases., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fases., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fases., 7$000, pelo correio 6$400 — NOSTRADAMUS, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fases., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fases., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fases., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 -- Rio de Janeiro

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 18

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1932

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
SECÇÃO

Cá e lá...

Por

Marie Poppe

UM dos maiores martyrios para os escriptores brasileiros, é a cata de assumpto. Vivendo num ambiente irritantemente burguez, onde os motivos banaes imperam, necessariamente a obra dos escriptores nacionaes reflectirá esse mesmo ambiente.

Ou então, para fugir ao meio, temos de recorrer á imaginação. Inventar, fantasiar! Mas, o cerebro tambem está sujeito a paradas bruscas. A capacidade inventiva tem limites.

E a fantasia em larga dose entorpece... Os leitores, sempre exigentes, fingem, entretanto, desconhecer o martyrio nosso, e criticam. Oh! a monotonia dos livros brasileiros, resmungam! Os livros estrangeiros, sim, encerram fabulações diabolicas! Mas, meus amigos, os nossos irmãos do outro lado encontram o material para os seus livros, na propria vida. E a vida que vivem apresenta facetas inesperadas, cortadas pelas mãos invisiveis da Civilização.

Essa illustre Senhora ainda não chegou até cá, com o seu vestido de sete côres, as côres do Arco da Velha...

Elles, copiando, reproduzindo o sentido da vida, vão desfiando as contas de um rosario de lagrimas, de gritos allucinantes, de dôres e, porque tambem não dizer?, de alegrias estranhas!

Um manancial que se não esgota e que captado vae fornecendo, á avidez do publico, paginas e mais paginas de sabor inédito.

Nós, os chronistas *botocudos*, quando queremos fugir ao horror ambiente, derivamos a attenção para além...

Então, quasi sempre conseguimos disfarçar a tristeza do leitor fixando coisas alheias, que, afinal, não são propriamente *dos outros*, porque pertencem ao mundo.

Assim, não vamos tratar dos projectos da Dictadura, dos discursos do Luzardo, da *Constituinte* do Borges, do ultimo crime da Favélla, do recital da declamadora X..., do apparecimento de mais um volume de versos, nem de qualquer calamidade nacional...

Preferimos divagar sobre um assumpto mais *alegre*, qual seja a desse individuo que conseguiu esta coisa paradoxal: casar com sua propria viuva.

Bem lhes dizia que a historia era alegre, porque através do espaço estou percebendo o éco sonoro da gargalhada dos leitores.

No Brasil ainda não é possivel um homem se casar com sua viuva, mas, na Europa, esta coisa será banal, dentro em pouco. Já os romancistas colheram o material para obras de successo, e o theatro terá dramas e comedias provindos da mesma fonte, para as platéas delirantes de novidades.

Porém, vamos á historia, que parece complicada, sendo, entretanto, mui singéla.

E' o caso de um soldado que partiu para a guerra, tomou parte em varias batalhas, sendo dado como fallecido, *officialmente*, pelo commando das tropas. A *viuva*, naturalmente, deplorou a morte do marido, do bravo soldado, mas, pensou que não devia chorar pelo resto da vida e tratou de dar substituto ao defunto.

Arranjou outro marido, arejou o coração... Acontece que o morto official havia apenas cahido em mãos de inimigos e fôra conservado prisioneiro, em logar deserto da immensa vastidão territorial da Russia.

Um dia, logrou libertar-se, e sentiu de novo renascer o desejo de revêr o lar, apertando nos braços a doce companheira. Atravessou a fronteira, ganhou o solo patrio; mas estava-lhe reservada uma grande surpreza! No seu lar, *outro* installára-se *legalmente*.

Controlou os nervos, dobrando-os á luz da Razão. Assistia-lhe o direito de envenenar a vida da innocente companheira?... Não. Para que contrariar o Destino, quando nós somos apenas fantoches?...

Resignou-se, o desgraçado, fugindo, para, de longe, soffrer a sua desdita. Era uma subtileza, talvez, que escondia nesse gesto de resignado.

Um anno depois, a esposa do soldado estava *novamente* viuva. Correram as nuvens pardacentas que empanavam aquelle sonho de felicidade... Soube dominar os anseios dalma, deixou passar o periodo agudo da viuvez, e, então, escreveu á mulher pedindo-a em casamento, depois de narrar a sua historia quasi inverosimel, que era a historia de ambos. E' claro que essa volta á felicidade lhes pareceu coisa simples; entretanto, os juizes e os padres ficaram perplexos deante do caso do homem que desejava casar com a propria viuva, de quem viria a ser o terceiro marido.

Era necessario consultar as leis divinas e as dos homens...

Para que? Para satisfação da moral da sociedade? Mas, existe coisa mais frouxa, mais bysantina?...

Parece-nos, até, que o Soviet já abriu brecha na muralha chineza da Civilização que estava vivendo á custa dos balões de oxygenio da rotina...

O facto é que os juizes consultaram os codigos, e os sacerdotes os canones, resolvendo tudo, por fim, a contento das partes, pois nada encontraram que pudesse impedir o casamento, á vista da *prova legal*, do attestado das autoridades militares dando o soldado como fallecido em combate.

Tratava-se de um *morto official*, para todos os effeitos.

A discussão girou em torno do aspecto legal do casamento, tão somente, porque o resto não tinha a menor importancia.

A legalidade!

De onde se conclúe que, lá e cá, a *legalidade* dá margem a grandes aborrecimentos, a largas discussões, impressionando a muita alma simples e bôa...

PSYCHOLOGIA DO BEIJO

A voz de Claudio começou a contar:

— A bôcca entreaberta como a de um passaro assustado, Julieta fez menção de quem ia falar. Arrependeu-se, porém. E calou-se. Eu insisti, com malicia:

— "Então, acha mesmo que é difficil a psychologia do beijo?

— "Acho — affirmou.

— "Pois olhe, o que acho difficil é a psychologia dos que se beijam...

— "Por que?" — indagou ella, num gesto lindo, sentada no braço da poltrona do salão, em frente á que eu occupava. Escurecia. Um reflexo do sol incendiava-lhe as pedras dos anneis e da pulseira, que ella agitava, inquieta, quando gesticulava. Agora, a penumbra que se fazia tornava aquelle *tête-à-tête* uma delicia bôa, que gyrava dentro de um circulo rosa, imaginario, de mysterio, de tentação e peccado...

— "Por que?" — repetiu ella. — "Porque acha difficil a psychologia dos que se beijam?" "E antes que me explicasse, adeantou, baixando os olhos com dissimulado recato:

— "Beijar... Ora, quando se quer, um beijo é tão facil... Nem é preciso mesmo crear certos ambientes, scenarios e *décors*, que não interessam no caso. Os scenarios se fizeram unicamente para os beijos do palco e da tela. Os beijos que allucinam, que desorientam os cerebros e desarticulam a alma são aquelles que, ás vezes, mal roçam os nossos labios, numa corrida de automovel, no meneio de um fox, num recanto escuro de jardim, ou mesmo no corredor de uma cathedral...

— "Que sacrilegio!" "Julieta esticou a saia, para cobrir as pernas modelares. Intencionalmente, ageitou-se no braço da cadeira, de um modo que as pernas roliças continuassem de fóra. Fingi não perceber esse gesto.

Mas uma onda de sangue me congestionou o rosto moreno, num desejo de fogo.

— "Sacrilegio? Mas, então, não acredita nos beijos puros?

— "Nem nos beijos do vento, sobre a face fria dos lagos... Nem nos beijos do luar nos labios das rosas de Jericó...

— "Credo! Que pessimismo!"

E depois de um silencio:

— "Si você pensa desse modo, meu caro...

— "Que tem? — acudi vivamente.

"E ella:

— "E' claro que o beijo de amôr, segundo diz, requer um ambiente discreto... a sombra de uma cortina... as folhas de uma arvore..."

Aqui, a voz de Claudio velou-se. Adquiriu uma tonalidade sombria. Saudades? Remorso? Arrependimento? Elle não m'o quiz explicar. Contou, apenas:

— Julieta ergueu-se bruscamente, dirigindo-se ao piano. Pensei que fosse interpretar Schumann, ou Chopin, seus mestres predilectos. Mas não! Apanhou nervosamente um cravo no floreiro que estava sobre o instrumento calado, e, na volta, passou bem junto a mim... Displicente, perturbadora, abanou-me o rosto com a flôr... Percebi a provocação: Tomei-a nos braços fortes... E as nossas bôccas attrahidas...

— Basta! — gritei eu, com inveja.

E Claudio rematou:

— Julieta cerrara os olhos. Então, eu lhe disse, ao fim de alguns segundos:

— "O difficil, como vê, é a psychologia dos que se beijam... Não é a do beijo..." O seio della offegava, accelerado... E os olhos continuavam cerrados...

Yves

Mlle. Luiza de Lacerda Coutinho, joven cantora e galante figura da nossa sociedade, que dará, por estes dias, um recital no theatro Casino, onde, certamente, receberá os applausos da admiração de um publico selecto.

Béret de breitzchwantz et feutre noir. Plume de Van Cleef & Arpels en brillants et brillants baguettes.

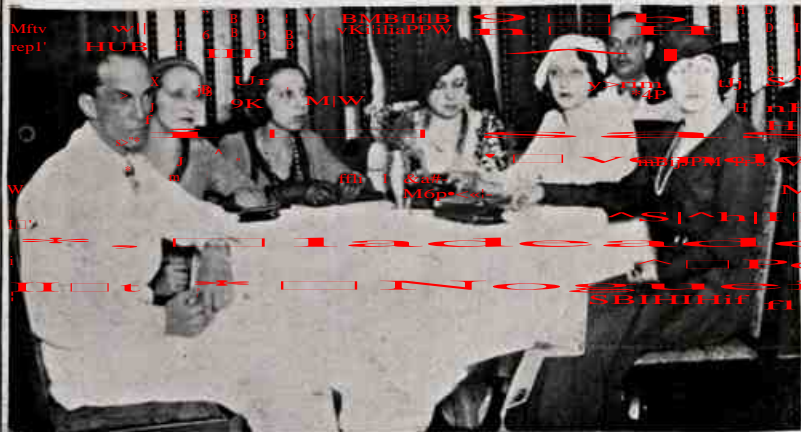
(Photo especial para FON - FON).

Exaltação

Alegria!
Meu coração, ebrio de esperança,
é a nota mais sonora
da pauta harmoniosa do meu corpo...
Meus olhos são estrellas scintillantes
cruzando o horizonte,
desafiando o sol...
Minha alma é um relicario de emoções desordenadas,
que são paizagens sentimentaes
lembrando, ora, a orgia da alvorada
ora a linda apotheose do arrebol!

Alegria!
Dentro de mim cantam guizos de ouro!...
Trago na bôcca vermelha, bailando,
a offerta vermelha de um beijo...
e nas rosas brancas das mãos, um thesouro
de caricias,
para a festa immortal do amor, que é desejo,
sentimento, carne, espirito e coração!
Alegria!
Felicidade!
Todo o meu ser vibra agora atordoado
na impetuosidade
de quem sabe querer com a exaltação
que te quero!... com a firmeza que te quiz!
De quem sabe sonhar...
De quem sabe esperar,
para realizar na vida, um dia,
a suprema conquista de um sonho feliz!

HYLDETH FAVILLA

Por uma gentileza da directoria do Botafogo Football Club, a imprensa carioca foi principescamente homenageada, domingo passado, na séde do glorioso alvi-negro. O jantar-dançante dedicado ao nosso jornalismo alcançou brilhante successo mundano, resultando numa festa de requintada elegancia e de grande animação. Emquanto os jornalistas presentes, entre os quaes figurava o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Herbert Moses, saboreavam, em companhia de suas exmas. familias, o lauto banquete que o Botafogo lhes offereceu, o amplo e luxuoso salão - restaurante do palacio colonial da avenida Wenceslau Braz scintillava no tumulto festivo dos

pares que dançavam, na graça mudante das silhuetas femininas, nos sorrisos que desabrochavam como rosas de alegria... As nossas photographias fixam detalhes dessa linda festa, vendo-se, na do alto, os drs. Paulo Azeredo, illustre presidente do Botafogo F. C., e Herbert Moses ladeados pelas senhoras Porto da Silveira, Amaral Nogueira e Martins Capistrano, senhorita Alayde Eyer, drs. Berilo Neves, Porto da Silveira e Amaral Nogueira e M. Capistrano.

A BELLA CASTELLÃ

(Ao Yves)

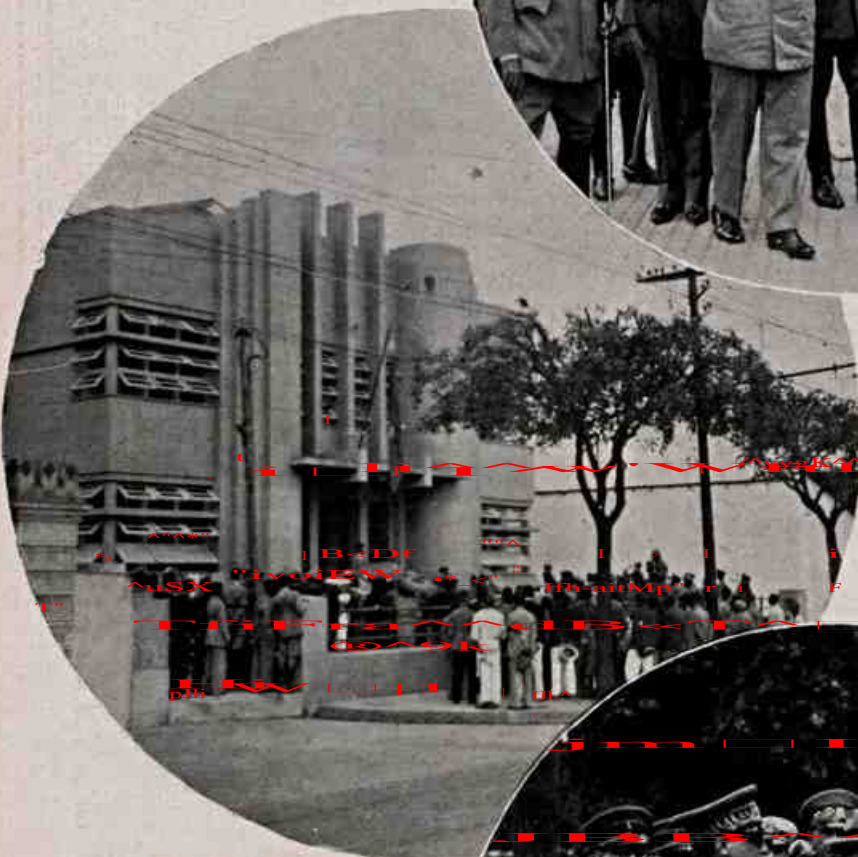
Ante o velho crystal de antiga seta
Eil-a que se olha, eil-a que se remira,
Põe este adorno, aquelle adôrno tira,
Olha-se mais e mais comsigo falas.

Aroma igual nenhuma flor trescala,
Olhar nenhum possue igual mentira
E o encanto que seduz e amor inspira
Anjo e mulher, deusa e demonio fal-a.

E vae e vem, e se approxima e afasta;
Todo o esmero empregado lhe não basta,
Agora um brinco, uma pulseira agora.

Num grácil gesto desenruga a meia...
E tanto o embellezar-se a formoseia
Que della o proprio espelho se enamore

VENTURELLI SOBRINHO

(Do "Scentelhas de Luar", inédito)

SABEDORIA

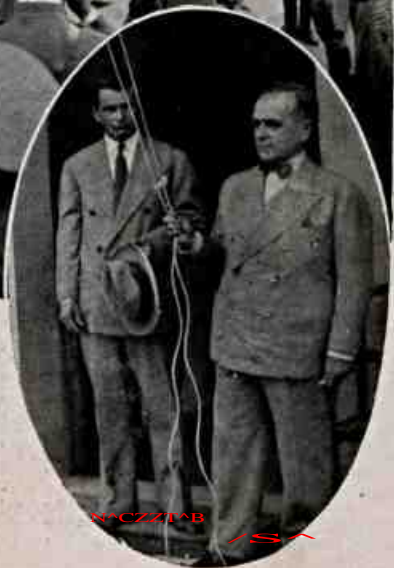
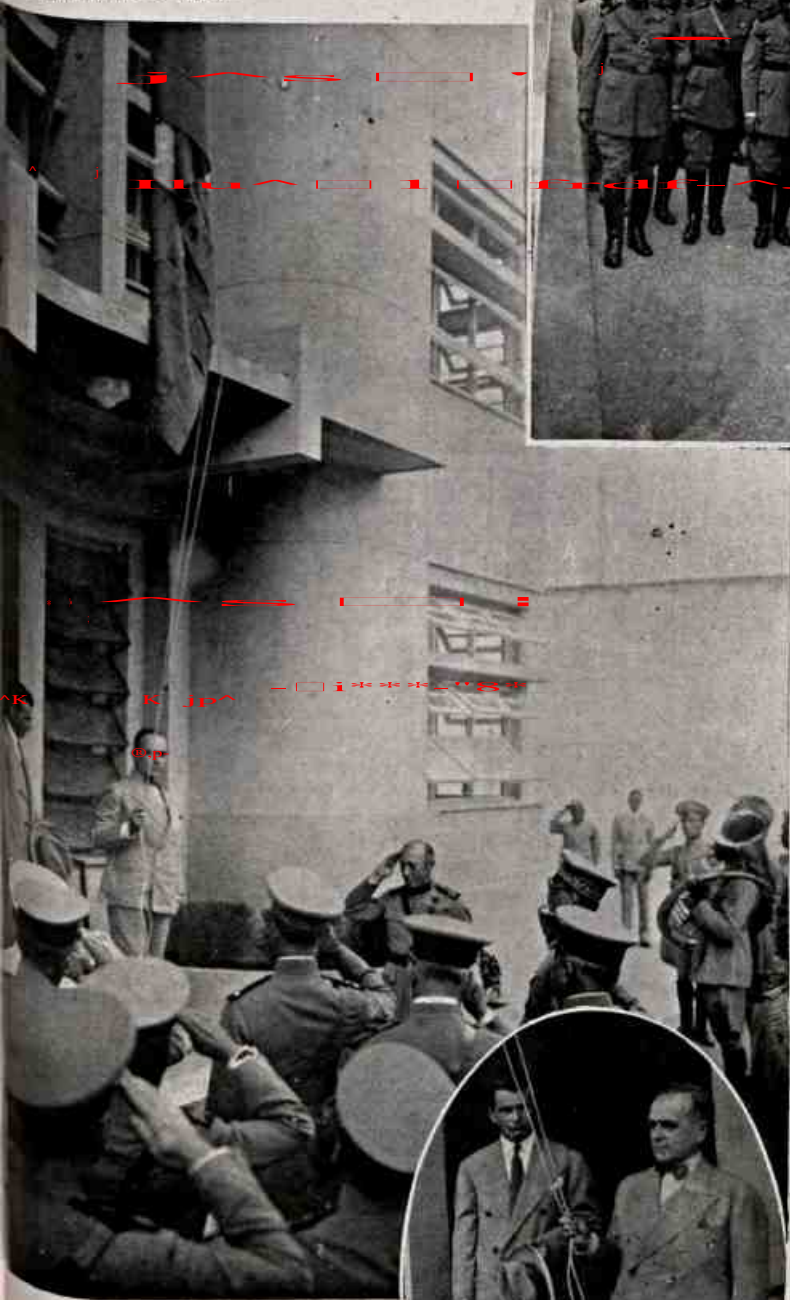
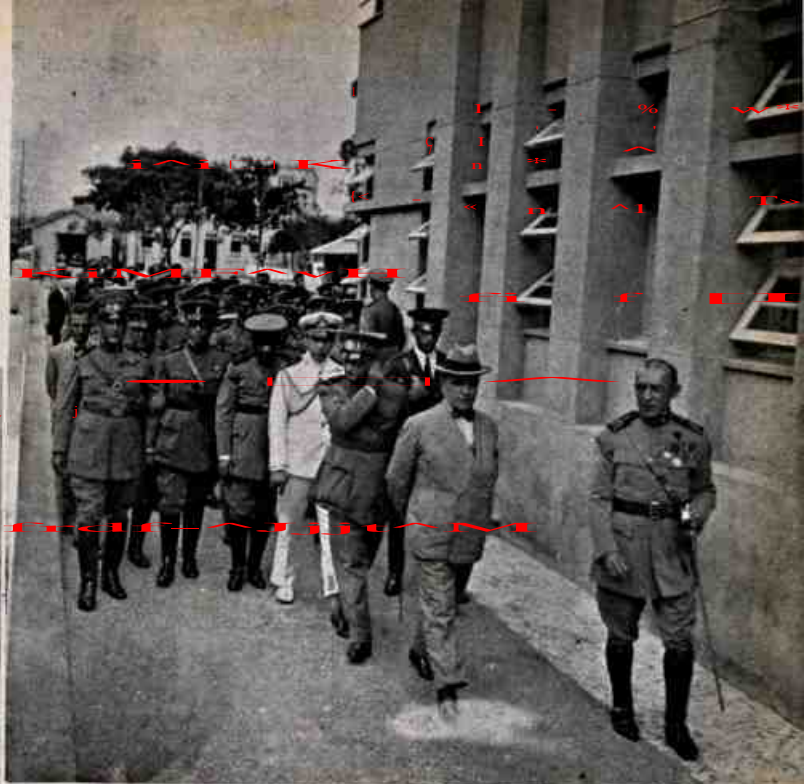
Toda nobre existencia deixa sua fibra entretecida para sempre á obra do mundo, e com ella augmenta a força da humanidade.

RUSKIN

Ao lado do Hospital Central do Exercito inaugurou-se no ultimo sabbado o Instituto Militar de Biologia, novo departamento do Serviço de Saúde da Guerra, cuja utilidade não é preciso salientar. A cerimonia inaugural do Instituto Militar de Biologia teve a presença do chefe do governo provisorio e do general ministro da Guerra, que chegaram ao moderno e elegante edificio da antiga rua Jockey Club momentos antes das 14 horas, sendo alli recebidos pelo director da Saúde da Guerra, general Alvaro Tourinho, e outras altas patentes do Exercito. Após a solennidade, o dr. Getulio Vargas e o general Leite de Castro percorreram demoradamente todas as dependencias do Instituto, que representa um grande emprehendimento da actual administração da Saúde da Guerra.

O NOSSO 25.º ANNIVERSARIO

Por um esquecimento que sinceramente deploramos, mas perfeitamente justificavel nos momentos de atropelo, deixou de figurar, na pagina em que homenageámos os nossos companheiros mortos, na nossa edição de 16 do corrente, a photographia do saudoso coronel Joaquim Ayres, que foi um dos mais dedicados e operosos membros da familia de FON-FON.

Julgamos, com esta explicação, reparar tão lamentável omissão.

O dr. Getulio Vargas inaugurando officialmente o Instituto Militar de Biologia, vendo-se s. ex. quando hasteava a Bandeira Nacional na fachada do edificio da rua Licinio Cardoso, e visitando as dependencias do mesmo, sabbado á tarde.

DA CRITICA E DOS CRITICOS

O principal caracter de quem critica é ter elementos dignos de critica; só assim poderá aquilatar si alguem procedeu com justiça a respeito da sua vida ou da sua actuação intellectual. Um dos principaes motivos de os criticos parecerem injustos é não procurarem elles comprehender a razão pela qual certos factos são observados pelo criticado.

A' primeira vista, toda critica é facil; mas quem não puder se externar, com a devida convicção e imparcialidade, em determinados assumptos, não deve insistir. Sabemos que toda obra representa o reflexo de quem a elaborou. E' preciso, pois, muito cuidado no demolir essa obra, porque, como nos grandes edificios, os escombros o poderão soterrar.

Por isso é que achamos mais acertado se praticar a autocritica antes da critica. Quantos estarão no caso de a fazer?...

Emfim, é melhor não se criticar a miude, porque ha criticas, — falamos na accepção geral, — que exigem a pureza dos criticos.

ALEXANDRE PASSOS

Caverna de Ali Babá

(Photo Irmãos De los Rios)

Zalachio Diniz, que já era um nome brilhante da moderna geração de intellectuaes, acaba de adquirir mais um titulo: o de bacharel. Collôu gráu, recentemente, com a turma de bacharelandos de 1932, da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Antes disso, Zolachio Diniz havia publicado varios livros, destacando-se, entre elles, «Kismet», «Festa em funeral» e «Canto a este novo Brasil de todo mundo». E agora, quando se prepara para lançar uma novella, — «Sônia Krazoff» — faz-se dono de um diploma que é conferido ao fim de um curso brilhante. O dr. Zolachio Diniz dedicou-se á advocacia criminal.

A ANECDOTA JUDAICA

Abrahão chega ao banco acompanhado de seu filho menor. Apresenta um chéque e recebe o dinheiro em cédulas. Conta-as uma por uma, menos a derradeira e mette-as na carteira.

Ao sair á rua, o menino pergunta:

— Papai, por que não contaste a ultima nota?

E Abrahão:

— Naturalmente, filhinho, nunca se conta a ultima cédula. Pode ter outra debaixo...

VERLAINE

François Coppée descreve Verlaine em poucas linhas e de modo integral: "Verlaine jamais encontrou em seu caminho a experiencia, fria e fiel companheira, que nos toma pela mão e nos guia pelo aspero caminho. Continuou sendo sempre menino."

Isso, decerto, lhe traria um soffrimento atróz através da vida.

E é esse soffrimento que nos attrae e nos prende na obra do grande poeta como um veneno subtil que se infiltra no coração.

O DIREITO DOS CÃES

Na Inglaterra, existe uma disposição singular, uma especie de lei de Perdão, segundo a qual todo cão tem o direito de morder impunemente a primeira vez.

Ha pouco tempo, conforme narrava o "Excelsior" de Paris, um cidadão inglez levou um cachorro e seu dono á barra do tribunal por causa duma dentada do primeiro que rasgára o vestido da esposa do queixoso. Houve o julgamento com todas as regras. Mas era o primeiro delicto do animal accusado, cuja préza ainda estava limpa de qualquer falta, e o juiz absolveu o cão.

Feliz a terra em que estão assegurados desta maneira os direitos até dos proprios bichos!...

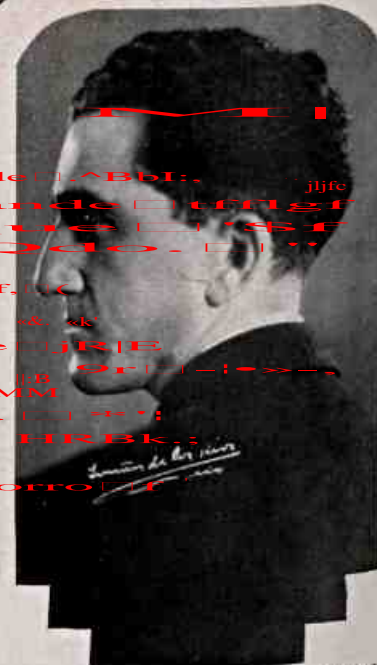
A IDADE DA MULHER

Muito se tem escripto sobre a idade da mulher. Entretanto, até agora ninguem é capaz de saber de verdade os annos de uma mulher, guiando-se pelo que ella diz ou pelo que apparenta.

Uma menina de dez annos dirá sempre que tem treze, afim de parecer mocinha. Uma de quinze terá sempre quinze certos. As moças de vinte têem dezeseis. As de trinta, vinte e dois. As de quarenta, vinte e oito. E as de cincoenta, quando muito trinta e cinco.

Ha mulheres muito moças e que parecem idosas e ha maduras que, á força de tratos e pinturas, se julgam em plena juventude. E não se póde, para averiguações, recorrer ao menos ás companheiras de infancia, porque estas tambem se defendem...

SÉSAMO

O dr. Perrucci Junior, que, embora muito joven, já goza de elevado conceito na classe medica, tendo sido aqui no Rio assistente do professor Fernando de Magalhães, na Pró-Matre, acaba de transferir-se para São Paulo, onde, certamente, se ha de impôr pelo brilho do seu talento e pela força sempre nova da sua actividade.

Herman Lima, o victorioso escriptor de «Tigipió», vem de reaffirmar o seu magnifico triumpho no scenario da actividade literaria do paiz, com a publicação, ainda ha pouco, da terceira edição do famoso livro que lhe consagrou o nome nos circulos intellectuaes desta capital. Escriptor de vastos recursos mentaes e culturaes, o autor de «Tijipió» é, no momento, uma das nossas mais bellas e robustas affirmações de «conteur». E «conteur» de estylo colorido, vivo, sabendo pintar e descrever com originalidade e encanto quadros e aspectos da nossa vida regional, costumes dos nossos praieiros e sertanejos, focalizados no meio rustico e pittoresco em que vivem. A terceira edição de «Tigipió», reaffirmação inequivoca da victoria de Herman Lima, merece, assim, o registo que fazemos, cumprimentando o joven e brilhante escriptor cearense pelo exito do seu bello livro de contos.

Mais uma das suas lindas festas dançantes realizou sabbado passado o Tijuca Tennis Club, cujos salões se encheram, durante algumas horas, das mais galantes silhuetas femininas do bairro do nosso confrade dr. Heitor Beltrão, que é o dedicado e illustre presidente daquelle gremio sportivo e elegante de tanto prestigio no nosso meio.

AMOR MADURO

Claude Loucher escreveu na sua *Phisiologia do amor* estas palavras sensatas: "O amor demasiado joven é um amor bôbalhão, incommodo e insipido. Uma menina de quinze annos apaixonada faz rir. Uma moça de vinte, faz pensar. Uma de trinta, faz enlouquecer."

No amor, a menina inexperiente só vê a vaidade. A moça, experimenta sensações e sentimentos. A madura experiente descobre subtilezas e graças, põe em pratica uma arte e entrega todo o coração.

O amor maduro é, pois, um perigo!...

O casal Hugo Napoleão offereceu, terça-feira ultima, por motivo do anniversario natalicio de sua gentil filha senhorinha Lenita, uma elegante recepção ás pessôas de suas relações. Dessa festa a que compareceram figuras de grande destaque em nossa sociedade, a objectiva de FON-FON fixou o suggestivo aspecto acima, no qual se vê a anniversariante entre um luzido grupo de amiguinhas.

A melindrosa lá do bairro *chic* descobriu um rapazóte de dinheiro e não dá uma folga... Pelas manhãs de sol, apparecem os dois pontualmente no banho de mar, demoram horas seguidas na praia, brincando em levantar castellos de areia que têm a fragilidade dos sonhos das meninas estouvadas... Festinha daqui e d'acolá, sem reparar, nem ligar importancia aos que estão proximos bispando o descaramento do parzinho venturoso. Depois, as aguas do oceano amortecem um pouco os nervos dos namorados. O banho corre sem maior novidade e elles separam-se para novo encontro, á noite, no *rink*. Patinando, parece que não querem outra vida, pois, de mãos entrelaçadas, trocam confidencias mudas, cujo ardor se reflecte no brilho dos olhos negros, profundamente negros, da melindrosa. O brinquedo dura a noite toda, até o apagar das luzes, quando elle vae para o seu *bungalow* continuar o sonho sobre um leito macio, ao passo que a pequena segue rumo differente, subindo o morro onde está, á sua espéra, dura enxerga, numa tapéra.

Já dizia o poeta que até nas flores se encontra a differença da sorte, pois umas enfeitam a vida, e outras, a morte... Pois a vida do rapaz em nada se parece com a da melindrosa dos seus amores.

Quando a familia do nosso heróe tiver conhecimento que a eleita do coração do rapaz móra em um *bungalow* de latas velhas, trepado num dos morros da cidade, ha de deitar o mundo abaixo. Indiscutivelmente, quem vê vestidos de sêdas, muita vez não sabe do resto...

A figurinha da garota encontrada nas calçadas do Flamengo bailla no cerebro do illustre cidadão que na intimidade do lar parece um exemplar chefe de familia, mas que, fóra delle, não passa de um refinado pirata. A garota fazia o passeio costumeiro, quando presentiu alguem seguindo-a, de automovel. Olhou, naturalmente por olhar...

Do interior do vehiculo partiu um galanteio amavel, seguido do convite para um passeio agradavel.

Irreflectidamente, a garota subiu para o automovel, que partiu célere. Gozaram ambos a doce volupia de uma carreira que parecia não ter fim, quando o carro estacou em sitio afastado, onde se podia repousar sem a vigilancia das vistas importunas.

Mas, o cidadão illustre tinha de regressar á casa antes de cahir a noite, e por isso não foi possivel prolongar a delicia daquelle primeiro passeio.

Ella gostou tanto da aventura, que repetiu e vae repetindo as caminhadas longas de automovel, pelas estradas colleantes do oceano... Acontece, entretanto, que o cavalheiro amavel teve necessidade de descobrir o jogo, fazendo a confissão fatal: era casado... O céo daquella felicidade nova carregou-se de nuvens negras, prenuncio de borrasca. Os passeios foram interrompidos durante uma semana, mas, agora, recomeçaram imprevistamente.

O illustre cavalheiro não sabe como vae acabar o delicioso romance, nem quer pensar no caso. Sabe, sente que a figurinha da garota não lhe sáe da cabeça um só instante.

Será o symbolo de uma fatalidade proxima a desabar na vida do illustre cavalheiro?...

DEPOIS que o medico suspendeu a mesada, *madame* anda por conta do diabo.

Tudo tem limites, e estamos prevendo que *madame* acabará perdendo tambem a mesada do marido, que não póde mais supportar o nervosismo da esposa.

Convenhamos que, afinal, o pacato cavalheiro nada tem com a desdita da mulher... O auxilio do *outro* era coisa á parte, na vida do casal.

Madame necessitava de mais dinheiro para os vestidos, os alfinetes?...

Pois o medico, gentilmente, concorria para a alegria de *madame* pagando-lhe os alfinetes.

Acontece, porem, que *madame* entrou a fazer certas exigencias descabidas.

A tendencia moderna é justamente para acabar com os odiosos monopolios, e ella queria justamente tomar todo o tempo do clinico, com fantasias loucas.

O medico cortou a mesada, inesperadamente, rompendo relações com a interessante creatura.

Usou de um direito, mas quem está aturando os nervos de *madame* é o marido, uma perola, o homem mais cordato deste mundo.

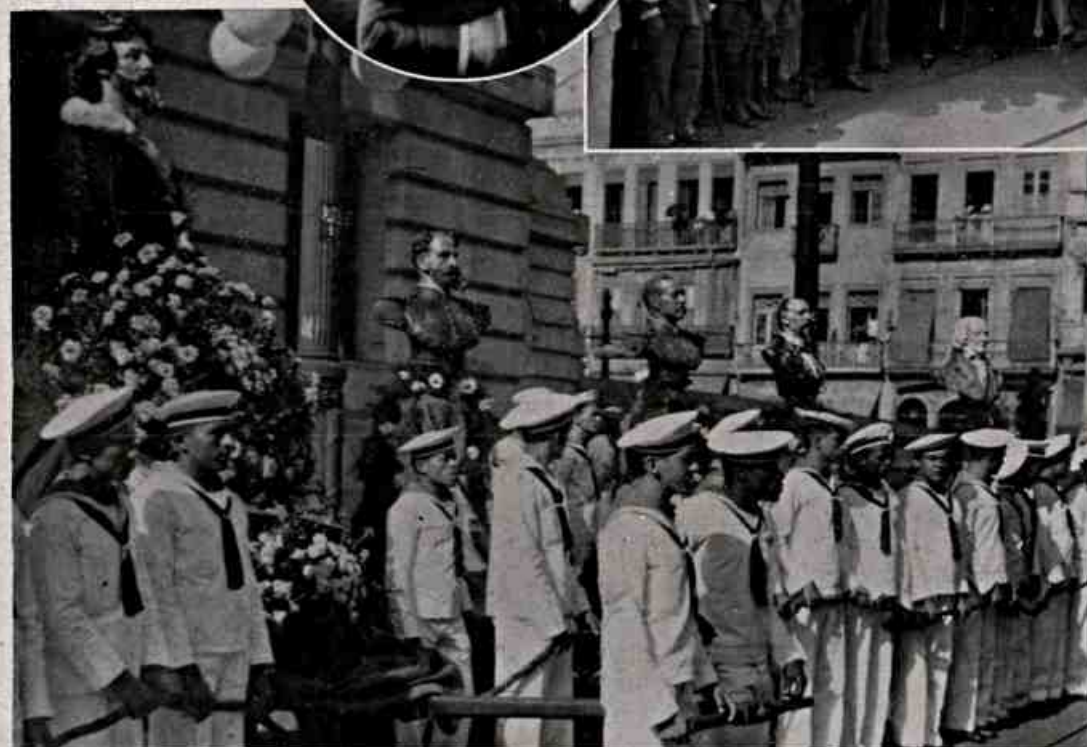
Assim, tambem, é demais! É necessario ter calma no Brasil...

Uma scena empolgante do terceiro quadro da linda peça de A. Bisson «O Rosario», que o nosso brilhante confrade Alberto de Queiroz traduziu para a companhia do Trianon, e que alli está alcançando o maior successo theatral do anno. «O Rosario» é uma comedia de fina emoção, que deixa na alma da gente um pouco da belleza e da fascinação do amôr. Apparecem na scena que a gravura fixa Aurora Aboim, Teixeira Pinto e Olavo de Barros, cujas interpretações valorizam ainda mais os encantos da peça.

Decorreu num ambiente de perfeita cordialidade e alegria o almoço que os collegas de anno do dr. Salgado Filho lhe offereceram nos salões do Hotel Gloria, por motivo da sua escolha para o cargo de ministro do Trabalho. Falou, offerecendo o agape, o dr. Garcia de Souza, que, depois de recordar episodios felizes da vida de estudantes que juntos desfructaram, salientou ter aquella homenagem um caracter muito intimo. O sr. ministro do Trabalho respondeu, num breve discurso, agradecendo aquella prova de sympathia. Damos aqui um flagrante dessa manifestação.

O Instituto Brasileiro de Contabilidade, que teve a iniciativa do Segundo Congresso Brasileiro de Contabilidade, realizado nesta capital de 18 a 25 do corrente, promoveu um jantar em homenagem ás delegações estaduaes do mesmo Congresso e que foi servido no salão do Beira-Mar Casino. Ahi estão as pessôas que tomaram parte nesse ágape de confraternização da classe.

O dr. Feu de Carvalho, director do Archivo Publico Mineiro, por occasião de sua visita ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Vêem-se ao lado de s. s. o conde de Affonso Celso e os drs. Max Fleuiss, Vieira Ferreira, Vieira da Silva, Leão Teixeira Filho e Pedro Calmon.

Como nos annos anteriores, a data da morte do protomartyr da Republica foi commemorada solennemente nesta capital. Para isso, foi organizado um programma de festas civicas, em homenagem a J. J. da Silva Xavier, destacando-se a parada que conduziu os bustos de Tiradentes, José Bonifácio e Benjamin Constant, do Palacio da Camara dos Deputados para a Escola Tiradentes, fazendo, assim, o mesmo trajecto que o herói e martyr seguiu, quando levado ao patibulo. Muitas foram ainda as cerimonias realizadas na cidade, em institutos e aggremiações publicas e particulares, collegios e outros estabelecimentos congeneres. As altas autoridades do paiz tomaram parte em algumas dellas. A nossa pagina offerece aspectos curiosos das principaes commemorações do dia de Tiradentes.

O chefe do governo provisorio e outras altas autoridades assistindo ás commemorações do dia 21 de abril, em frente á Escola Tiradentes. No medalhão, o dr. Getulio Vargas chegando ao edificio daquelle estabelecimento.

FERAS CRUZADAS

A gente moderna não se occupa só de cruzar palavras, mas quer cruzar até as feras. No Jardim Zoologico de Monaco se conseguiu o cruzamento dum leão e duma tigre. O leão é um leão africano do Atlas, soberbo e de abundante juba negra. A tigre é filha dum casal de legitimos tigres de Sumatra. A mistura produziu duas femeas mestiças muito interessantes, participando por igual dos caracteristicos physicos dos paes, de pêlo uniforme como o leão, sobre o qual se destacam as riscas pardacentas da mãe.

Que faltará fazer agora entre os bichos? Misturar baleias e elephantes ou phocas e pinguins?...

A sessão solenne com que a Associação dos Empregados no Commercio commemorou, na noite de 21 de abril, o 140.° anniversario do martyrio de Tiradentes.

O Touring Club do Brasil, que vem realizando uma série de iniciativas uteis e proveitosas, organizou para junho proximo uma interessante excursão turistica a bordo do «Almirante Jaceguay», do Lloyd Brasileiro, para isso especialmente escalado. Na excursão, que abrangerá todo o littoral brasileiro, desde o Rio Grande ao Amazonas, tomarão parte, a convite do Touring Club, alguns jornalistas desta capital. A gravura acima reproduz um aspecto da escolha desses jornalistas pelo Comité de Imprensa do Club, que se fez representar, nessa reunião, pelos seus directores drs. P. B. de Cerqueira Lima e Benilo Neves, e o «Almirante Jaceguay».

Grupo das pessôas que tomaram parte na recente excursão a Petropolis promovida pelo Centro Excursionista Brasileiro. Os excursionistas fizeram uma parada na rodovia, para um descanso e uma pôse photographica.

ELLA

A minha penna — agudo estylete, fino, flexivel — sempre prompta a rebellar-se e a ferir, não é sem difficuldade que a domino e acalmo, contendo-lhe os impulsos de gata bravia e perfida, tentando fazer-lhe comprehender a belleza do Perdido, a superioridade da Indifferença, trophéos gloriosos que arrancamos á Vida quando nos vemos, em meio á fatigante jornada, despojados de nossas paixões, de vãos affectos, de toda a poeira das nossas futilidades.

A minha penna é differente de todas as outras, que me perdôem a excessiva pretenção. Dir-se-ia, porém, que ella possúe uma alma mysteriosa, vibrátil, feminina e caprichosa.

Quando a tomo entre os dedos, delicada e carinhosamente, para dar inicio ao trabalho, ella sorri, enigmatica, inquietadora, reticente... E o ouro de que é feita parece mais novo e refulgente.

A's vezes, deixo-a, por longos dias, ao abandono, a dormir no seu velho escrinio de velludo verde, desbotado pelo tempo, aqui e alli manchado por algumas gottas de tinta negra.

Donde veiu ella, esta amiga sempre fiel, que ha tantos annos me acompanha? Recordo-me vagamente... Foi na *corbeille* de uma noiva que pela vez primeira a vi, num dia luminoso de julho, entre prendas e flores. Ah! sim. agora me lembro bem. Realizava-se uma cerimonia nupcial. Era num pequeno salão de estylo antigo. Em frente á mesa onde sorridentes e felizes estavam os noivos, havia um grande espelho veneziano, no qual se reflectiam os perfis do joven par. Nos olhos, brilhava-lhes a chamma ardente da Esperança...

Partiram depois, e nunca mais os vi.

Foram felizes? Não sei.

Mas a penna de ouro, que por um momento vi fulgurar nas mãos brancas e suaves da noiva, ficou esquecida a um canto. Della me apiedei. Tomei-a e trouxe-a para casa. Ninguem a reclamou e não mais nos separámos.

Os annos passaram, e com elles, dores e alegrias, horas amargas e breves momentos felizes, vieram e se foram. Para me consolar, de quando em vez, ao me ver pensativa, presa do louco desejo de reter tudo o que foge, de lutar contra a fragilidade das coisas, de me prender a um passado morto, a minha penna canta:

"Tournez nos souvenirs,
[sarabandes légères!
Secouer elevant nous vos
[oripeaux fanés!
Vos sourires sont faux, vos
[attraits surannés
Et vos yeux sont brillants
[de lueurs mensongères."

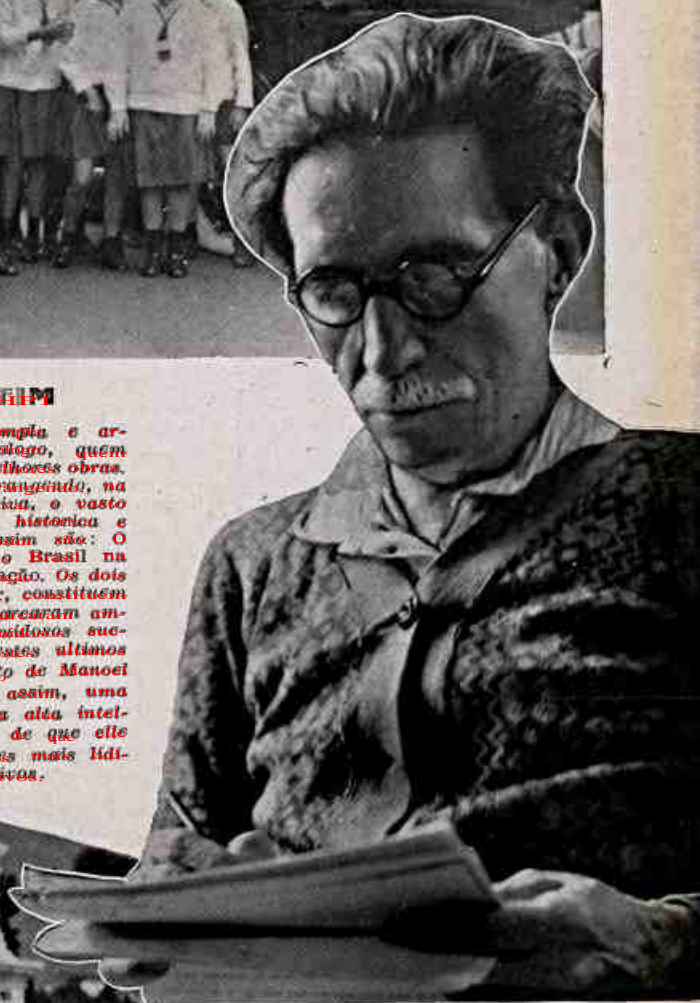
G. S.

Odillon Azevedo é um nome victorioso em nossos circulos literarios. Já publicou «Macégas», «Casa de Commodos», «A Mulher do Promotor» e «O 3.º sexo», e agora nos dá um novo livro — «Ainda existe o Amôr?», que apparece em cuidada edição de A. Coelho Branco F.º e terá, sem duvida, o exito de livraria das suas obras anteriores. Escriptor brilhante, Odillon Azevedo possúe qualidades que o recommendam á admiração dos apreciadores das bellas-letras. Sobre seu ultimo romance, dirá, na secção competente, o critico literario de FON-FON.

O interventor de Alagôas, capitão Tasso Tinoco, foi homenageado no Centro Alagoano. A photographia acima apresenta um aspecto dessa festa, onde se vêem, além daquelle militar, o coronel Hamilcar Nelson Machado, digno presidente do Centro, representantes officiaes e distinctas familias da colonia alagoana, no Rio.

O dr. R. Pitanga dos Santos em companhia dos medicos que terminaram o curso de proctologia com aquelle illustre professor.

PROFESSOR MANOEL BOMFIM

COM o fallecimento, na penultima sexta-feira, do professor Manoel Bomfim, desapparece do scenario da actividade mental do paiz uma das suas mais legitimas expressões culturaes. Affirmação magnifica de professor, o illustre morto que hoje se pranteia legou-nos varias e notaveis obras pedagogicas, destacando-se, entre estas, suas Lições de Pedagogia e Lições de Psychologia, alem de diversos trabalhos de caracter didactico, um dos quaes em collaboração com Olavo Bilac. Sociologo e pensador, deu-nos, com America Latina, um estudo interessantissimo, que despertou, na época do seu apparecimento, grande sensação. E', porém, o historiographo, com a sua ampla e arguta visão de sociologo, quem nos vae legar suas melhores obras. As de mais vulto, abrangendo, na finalidade que objectiva, o vasto quadro da formação historica e social do Brasil. Assim são: O Brasil na America, o Brasil na Historia e o Brasil Nação. Os dois ultimos, póde-se dizer, constituem sua obra mestra, e marcaram ambas um dos mais ruidosos successos de livraria nestes ultimos tempos. O passamento de Manoel Bomfim representa, assim, uma grande perda para a alta intellectualidade patricia, de que elle era um dos expoentes mais lidimamente representativos.

Dois aspectos dos funeraes de Manoel Bomfim e a mais recente photographia do mestre, tomada quando elle revia as provas de seu ultimo livro.

CUNHA MATTOS

O LIVRO DE D. GERUSA SOARES EM PORTUGAL

Sobre o livro historico, eminentemente brasileiro, de D. Jerusa Soares, "Cunha Mattos", que descreve a vida e a obra desse notavel militar nascido em Portugal e profundamente ligado á nossa historia, a imprensa lusitana se tem manifestado com enthusiasmo e encomios. *A Voz*, de Lisbôa, considera-o "valioso ensaio biographico", consagrando-lhe longo e substancioso artigo da autoria de F. de Souza, o qual felicita a escriptora patricia "pela linda e calorosa glorificação dum homem illustre, filho de Portugal pelo nascimento e do Brasil pelo affecto e pela dedicação com que se votou ao serviço de sua nova patria." *O Seculo*, da capital portugueza, noticiando alviçareiramente o apparecimento do volume, declara-o "justa homenagem á memoria do illustre portuguez." E o *Diario de Lisbôa*, dirigido por Joaquim Manso, acha-o "traçado com mão de mestre", o que é um elogio invulgar.

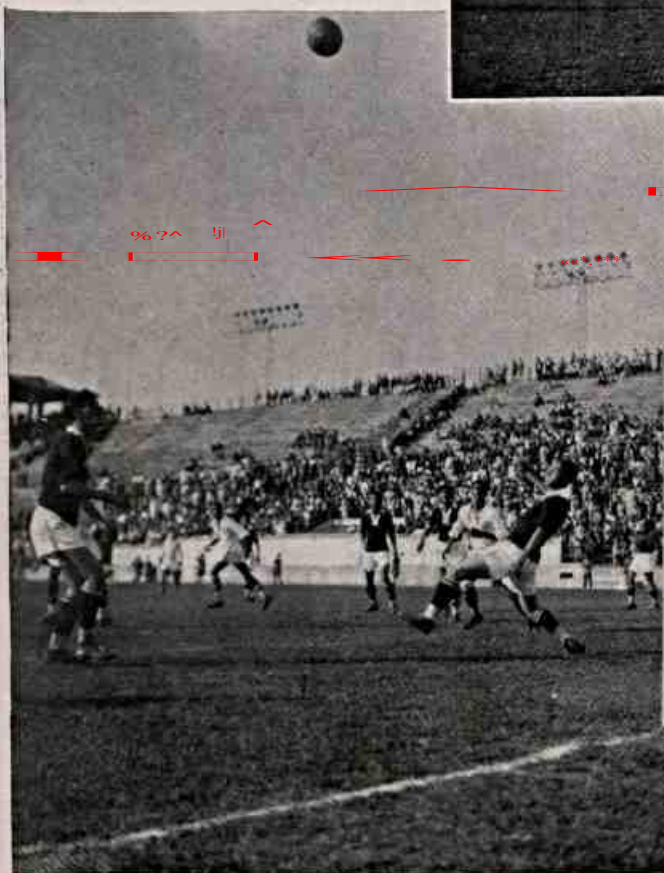
Senhorita Odette Pereira Bezerra, que acaba de receber o diploma de contadora pela Academia de Commercio do Rio de Janeiro, após brilhante curso. A jovem contabilista é filha do extremo norte, pertencendo a importante familia do Pará.

Enlace da senhorita Ondina Mendes com o sr. José Tiburcio de Oliveira.

Enlace da senhorita Doralice de Macedo Canavarro com o sr. Archibaldo de Gusmão Feio.

Os encantos do verão em São Lourenço. Um «team» de graça e fascinação. Doze jogadoras... de flecha no coração dos homens...

O INICIO DA TEMPORADA DE FOOTBALL

Realizaram-se domingo passado os primeiros jogos do campeonato carioca de football, tomando parte nos mesmos todos os clubs inscriptos para a temporada sportiva do corrente anno. Esta pagina focaliza tres instantaneos do encontro Vasco x São Christovão, levado a effeito no estadio de São Januario, e que foi o mais importante do dia.

O sr. Joseph Aedo, director da Daggett & Ramsdell, Inc., de Nova-York, em companhia de alguns amigos, ao desembarcar nesta capital, sexta-feira penultima, procedente de Buenos Aires.

EM LOUVOR DO MEU AMOR

Para a festa auroral do meu sonho mais lindo, enfeitei minha dôr de rosas e studados. Com meu pranto orvalhei as flôres de minh'alma irisadas ao sol fagueiro da esperança.

Tudo em louvor do meu amor. Tudo para ella — a altiva castellã que brilha no meu sonho e vive em minha vida de cavalleiro da Esperança e do Ideal.

Perlustrei sendas lindas da Poesia, peregrinei pelas devezas solitarias das seismas longas da Ansia e da Saudade.

Tudo em louvor do meu amôr. Tudo por ella — o sonho fugitivo que a minha fantasia idealizou.

E hei de esperar. Um dia o véo da mágoa vae dissipar-se, entre constellações, no céo aberto da felicidade.

E eu, cavalleiro da Esperança e do Ideal, hei de semear pelos caminhos da ventura as rosas perfumadas de minh'alma.

Tudo em louvor do meu amôr.

MATTOS ALÉM

O professor Francisco Chiaffitelli, cathedratico do Instituto Nacional de Musica, e presidente da Academia Brasileira de Musica, reuniu em sua residencia, no dia 16 do corrente, grande numero de amigos, collegas e discipulos para commemorar, numa festa de arte, o anniversario de sua exma. esposa. Fizeram-se ouvir, entre outros, a cantora sra. Rosetta Costa Pinto, o professor Carlos de Almeida, os srs. Isaac Feldmann e Milton Paraiso e a senhorita Hilza Bhering, que foram muito applaudidos.

FON-FON no cinema

O MEDICO E O MONSTRO

(DR. JEKYLL AND MR. HYDE)

Da Paramount

com

Fredric March e

Mirian Hopkins

Feria-lhe no coração o odio por aquelle homem.

NÃO ha em Londres homem mais popular do que o sympathico dr. Jekyll. Estimam-no os collegas de sua profissão, veneram-no os innumeros doentes a quem elle dispensa por méra caridade os seus cuidados, adora-o sua noiva Murial Carew, filha do pomposo general Carew.

As suas experiencias com células humanas levam Jekyll á convicção de que todos os seres humanos trazem dentro de si duas entidades, — uma bôa, outra má, e agora o seu esforço é descobrir a mistura chimica capaz, de separal-as physica e phisiologicamente. Numa festa em casa do general, o medico pede-lhe consinta que elle e Murial se cansem immediatamente, mas o militar a tal se oppõe e os dois jovens não têm remedio senão obedecer-lhe.

A caminho de sua casa, em companhia do dr. Lanyan, Jekyll salva Ivy Parson das imprudencias de um audacioso. Descobre logo depois que ella é uma decahida porém, mau grado seu, sente-se por ella attrahido. Quando ella, num impulso irreprimivel, o cobre de beijos, Jekyll traduz isso por uma simples forma de pagamento pelos serviços prestados e, sem pensar mais no caso, reune-se ao seu companheiro.

Jekyll consegue afinal uma poção capaz de separar o que ha de bom no homem da sua personalidade maligna. Enthusiasmado, serve de um gole toda a poção maravilhosa, e, após dores cruciantes e tremendas convulsões, transfor-

Seus carinhos dissipavam-lhe os receios.

Transformava-se num monstro horrivel.

ma-se noutro individuo, Hyde, hediondo, mal conformado, repellente. Esgueirando-se por uma porta trazeira do seu laboratorio, corre á cidade, á cata de aventuras. Uma criança que se cruza em seu caminho accende-lhe no animo uma colera desenfreada. Investe contra a criança, maltrata-a brutalmente ás bengaladas, de modo tal, que intervem o pae do menino e os vizinhos, em justa indignação. Receioso de que o prendam e para aplacar a colera de todos elle entrega ao pae da creança um gordo cheque, assignado pelo dr. Jekyll, e volta ao seu laboratorio, onde, absorvendo a poção de novo, immediatamente readquire o aspecto physico do dr. Jekyll.

Esmagado de remorso, supplica a Muriel que o despose immediatamente, sem esperar pelo consentimento do general Carew, mas ella lhe declara terminantemente que não violará a vontade paterna. Jekyll não logra resistir ao desejo de se transformar novamente em Hyde, e frequentemente adopta a fórma repulsiva de sua maligna personalidade. Invariavelmente, vae em busca de Ivy, que vive no perpetuo terror de Hyde. E delicia-se em torturar a rapariga, que tudo acceita, submissa, sem coragem para fugir-lhe. Num momento de remorso, Jekyll envia a Ivy algum dinheiro, joga a chave que abre a porta dos fundos do seu laboratorio, e resolve nunca mais se transformar em Hyde.

O general finalmente consente que se realize em breve o casamento, e promove um jantar de gala annunciando officialmente o jubiloso evento. Jekyll volta á casa radiante, alli encontrando Ivy, que lhe vem agradecer o dinheiro e receber tratamento dos ferimentos que Hyde lhe causou. E Jekyll despede-a, garantindo-lhe que nunca, nunca mais ella tornará a pôr os olhos no monstro.

A caminho da casa de Carew, para o jantar festivo, Jekyll involuntariamente se transforma em Hyde. Domina-o então a sua indole perversa, e uma vez mais elle vae á procura de Ivy. Resistindo-lhe esta, elle brutalmente a assassina. Lembra-se de procurar refugio, mas vem-lhe a idéa que jogou fóra a chave do seu laboratorio.

Era a sua victima indefesa.

(Conclue na pag. 52)

A caminho da fogueira.

GUERRA! FLAGELLO DE DEUS

(Vier von der Infanterie)

com Fritz Campers — Gustav Diessl — H. J. Moebis — Jackie Monnier — Hann Hoesrich e Elese Heller

Em exhibição no Cine Broadway

Era o unico no posto de sacrificio.

Um companheiro leal na tristeza das trincheiras.

É um dia de treguas, num acampamento perto da fronteira franceza. Os soldados allemães divertem-se, esperando o momento de começar de novo a refrega. Carlos, o estudante, o bavaro, o tenente são amigos inseparaveis. O tenente é a expressão da disciplina. Os outros tres representam uma grande amizade. O estudante está apaixonado por Jacqueline, uma francezinha que

Na terra de ninguem.

seguiu aquelle batalhão, levada por um grande amôr. Ouve-se o ronco dos canhões. Todos os homens se põem em marcha acelerada. O tenente distribue ordens. Entra em luta. A artilharia, está fazendo carga cerrada contra os proprios soldados. E' preciso que alguem vá avisar o commandante.

O estudante offereceu-se para tal missão. Seu intuito, porém, é ver a francezinha. Volta depois ao ponto de partida. A situação dos combatentes, agora, é horrivel. Quatro homens devem collocar-se á direita do inimigo. Levarão metralhadoras e granadas de mão. E o bavaro e Carlos fazem parte do grupo.

Carlos havia regressado de casa. Fôra ver a esposa. Antes não tivesse ido! Foi encontral-a nos braços de outro. Trocava a sua carne moça por mantimentos. A cidade não lhe dava alimentos. Carlos queria dizer ao estudante que não se casasse. Mas, o estudante, a essa hora, estava morto; atolado no barro da trincheira. E a luta segue, infrene.

No hospital de sangue o espectaculo é doloroso. O tenente, depois de um combate intenso, enlouqueceu. O bavaro, varado por balas, está agonizando. Carlos, ferido na defesa, tambem agoniza. A mulher, uma sombra loura e piedosa, pede-lhe ainda o perdão. A culpa não é della... E' de todos. E elle morre, após morrer o ultimo dos quatro companheiros.

Tomou o compromisso de entregar a carta.

Nas horas angustiosas da grande luta.

NOTAS DE ARTE

CÔRO MADRIGAL DE HAMBURGO. — Continúa no Theatro Casino o merecido successo do C. M. H. Em a noite de 19 e na tarde de 24, assistimos á execução dos programmas ns. 2 e 3, onde figuraram varias composições de Schubert, Mendelssohn, Haydn, Mozart, canções populares, cantos de *folk-lore* mais ou menos estylizado, alem de *madrigaes*, propriamente ditos e que foram: *Tres bôas coisas* e *Um dia o pequeno Cupido*, de Daniel Friderici (1584-1639); *Meu unico consolo*, de Orlando di Lasso (1530-1594); *Villanella alla Napolitana*, de Baldassare Donati (1520-1603); *Canto e dansa*, de Thomaz Morley (sec. XVI). Em dois intervallos das peças de canto ouviram-se pelo pianista Otto Stoterau as composições de Beethoven: *Variações em fá maior, op.* 34 e *Rondó em sol menor, op.* 129, bem tocadas e bem applaudidas.

Como da estréa, era o auditorio quasi exclusivamente allemão, e os applausos intensos e frequentes, e como da estréa, quasi tudo foi executado com regular e ás vezes notavel perfeição. Houve mesmo dous numeros que merecem menção especial. Referimo-nos ao *Danubio Azul*, a celebre valsa de Strauss, adaptada ao canto coral por Cursch-Buehren, e acima de tudo a *Oração* de Schubert para côro e solos.

A *Oração* foi o que mais nos impressionou de tudo o que ouvimos pelo C. M. H. Pareceu-nos, a par da propria belleza da composição schubertina, uma interpretação excepcional. Tivemos a impressão de que o côro era uma só voz cantando em varios registros. Não percebemos o minimo deslise. Tudo foi impeccavel. Pudemos então renovar os applausos á bella voz da srta Valerie Brohm Voss, e ás dos seus collegas sra. Nammesfahr — Puttbach e sr. Walter Sommeyer, e applaudir ainda todos os outros, muito especialmente a sra. Marta Pohlmann — Tumler, que tão bem cantou o solo de contralto.

Se ainda houvesse tempo, seria bom que o emprezario Viggiani facilitasse ao publico a acquisição de traducções em portuguez, ou noutra lingua latina, da letra dos cantos allemães, exhibidos pelo C. M. H. Talvez fosse maior e mais brasileira a concurrencia de ouvintes do côro hamburguez.

FIGURAS DE THEATRO

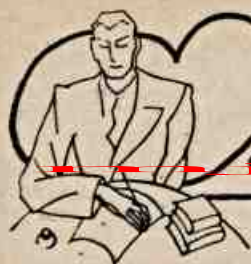
A actriz portugueza Carmindia Pereira e o empresario Lopo Laner, da Companhia de Revistas que na proxima semana estreará no theatro Carlos Gomes.

FAMA DE MENTIROSO — Isso não é verdade!
— Mas si eu não disse nada!
— Bem; mas vae dizer...

ARRAU. — O terceiro e ultimo concerto da série iniciada, realizou o grande pianista chileno Claudio Arrau no Theatro Casino, na tarde do penultimo joveda, 5ª. feira, 14 de abril, com o seguinte programma: a) *Impromptu em fá sustenido maior* e *Sonata em si menor op.* 58 — de Chopin; — b) *Au bord d'une source*, *Soneto de Petrarca n.* 123 e *Valsa de Mephisto* de Lizst; — c) 4 *Estudos*: *fá menor*, *mi maior*, *lá bemol maior*, *dó sustenido menor* — de Chopin; 2 *Estudos*: *Harmonies du soir* e *em fá menor* — de Liszt.

Quasi adivinhando o nosso pensamento externado na chroniqueta do ultimo sabbado, Arrau deu-nos audições só de obras de Chopin e Liszt. Não foi como desejavamos um recital-Chopin, mas nem por isso deixou de ser uma exhibição dos mestres do piano que melhor interpreta o pianista sul-americano. E desta vez a obra-prima de execução não foi Chopin, mas Liszt. A *Valsa de Mephisto* superou a *Sonata em si menor*. Embora magnifica a interpretação do ultimo tempo dessa *Sonata*, o *Presto con fuoco*, não nos satisfez o *Largo*, o mais bello, o mais poetico de todos. Faltou, ou pelo menos não sentimos a mesma emoção de belleza que nos proporciona ouvindo-o pelas mãos maravilhosas da genial pianista brasileira, Guiomar Novaes. Em compensação, esteve acima de qualquer elogio a celebre valsa de Liszt. Encantou e arrebatou. E tudo o mais pairou no mesmo plano elevado de belleza technica e esthetica, em que sóem pairar as interpretações do invulgar pianista. No emtanto, se quizessemos fazer ainda selecções, apontariamos, como das mais notaveis entre as notaveis, as execuções de todos os *Estudos*, quer os de Chopin, quer os de Liszt.

O publico applaudiu sem reservas e exigiu *extras*, que foram satisfeitos e alvo de intensas ovações.

OSCAR D'ALVA

Odilon Azevedo — AINDA EXISTE O AMÔR? — Ed. A. Coelho Branco F.° — Rio — 1932 — 5$

NÃO foi sem fundada desconfiança que abrimos este livro, que traz na capa, em caracteres bem visiveis, a indicação de: *romance para moças*. Conheciamos o genero de literatura dos livros anteriores do autor, livros de um intenso realismo, e não o suppunhamos capaz de mergulhar a penna em perfumes de rosas, que a tanto importa alguem se propôr a escrever um livro para moças, principalmente para moças brasileiras. Não nos enganámos.

O autor não dispõe do contrôle das idéas, e escreveu um romance que devia trazer na capa este aviso: *improprio para moças*. Por que? Porque a fabulação do mesmo se prende a um motivo central, o escabroso episodio de uma pobre rapariga violentada por dois rapazes dentro de um automovel fechado, numa estrada deserta da cidade! Nada mais precisamos accrescentar para dizer do lamentavel equivoco do escriptor, suppondo que a sua literatura é apropriada para moças. Salvo si o autor se refere a certas creaturas infelizes que, no norte de São Paulo, têm o appelido de *moça*.

Caso contrario, está errado, erradissimo. Ademais, trata-se de um romance escripto com pressa evidente, tal o numero de descuidos de linguagem que encerra.

O herói do mesmo, certa vez, victima de um accidente de automovel, foi hospitalizado, e o autor escreve que "nos dois primeiros dias que seguiram o desastre, esteve em *perigo de morte*."

O grypho é nosso. Que coisa vem a ser perigo de morte? Periga a vida... mas, a morte tambem?!...

Ha, no livro, este outro pedaço delicioso de confusionismo: "E d. Laura penetrou garbosamente o appartamento. Si Napoleão Bonaparte a visse, haveria de gravar na mente a sua attitude victoriosa para fazer uso della quando vencesse uma batalha! Mas, infelizmente, Bonaparte é morto, e a *póse* de d. Laura tinha que se perder por falta de guerreiros hoje que a copiassem, ainda que a vissem, porque a não mereceriam..."

Percebe-se que o autor faz uma triste idéa do exilado de Santa Helena. Felizmente, Bonaparte morreu, dizemos nós, pois não acreditamos que fizesse uso *della* (d. Laura ou attitude), nem antes nem depois de alguma batalha victoriosa.

O sr. Odilon precisa ter mais cuidado no proximo romance — *Naimkid*, já annunciado, e tambem *para moças*.

Ou, então, previnam-se as *jeunes-filles*...

Xavier de Oliveira — ESPIRITISMO E LOUCURA — Ed. A. Coelho Branco F.° — Rio — 1931 — 6$

O dr. Xavier de Oliveira, docente da Faculdade de Medicina, publica esta monographia como resultado de doze annos de observações de doentes que estiveram sob os seus cuidados no Pavilhão da Assistencia a Psychopathas, no Hospicio Nacional. O trabalho, dividido em duas partes, é precedido de uma carta prefacio do eminente dr. Juliano Moreira, e contém 32 illustrações.

A primeira parte trata do *Factor religioso em psychiatria*, terminando pelas seguintes conclusões:

1.ª — *Si não ha uma loucura religiosa, symptomatologicamente individualizada, na pathologia mental, existem, entretanto, psychoses de feitio religioso, que se podem generalizar como uma verdadeira epidemia, em certas collectividades, muitas vezes, acarretando, nesses casos, as mais funestas consequencias.*

2.ª — *E' um crime pretender dominar, pelas armas, individuos ou collectividades atacadas dessas modalidades clinicas da psychiatria: devem ser tratados como doentes, que são, e, uma vez comprovado o seu mal, o quanto antes, internados num Asylo-Colonia de Alienados, onde fiquem em tratamento e em segurança, para o seu proprio bem, para resguardo da sociedade, e, até, para tranquillidade dos governos.*

Na segunda parte, denominada *Loucura e espiritismo*, o autor chega ás seguintes conclusões finaes:

1.ª — *Não existe uma psychopathia espirita, autonoma e symptomatologicamente individualizada na pathologia mental. Existem, sim, delirios de caracter espirita, enxertados em qualquer entidade morbida da psychiatria, maximé, nas psychoses constitucionaes, que atacam, de preferencia, os hysteroides e os eschizoides, ou melhor dito, os — "hystero eschizoides" — sendo, a meu ver, a espiritopathia o ultimo disfarce por que, nesta actualidade, a velha hysteria de Sydenham e de Charcot ainda é encontrada nos hospitaes de insanos.*

2.ª — *Na laicidade do nosso ensino, official ou não, e na insufficiencia e imperfeição da nossa educação religiosa, no lar e fóra deste, estão as causas fundamentaes desse verdadeiro avassalamento do Espiritismo entre nós, com grandes damnos materiaes e moraes para a nossa Sociedade, a qual já lhe vae soffrendo as consequencias lastimaveis, das quaes a menor, certamente, é o onus que representa para o Estado o coefficiente de loucos com que a seita de Allan Kardec concorre para os Asylos de insanos;*

3.ª — *A baixa cifra com que, segundo minha observação pessoal, a pratica do Christianismo Catholico concorre para a alienação mental no Brasil, autoriza-me a vêr nelle a nossa religião de escolha, aquella em que o dogma — "Crê em tudo e crê sem hesitar" — não deixa margem para as indagações e interpretações que, nas outras, principalmente, o Espiritismo, são o caminho para a duvida, a idéa fixa, a obcessão, a angustia e a loucura.*

LUVAS,
MEIAS — CARTEIRAS
- Ultimas novidades -
Luvaria Franceza
54 - Rua Gonçalves Dias - 54

Depois das *conclusões* dos *mestres*, os leigos devem silenciar... Está certo. Mas, em todo o caso, nós ousamos dizer alguma coisa a respeito do livro. Em primeiro logar, o Espiritismo é sciencia ou religião? O dr. Xavier de Oliveira conclúe pela segunda hypothese.

Para o autor, está certo, porque, não podendo esconder a sua ogerisa pelo Espiritismo, confunde, baralha, para chegar onde deseja...

Essa historia de *baixo* Espiritismo, ou *alto*, já tem ranço.

O Espiritismo é um só. Nós constatamos os phenomenos, e temos obrigação de acreditar que existe.

Agora, não nos mettemos a interpretál-o, porque isto não nos apraz. Entretanto, é de estranhar que o autor venha falar em *candomblés*, em *despachos* e outras artimanhas de contumazes exploradores da credulidade publica, para investir contra o Espiritismo.

Que tem uma coisa com a outra? O autor quer que a policia extermine com os *centros* procurados pelos que visam a cura de sua enfermidade? Por que?

Porque fazem concurrencia a certos consultorios medicos? Mas, de quem a culpa? De alguns medicos, que são os maiores propagandistas dos *centros*, desde que transformaram a medicina, sacerdocio, em uma profissão commercial, como qualquer outra. Já agora, nem mais a pobreza póde se soccorrer das consultas gratuitas nas pharmacias.

Acabaram-se. O pobre que corra a esses consultorios, onde existem tabellas de preço, organizadas pelos interessados. Ou então que morra na falta de assistencia publica. Esplendido! Mas, o pobre tambem tem o instincto de defesa.

Soccorre-se do Espiritismo, recebe a receita e adquire o remedio mais barato que os taes *preparados* estrangeiros, tão do gosto dos esculapios.

Curam-se os desanimados sahidos das mãos de certos medicos, sem diagnostico positivado, etc. Factos. E os factos impressionam mais que palavras. Combater o Espiritismo falando em feitiçaria e *despachos*, é puerilidade. Esta monographia teria outro valor, si o seu autor fosse um espirito despido de paixão. Terminando, devemos accentuar que não somos espirita, *et pour cause*...

Artur Carbonell e Migal — METODOLOGIA DO ENSINO PRIMARIO — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 15$

O sr. Narciso Berlese incumbiu-se da traducção do livro *Metodologia de la enseñanza primaria*, do illustre professor Artur Carbonell e Migal, do Instituto Normal Masculino, de Montevidéo.

Trata-se, como diz o traductor, de uma obra ampla de pedagogia applicada. As questões essenciaes relativas á pratica do ensino são desenvolvidas com clareza e exactidão. O livro encerra idéas e principios geraes sobre methodos, programmas, horarios, lições, processos de ensino e estado especializado sobre o desenvolvimento das disciplinas nas escolas.

Resolvendo problemas de applicação technica, a obra é um forte subsidio ao trabalho dignificador dos professores.

Neves-Manta — O ALCOOLISMO NA ARTE E NA PSYCHIATRIA — Edts. Flores & Mano — Rio — 1932 — 3$

É o quarto volume da *Bibliotheca de cultura medico-psychologica*, publicada sob a direcção do autor. Neves-Manta, assistente de clinica psychiatrica da Faculdade de Medicina, o festejado escriptor de dois livros esgotados, — *A arte e a neurose de João do Rio* e *Borba Sangue*, — explica, em breves palavras, a razão deste trabalho: "E' um grito de alerta ante o futuro alcoolico que se esboça e tem a força de certos signaes vermelhos do automobilista vertiginoso, porém imprevidente!"

Nós sabemos que a intoxicação alcoolica, o alcoolismo, se vae infiltrando na cellula organica do homem do Brasil, com o pavoroso cortejo dos seus males.

E' necessario dar combate ao cruel inimigo, assim demonstra sobejamente o autor deste trabalho, digno de attenção.

São os seguintes, os capitulos da obra: *O alcoolismo na arte; Kraepelin, Freud, etc.; O alcool, aggravante do crime; Repressão therapeutica, e mais.*

Edigar de Alencar — CARNAUBA — Rio — 1932

O autor abre o livro com estas palavras: "O ceará produz duas coisas notaveis: o cearense e a carnaúba. Ambos pau para toda obra." Por isso, como cearense, do bom, entendeu que poetar não é obra que assuste a um mortal.

E feriu as cordas da lyra...

Cantou o Ceará, de accôrdo com os processos modernos do verso. Pretendeu até mesmo ser original, como neste exemplo, intitulado *Commercio*:

Na feira livre dos Estados Unidos do Brasil
Ceará armou sua barraca:
Tem renda de bilro,
tem milho, pacopaco,
algodão, carnaúba e rapadura.
Mas a especialidade é outra:
sêcas e talento.

Póde ser que esta poesia commercial agrade aos espiritos dados ás coisas utilitarias...

Quanto á segunda *especialidade*, fazemos uma restricção. Estará o autor convencido de que o talento é previlegio do Ceará?!

A *Athenas Brasileira* mudou-se com armas e bagagem?! ...

Vamos adeante...

A preoccupação do autor consiste em objectivar as coisas, ironizando-as. Não nos offerece nenhuma emoção, pois não fére a corda sensivel da poesia. O sr. Edigar é um humorista, e, como tal, deve ser apreciado. Aqui está outro exemplo:

O rapaz gostou da moça,
o pae da moça implicou,
o rapaz furtou a moça,
o pae da moça estrilou,
veiu a policia zelosa
e os dois pombinhos casou.
Tres dias depois o moço
bateu azas e voou.
A moça ficou zangada,
na vida airada estreiou.
Ninguem culpou a policia
e a vizinhança gozou.

O autor é que é *gozado*.

Mauro ...

No dia 17 de março ultimo, foi vendido em leilão, no Hotel Drouot, de Paris 4 cartas ineditas de Gustavo Flaubert a um destinatario desconhecido. Uma dessas missivas é datada de Beyruth, 21 de julho de 1850, e é uma das mais bellas descripções que se têm feito de uma viagem ao Oriente.

O destino tem, ás vezes, ironias curiosas. Para os festejos do centenario de Goethe o governo allemão resolveu votar um credito enorme. Justamente os ultimos jornaes allemães, que nos chegam, dão-nos a noticia da negra miseria em que se encontra um dos ultimos descendentes do grande poeta. Trata-se de Theodoro Hermann Goethe, empregado de banco, despedido ultimamente por causa da grande crise universal, e que se acha na impossibilidade de manter sua familia, não tendo mesmo dinheiro para comprar medicamentos para sua esposa, gravemente enferma. E os jornaes allemães commentam: — "E' bem provavel que no dia em que o governo dê o grande banquete de inauguração dos festejos do centenario de Goethe, se veja o seu proprio bisneto vir pedir um restinho de comida, deixada pelos banqueteados".

Um exemplar dos poemas de Goldsmith intitulado "The Haunch of venison" e publicados em 1776 a um shilling, vem de ser vendido em leilão, em Londres, por 78 libras. No mesmo leilão foi vendida igualmente uma primeira edição de *A Christmas Carol*, de Dickens, pelo preço de 480 libras.

SIMONE RATEL

BEN KIKI L'INVISIBLE

Deliciosos contos para creanças pela autora do famoso «Trois parmi les autres». — Sensacional.

Denoel et Steele Eds.

19 Rue Amelie
Paris

Fs. — 16.50

A Livraria Plon inicia brilhantemente a presente estação lançando nada menos de 5 volumes, todos louvados pela critica franceza. *Epaves*, de Julien Green, um romance forte, onde se entrechocam varios caractéres e varias almas; *Reine D'Arbieux*, de Jean Balde, livro que obteve em 1928 o grande premio da Academia Franceza, e que valeu a sua autora o cognome de "George Sand" bordalesa; "*Leurs Figures*, de Maurice Barrés, da Academia Franceza, um livro de energia nacional em que o autor descreve as figuras dos ministros, parlamentares, banqueiros, intermediarios e demais pessôas sobre as quaes o celebre escandalo do *Panamá* projectou uma luz tragica; *A' L'Ombre des Celibataires*, de Germaine Acremant, um romance alegre passado em uma villa do norte da França, e *Le Monde Sans Ame* de Daniel Rops, um admiravel estudo do homem e do problema de "hoje".

BRICIO DE ABREU

Livros que acabam de apparecer

— «Le sampanier de la baie Dalong», por Y. Schultz. (Plon, editor).
— «L'Europe en Morceaux», por Pierre Daye. (Editions Revue Plans).
— «Ce «qu'on appelle le monde», por A. Redier. (Nouv. Revue Française).
— «A' L'ombre des celibataires», romance, por G. Acremant. (Plon, editor).
— «L'Hotel de Toulouse, siege de la Banque de France», por Fernand Laudet, do Instituto. (Firmin Didot, editor).
— «Juana, Fille des tropiques», romance, por A. Berard. (Eds. Baudinière).

DENOEL E STEELE, celebres editores, vêem de lançar, na presente estação, uma collecção especial para creanças "LA BIBLIOTHEQUE MERVEILLEUSE":

— «Ben kiki l'invisible», por Simone Ratel.
— «Alice au pays des merveilles, por Lewis Caroll.
— «La traversée du miroir», por Lewis Carrol.
— «La fée reglisse», por W. M. Thackeray.
— «Le magicien d'Hoz», por L. Frank Baum.

— «L'auréole brisée», romance, por Florence Barclay. (Plon, editor).
— «Zola», estudo, por Henri Barbusse.
— «Les hors la loi», por Paul Bringuier. (Nouvelle Lib. Française).
— «Arsenic», romance, trad. do inglez. Austin Freeman. (Lib. des Champs Ely).
— «Bec a bec», ou «Le bonheur d'apprendre», por S. Beyamine. (G. Gres, edia.).
— «Souvenirs d'un medicin major», por E. Laval. (Payot, editor).

ANDRÉ THERIVE

LE PARNASSE

Da famosa collecção de todo o XIX seculo. Um estudo admiravel.

Les Oeuvres Representatives

41 Rue Vaugirard

PARIS

12 Fs.

MAURICE MAETERLINCK

L'ARAIGNÉE DE VERRE

A vida do mais genial dos insectos «L'Araignée Aquatique", que pelas suas necessidades, inventou o escaphandro e a «cloche à plongeur».

Fasquelle editeurs
11 Rue de Grenelle
PARIS

12 Fcs.

O DESCONHECIDO

O *garçon* abriu a porta do restaurante para dar entrada ao senhor e senhora Martelange. Logo á entrada, o casal se foi desembaraçando de seus agazalhos e, na grande sala illuminada com arte, atravessaram o espaço vazio, onde, mais tarde se dansaria, ella, á frente muito contente, feliz por se achar em Paris e poder jantar num ambiente de alegria. Apesar disso, sentia-se um tanto constrangida, quasi timida, suppondo-se alvo de todos os olhares e a se perguntar se estaria bonita, se seu vestido lhe iria bem.... Estaria satisfeita com ella, seu marido de quem ella tanto se orgulhava?... Voltou-se um pouco para consultal-o quando se lhes apresentou um dos auxiliares da casa.

O sr. Martelange, ao contrario, este não estava nada intimidado ou contrafeito Era um bello typo de homem, louro. Um pouco gordo para os seus 35 annos de edade, mas isso apenas lhe fazia avultar mais a majestade natural do porte. Em tom autoritario, pediu e indicou uma mesa.

Passado a primeira impressão de constrangimento, Francina, ao ver-se á mesa, sentada defronte de seu marido, não mais pensou senão no prazer que isto lhe proporcionava. Como era agradavel aquelle ambiente... Depois do seu casamento era esta a terceira vez que ella visitava Paris em companhia de seu marido. E de cada vez, ella realizava esta viagem com um alvoroço de creança, encontrando sempre os mesmos prazeres: viver no hotel, correr as casas de modas, jantar no restaurante, ir ao theatro.

Tudo isso a encantava.... Era tão differente da sua vida lá, na provincia, na pequena cidade onde o sr. Alexandre Martelange dirigia uma importante fabrica de fiação, ampliada e modernizada nas suas installações com o dote que ella lhe levara. Não é que lhe fosse desagradavel essa vida: não. Vivia alli com todo o conforto, tendo sua casa a dirigir e seus deveres de mundanismo a cumprir.

Amava Alexandre Martelange, a principio, timidamente, depois com orgulho, admirando-o, respeitando-o, a ponto de nunca o ter tratado pelo seu grandioso prenome de familia: Alex. Mas... aqui... Aqui era Paris... Um mundo novo... Era a vida de Paris que ella vivia momentaneamente em uma curiosidade ardente, com um fremito delicioso de aventura... Mas, estaria realmente bem penteada, bem vestida, em linha?... Não haveria nella alguma coisa de provinciana?

O sr. Martelange interrompeu-lhe as divagações, consultando-a, por mera formalidade, sobre o *menú*, porque Francina sempre achava bom o que o marido escolhia. E elle conhecia bem tudo aquillo, tinha experiencia da vida elegante de Paris, onde fizera os seus estudos...

(*Cont. na pag. seguinte*)

Balada de um sonho mallogrado

Vieste tão linda ao meu destino!
que eu, deslumbrado ante o teu vulto,
cantei no verso cristalino
a vida e o amor, no seu tumulto....
Cantei... E, ingenuo e sem cautela,
te offereci, precipitado,
— minh'alma augustamente bella...
— meu coração nunca violado...

Vaidosa, em teu fulgor divino,
— inda te exalto e não occulto —
escarneceste o Peregrino,
o Peregrino do teu culto....
Por que? — aqui tudo se estrella —
te confessou, illusionado,
tudo que lhe ia n'alma bella,
no coração nunca violado...

Hoje, ando assim, ando sem tino,
mas, si te vejo, ainda exulto....
Exulto... Emtanto, me domino,
porque inda lembro o teu insulto...
E o meu orgulho se abroquêla
á dor do Sonho mallogrado
que perfumou minh'alma bella,
meu coração nunca violado...

Offertorio

Vê que hoje ainda se constella,
lembrando o amor desenganado,
— minh'alma augustamente bella...
— meu coração nunca violado...

STENIO DE SÁ

EVITE o suor debaixo dos braços sem AFFECTAR A SAUDE!

MAGIC

Não estraga as roupas porque é inoffensivo e o unico aconselhado para os fins a que se destina, pelas maiores autoridades medicas entre as quaes os senhores doutores:

MIGUEL COUTO, ALOYSIO DE CASTRO, ANTONIO AUSTREGESILO, FERNANDO TERRA E WERNECK MACHADO

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, secca o suor das axilas, tira o seu natural máo cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguém mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

O DESCONHECIDO

(Continuação)

Jantando, o sr. Martelange contava á Francina o que fizera durante a tarde. Falava-lhe em voz bastante alta, articulando bem as palavras, para que os ouvissem nas mesas proximas. E fizera coisas importantes. "Vi o senador Lelouvier. Elle apresentou-me ao ministro... Estive tambem no palacio Bourbon para apertar a mão ao Baltier. Sabes... o antigo subsecretario de Estado... Elle me disse que eu deveria ir tratando de minha candidatura a deputado, accrescentando, amavelmente, que o paiz precisava de homens como eu... Deixando-o, fui ver o velho Pagény, tu sabes, o director de secção no ministerio... Insistiu, de novo, commigo, para tratar de arranjar a minha "fitinha vermelha"... Quer ver-me condecorado por força... Disse lhe, porem, que não tinha pressa, que isso não me interessava muito, como bem o sabes...

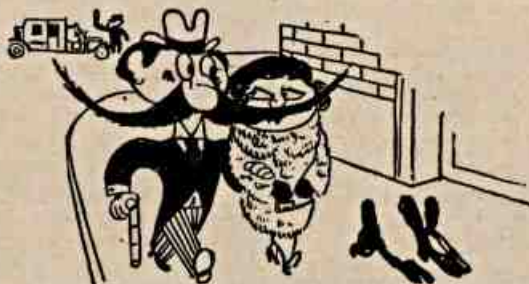
Sim, Francina sabia tudo aquillo que elle quizesse que ella deveria saber. E ella escutando, admirava-o, ao mesmo tempo que ia comendo com bom appetite. O "champagne" excitava-a um pouco. Divertida, alegre, olhava em redor de si. Foi nesse momento que ella notou, numa mesa pouco distante, um joven moreno, elegantemente trajado, que a fitava com verdadeira insistencia.

O jantar continuava. Francina estava, agora, muito alegre e ria alto.

— Ah! nove horas, disse o sr. de Martelange. Preciso ir ao telephone, p'ra entender-me com o Souleyrac a respeito daquelle importante negocio que sabes...

Ergueu e affastou-se. Francina, com uma desenvoltura que ella propria estranhou, abriu a bolsa e retocou sua *maquillage*, deante do pequenino espelho que tinha á mão. Terminada a operação, g u a r d o u os objectos de que se servira, e qual não foi o seu pasmo viu sobre a mesa, bem á sua frente, um pequeno bilhete dobrado! Quem o teria posto ali e em que occasião? Talvez quando ella se empoava... O *garçon*, por duas vezes, ali estivera, trazendo licores e fructas... Mas ella não vira nenhum gesto do mesmo... Que significava aquillo?

Nada comprehendendo, abriu o bilhete e leu: "E's deliciosa. Larga o g r a n d e "forno" com quem estás. Vem ao meu encontro dentro de quinze minutos no "Bar Alpha", aqui visinho. Passaremos uma noite magnifica... *Teu visinho da esquerda.*"

Estupefacta, indignada, Francina, corada, vermelha, sentindo-se offendida, não poude evitar de, num impulso brusco, levantar os olhos para a esquerda. O moço moreno sorriu-lhe amistosamente e fez-lhe um signal de intimidade. Acabava de pagar sua conta, levantou se e, ao passar deante da mesa de Francina, soprou-lhe: "Vou

— Por favor, Gustavo, não saias mais commigo! Todo mundo pensa que eu tenho bigode...

O MEDICO E O MONSTRO

(CONCLUSÃO)

Sob o nome de Jekyll, escreve uma nota ao dr. Lanyan e pede-lhe que vá ao seu laboratorio, apanhe as substancias chimicas necessarias e as leve para sua casa.

A' hora marcada, Hyde apparece. Impressionado porque Jekyll não compareceu ao jantar em que devia ser annunciado o seu proximo casamento, o dr. Lanyan insiste em ser levado á presença do seu amigo. Por fim, Hyde bebe a magica poção e transforma-se em Jekyll perante os olhos incredulos do seu amigo.

Na noite seguinte, Jekyll vae procurar Muriel e declara-lhe que jamais poderá desposal-a. Não lhe revela, entretanto, o transe que o confronta, e deixa-a inteiramente atonita. Antes de alcançar a rua, de novo se transforma em Hyde, involuntariamente. A sua indole perversa o arrasta a invadir a casa e prender em seus braços Muriel, tomada de terror. Carew ouve os ruidos da luta, corre em soccorro da filha, mas Hyde o acomette ás bengaladas até abatel-o, morto.

Perseguido pela policia, busca abrigo no seu laboratorio e se transforma em Jekyll a tempo de enfrentar a policia. Sobrevem o dr. Lanyan, que accusa Jekyll, determinando a sua involuntaria transformação em Hyde. Ha então uma luta encarniçada em que Hyde acaba por ser morto.

Mas morto, inteiriçam-se-lhe as pernas disformes, amaciam-se-lhe as feições physionomicas, e uma vez mais elle se transforma no joven dr. Jekyll, um homem que todos idolatram e veneram.

Todos os males causados pelo
Acido urico
cessam rapidamente com o uso da
URIDINA
"GRANADO"

Pó de Arroz, Creme e Agua
RAINHA DA HUNGRIA
Productos de BELLEZA mundialmente conhecidos, que gosam das sensacionaes propriedades magicas de EMBELLEZAR, REJUVENESCER, ETERNIZAR a mocidade.
Peça o Estojo da grande Marca RAINHA DA HUNGRIA com 7 productos, 75$000, ou só Creme e Pó amostra, 5$, e transforme a sua pelle em 8 dias numa Belleza incomparavel! Para a sua Belleza use diariamente em Massagem e na toilette Cremes, Agua, Rouge de Vie e Pó d'Arroz Rainha da Hungria da
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Peça catalogo gratis.
Av. Rio Branco, 134, 1., e R. 7 Setembro, 166 — Rio

esperar-te" e desappareceu.

Neste momento, o sr. de Martelange vinha chegando. Explicou que não conseguira communicar-se com o amigo e serviu-se de uma fructa. Francina, machinalmente, fez o mesmo. Esforçava-se por parecer calma, mas estava presa de uma violenta agitação. Instinctivamente rasgara e jogara fora o bilhete, mas as phrases que elle encerrava ficaram-lhe gravadas no espirito "E's deliciosa... Deixa esse "forno de padaria..." Aquelle elegante desconhecido, habituado á vida de Paris notara, assim, que ella era deliciosa, encantadora e escolhera-a entre tantas, para passar a noite com elle... Era revoltante o atrevimento, sim, sem nenhuma duvida, mas Francina achava tambem que o gesto não era desagradavel á sua vaidade de mulher bonita... Ella, deliciosa... Então, não tinha mesmo nenhum ar provinciano... Ella tinha o geitinho... sim, ella tinha o geitnho de uma "gallinhasinha parisiense" era este o termo... Sim, sim... Era vergonhoso, mas ella estava satisfeita!

Uma cousa, porem, a indignava: esse atrevido, insolente visinho, chamara seu marido de "forno de padaria"... Estava louco!... Forno de padaria seu marido?... que blasphemia!...

Francina deu de hombros, tornou-se alegre de novo e procurou esquecer o incidente. Não o conseguiu, porem, já no seu leito, as palavras do bilhete não a abandonavam: "E's deliciosa... O forno de padaria..." Uma interrogação algo sacrilega assaltou-a: Alexandre de Martelange poderia, realmente, passar aos olhos de uma pessoa por um "forno de padaria?"...

No dia seguinte e nos subsequentes, Francina passou a estudar seu marido e, então, a pergunta que se fazia tomou esta nova forma: E' elle, deveras, um "forno de padaria"?

De regresso á pequena cidade natal, Francina continuou seus estudos e observações sobre a mentalidade conjugal. Observava o marido com uma curiosidade impiedosa, aguçada pelo sentido forte do ridiculo, em que ia envolvendo seus actos, seus gestos, suas attitudes, suas palavras...

E uma horrivel convicção se foi operando nella, emquanto o respeito se fazia devisão, a admiração, irritação, o amor, desprezo... E esta convicção, um dia, fêl-a explodir, durante uma discussão sem importancia. Foi brutal sua violencia:

— Cala-te! Cala-te! Não passas de um "forno de padaria"!

Esta constatação alliviou Francina e aterrou o sr. de Martelange.

— Oh! oh! oh!, gaguejou elle, surprehendido por se sentir encolerizado. Eu... eu... eu... Falas-me assim... Tens coragem de falar-me assim... de dizer que sou...

— O que todo mundo diz! completou Francina, que sahiu arrebatada, indo fechar-se no seu quarto.

Sabia que havia ferido para sempre a vaidade do marido, abrindo, assim, uma guerra quotidiana que não separaria de todo, pelo divorcio, devido os seus interesses communs e as conveniencias familiares e sociaes. Não se arrependia, porem, do que fizera e pensava no joven moreno do restaurante, nesse desconhecido que ella não veria mais nunca, e que, certamente, já esquecera o incidente e a provincianasinha que lhe despertara a attenção, a ponto de lhe fazer uma proposta galante... Com duas palavras elle a fizera ver o que era o marido que tinha e destruira o seu "ménage".

E riu, com um rizinho secco para os accasos da vida...

FREDERICO BOUTET

O MAIOR SUCCESSO DE 1932 O PENTE LETRIK

O Pente "LETRIK" ondula e renova o cabello! "LETRIK" é de uma simplicidade surprehendente. A leve corrente electrica da pilha, passando ás raizes dos cabellos, robustece o bulbo capilar e ondula o cabello. Com o benefico uso do "LETRIK" a cabelleira ficará completamente transformada: brilhante, ondulada e sã. Se a raiz parecia morta, com o uso do «LETRIK» em pouco se reanimará.

UNICOS DISTRIBUIDORES: S. DUMONT AV. RIO BRANCO, 91 — RIO

PHONE — 3 - 1071

As falhas, cobrir-se-ão rapidamente, apparecendo dentro em pouco uma nova cabelleira florescente, cheia de vigor e belleza, e sem o menor traço de caspa.

Agentes no Estado de São Paulo:

G. RODRIGUES & CIA.

Rua Quintino Bocayuva, 29 - 5.º A.

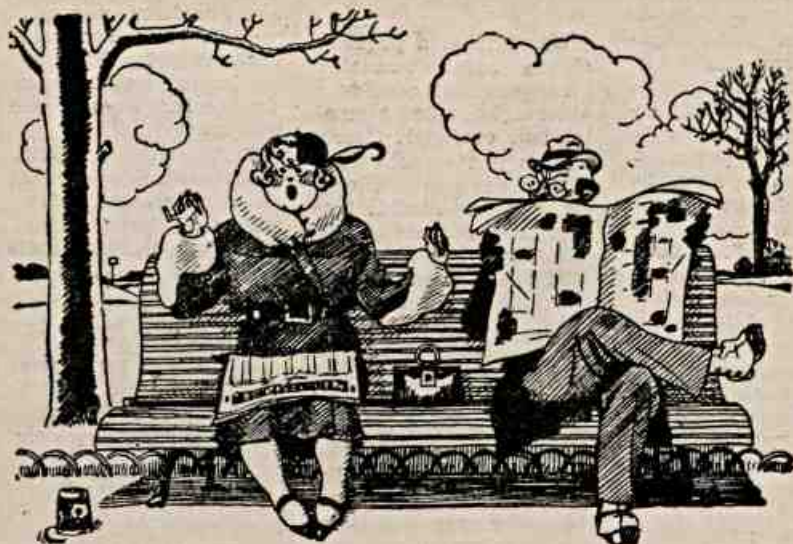
Caixa Postal 646 — Phone 24885 — São Paulo.

Remetta 50$000 que receberá pelo Correio o pente "LETRIK" — S. Dumont Av. Rio Branco, 91 8.º — Rio de Janeiro.

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

MARIPOSAS

— Que coisa desagradavel... esta tinta de impressão que nos suja horrivelmente os dêdos!...

— Mas a senhora tem toda razão: os diarios deviam ser impressos, pelo menos, com dois dias de antecedencia...

EU passeiava displicente pela rua do Ouvidor, em companhia do Jorge, aquelle amigo estroina, bohemio innato, inveterado, que todo o Rio elegante conhece, quando por nós passou, numa onda de "Rigaut", num passo voluptuoso e dolente de tango, uma mulher muito formosa. O meu amigo levou a mão ao chapéo e eu tive inveja delle por não poder fazer o mesmo. E a dama perdeu-se na onda humana daquella arteria formidavel, que palpitava numa "ferie" de côres e luz, numa tarde de sabbado azul. Na minha retina o bailado daquelle corpo magistral continuou a ostentar exuberancias de fórmas, de colleios de mocidade.

Jorge, que observára o effeito que em mim produzira a silhueta delgadissima daquella mulher bonita no seu vestido "perle", admiravelmente talhado á Jean Patou, segurou-me amavelmente pelo braço e levou-me a uma sorveteria chic. E, passeiando os olhos perscrutadores pelas mesas floridas, sussurrou:

— Lá está a borboleta. Gostas della?...

Olhei na direcção indicada e vi, saboreando um sorvete, a mulher que pouco antes por nós passára, e redargui:

— Sim. E' muito formosa.

— E' conquista demasiado facil para merecer a tua attenção. E, como muitas nestas cidade maravilhosa, e mariposa do vicio, adejante e futil, que acabará, fatalmente, tragada pelas chammas que a seduzem. E' mysterio para uns, banalidade para outros. Cruza as ruas com desembaraço provocante e tem olhares de uma pudicicia enternecedora. Tem deixado o "rouge" dos labios em muitos labios por ahi além. Aspira cocaina, injecta-se gostosamente com morphina, fuma cigarros opiados, bebe "champagne", gosta de "chartreuse" e adora a dança. Mercadeja sorrisos e passa, na sociedade que ignora a sua vida, como uma "jeune-fille" ultra comportada. Habita o mesmo tecto da familia, occupa, em conjuncto, o mesmo camarote no Municipal e a mesma archibancada no Jockey. Descendendo de paes nobres, goza de um luxo, de um confoto nababesco. Tem casa propria em Copacabana; automovel carissimo; usa extractos esquisitos, que satisfariam ao mais exigente olfacto de um principe de sangue; tem mesa nos "reveillons" do Palace. Seus vestidos são confeccionados pelas melhores modistas e ultimos figurinos. Suas joias são tão legitimas quanto a sua reputação falsa. E' a doirada borboleta da illusão e do mysterio. A borboleta fascinante e anonyma das grandes cidades...

"E' de uma sorte pasmosa: nos theatros quasi sempre "encontra", sobre uma poltrona vizinha á sua, polpudas carteiras recheiadas com bilhetes bancarios. Contou-me, o outro dia, seu bom e condescendentissimo papae que a "filhinha" encontrára, certa vez, no banco de um omnibus, em que casualmente viajava, um maravilhoso collar de diamantes authenticos e de tanta sorte fôra, que o legitimo dono nunca o reclamára!"

— Pelo que ouço, estás seguramente informado a respeito daquella tentação de carne. Como se chama?...

— Esther. Tem 19 annos e, talvez, uma dezena de amantes idiotas. Sua predilecção é pelos velhos endinheirados. Estes, não podendo mordêl-a com os dentes, por não têl-os mais, a mordem com os olhos e, por tão pouco, pagam fortunas colossaes.

— Parece-me que andas ralado pelo despeito ou pelo ciume! Pelo menos falas como tal. Uma mulher que nos é indifferente não occupa tão largamente o nosso enthusiasmo, o nosso cerebro, a nossa attenção, a nossa vida em summa.

— Não sei si tens razão. O que sei, porém, ao certo, é que Esther foi minha e quasi me transmittiu

Os seus olhos são dois sóes.

São a sua caracteristica mais saliente.

O LAVOLHO—Collyrio Antiseptico** Experimente-o e verá como pode rejuvenescer os olhos sem brilho. Olhos juvenis, são olhos limpidos. Olhos que os annos e a poeira não amorteceram. Ponha esta noite algumas gottas de LAVOLHO nos olhos e pela manhã terá a satisfação de ver como os seus olhos são bellos

DO VICIO

seus vicios funestos. Nossos encontros, embóra fortuitos, eram sempre cheios de calor, de alegria. Uma tarde, rompemos. Sentia-me vencido, dominado, e teria mergulhado na onda tenebrosa e sonhadôra de seus entorpecentes, si não fugisse á sua influencia como um covarde. A diabolica tentação da "divina poeira" e da agulha de platina longa e perigosa como a lingua de uma vibora, andava no meu sangue, corria as minhas veias, dilatava-me as narinas e afrouxava a tensão dos meus musculos. E ella, ebria, vivendo num mundo ficticio, irreal, instigava-me ao naufragio com os olhos supplicantes e as mãos de alabastro tremulas de gozo. Muita vez a deixei só para não succumbir. Desertava da sua belleza como si ella fôsse uma monstruosidade! E no dia em que resolvi fugir de uma vez ao mal que me perseguia como si fôra a minha propria sombra, levei uma grande saudade daquella mulher diabolica. Ficou-me, no mais recondito da alma, a lembrança inapagavel daquella mulher "ingenua", de olhos de vestal e corpo de sylphide, a quem todo o mundo beija as mãos, reverentemente. Continuei a mesma vida bohemia de sempre entre taças doiradas, transbordantes de espuma côr de prata e mulheres bonitas. Nunca mais, porém, senti a doce embriaguez de outros olhos como os de Esther, aquella flôr de carne e de mysterio, que tem o dom de inflammar o desejo da gente só com um olhar de requintada "ingenuidade". A's vezes, quando me entrego a divagações em tôrno das minhas aventuras mortas, vejo-a estendida num "divan" coberto de setim verde, os olhos scintillantes perdidos no vacuo, as mãos febris, os labios tremulos, sob a acção malefica da cocaina ou da morphina, vivendo, sonhando coisas maravilhosas, emquanto um fio de voz quasi imperceptivel, longinquo como um gemido abafado, pedia, soluçava, ansiava amor e.... mais toxico! Tentei todos os recursos para salvál-a. Debalde. O vicio tornou-se-lhe tão necessario como o oxygenio que respira. Acabará, fatalmente, louca. Pouco lhe falta para isso. Nos dias em que o seu "divino pharmaceutico", — como carinhosamente chama o desprezivel mercador de entorpecentes, — se demora com a "dóse" pedida, seus nervos vibram com uma tensão medonha e suas unhas longas e vermelhas rasgam, atassalham insensivelmente suas vestes e suas carnes palpitantes, numa impiedade barbara, de fazer horror! Seus olhos parecem querer saltar das orbitas e seus dentes rilham-se numa ferocidade de hyena faminta. Logo, porém, que a morphina lhe invade o corpo bello ou o "pó" lhe penetra as narinas, toda ella repousa e sorri satisfeita, como si uma felicidade immensuravel a tomasse de assalto e a conduzisse a mundos de sonho e amor. Para conquistál-a, bastam, apenas, alguns centigrammos da "poeira" maldita. Mas, ai do infeliz que repousar á sua sombra sem uma vontade de ferro, sem um querer indomavel!"

Esther acabava de tomar o sorvete. Levantára-se. Todos os homens se voltaram com cupidez nos olhos e desejos a morder-lhes a carne. E como uma flôr tropical e bella, cheirando a "Rigaut", no seu passo dolente de tango, com um sorriso pequenino a lhe enfeitar os labios pintados, lançou um olhar de indifferença ás mulheres e de "candura" aos homens e lá se foi, Ouvidor em fóra, na onda humana que ia e vinha sem cessar, naquella tarde azul de um sabbado carioca...

GILBERTO VEIGA

— Esta penninha vos rejuvenesce dez annos...
— Então, em vez de uma, colloque tres!...

PELLOS DO ROSTO

Cura garantida (radical) dos pellos do rosto ou seios por mais grossos ou antigos que sejam. Methodo novo sem dôr e sem deixar cicatrizes.

Dr. PIRES

(*Dos hosp. Berlim, Paris e Vienna*)

Av. Rio Branco, 104 - 1.º and.
Clinica especializada: Tel. 2-0425
Uma só applicação é o bastante para matar para sempre a raiz do pello.
Não confundir com electrolyse, cêras, depilatorios, pós, etc.
NOTA: Dr. Pires: Av. Rio Branco, 104 — 1.º (Rio).
Queira enviar-me seu livro: "A cura garantida dos pellos do rosto".
Nome ....
Rua ....
Cidade ....

A CRISE...

De Claude Gevell

MEU ultimo encontro com Gabriel Beauversel datava de três annos. Nesse dia fiquei estupefacto. Muito mais, porém, tinha elle com que me causar espanto depois...

Preciso dizer que não o via senão de vez em vez, mas fôra informado de toda sua vida faustosa por um amigo commum — o terceiro de um trio constituido sobre os bancos do lyceu, que a vida, suas occupações, e o acaso tinham posto a marchar sobre um caminho em zig-zag que, ora cruzava o meu, ora marginava o que seguia Beauversel. Eu tinha assim, sabido da rapida ascenção do banco fundado por Gabriel: ascenção é o termo, porque iniciado num modesto rez do chão, este banco logo escalou três andares de um grande predio, em cuja fachada lia-se, a ouro, as iniciaes: *B. G. B.* De outra maneira não estaria eu tambem, um dia, pelas 13 horas, engasgado num corredor de sachristia, á defender, cuidadosamente, meu traje de gala, passado a ferro, ainda de pouco, do contacto de uma multidão que se debatia, todos a quererem apertar a mão de Beauversel e de inclinar-me deante de sua esposa, bem nova ainda. Pelos *manteaux* riquissimos que se apresentavam, pelo numero de photographos e das filas multicôres de automoveis particulares e de praça pude deduzir, logo, que Beauversel fazia um "bello casamento", isto é avançava uma larga pernada no caminho da fortuna. Vi, emfim, depois, por varias vezes, sua portentosa silhueta em carros de luxo, de capotas cada vez mais imponentes, como vi, tambem, seu nome numa promoção da Legião de Honra e o de sua esposa entre as collaboradoras de associações literarias ou philantropicas mais uniformemente mundanas.

Com taes elementos, eu não poderia deixar de sempre imaginar um Beauversel feliz, bom gozador da vida, victorioso e pouco ligando á insignificante personagem que era eu. Assim, qual não foi a minha surpreza quando, durante o entreacto de um festival Bach, a que o nosso commum amôr pela musica de egreja nos atirara, vi-o a fazer-me de longe um signal com a mão e romper a multidão para aproximar-se de mim. Acolhi-o com uma dessas formulas ironicas, que servem de attitude de espectativa entre a cordialidade e a indifferença.

— Então, as "alturas" não te fizeram renunciar ás nossas paixões da meninice?

— As alturas?...

— Sim, as tuas "grandezas"?

— Elle respondeu-me, então, num tom que augmentou a minha estupefacção:

— Ah! minhas grandezas! falemos dellas! Ou antes, não, não falemos nisso! Deixa-me esquecel-as com um camarada de outrora.

Trocámos nossas impressões sobre o concerto; depois elle indagou dos meus trabalhos com um interesse que não era só polidez, pois eu sentia que havia nelle um velho resto de affeição e, sobretudo, um manifesto, evidente desejo de fugir ás minhas possiveis perguntas sobre a sua vida de homem e de banqueiro...

Quando me deixou, tive a convicção de que elle não era feliz. O dinheiro não fizera a sua felicidade: eu estava certo disso. E elle me pareceu galantemente ingrato com a sorte...

O acaso, hontem, fez que de novo nos encontrassemos na avenida de Messina, uma das rarissimas avenidas onde, devido ao mysterioso privilegio que a dei-

---

CORAÇÃO — GUIA DE MINHA VIDA

Quando eu era menino
e vivia brincando no Espraiado
e a empinar papagaios,
sentia, afoitamente, o coração dizer,
para me enthusiasmar:
— Viver! Viver!

Quando joven me vi,
independente,
a alma cheia de sonho e de poesia,
senti que o coração, languidamente,
me dizia,
para me enfeitiçar:
— Amar! Amar!

Quando a idade sombria da velhice
tristemente vier
com seu cortejo de recordações,
e o coração cansado, in extremis, *disser:*
— Morrer!...
bem pouca gente, certo, ha-de escutál-o
transmudado falar:
— Renascer! Renascer!

HORTA DE MACEDO

xou quasi deserta e provinciana, em pleno centro de Paris, a gente ainda se póde ver de longe... Mas, desta vez, fui eu que, tendo-o reconhecido pelas costas, apressei o passo para alcançal-o... E' que eu desejava manifestar minha sympathia ao velho Beauversel! Porque, nos ultimos três annos, os bons ventos da sorte se lhe haviam mudado e sua situação já não era tão florescente. Máus ruidos correram sobre o seu banco. Seriamente compromettido pela fallencia de um grande industrial normando, o banco esteve a pique de fechar as suas carteiras, sendo, salvo apenas pelo sacrificio quasi total da fortuna pessoal de Beauversel e de seus associados. Eis porque, agora, eu tinha Beauversel deante de mim, dirigindo-se a pé para a sua residencia, o busto curvado como se vergasse sob o peso das calamidades.

Abordei-o, dirigindo-lhe a palavra com a minha voz mais calorosa, de tal modo que só pela sua entonação demonstrasse que eu me conservava fiel aos meus amigos na adversidade. Elle voltou-se e, emquanto continuava a assobiar alegremente não sei que cançoneta em moda, mostrava-me a physionomia mais expansiva e o sorriso mais satisfeito que eu já tivesse conhecido.

E o tom de sua voz! O tom, alegre, quente, affectuoso com que manifestava o prazer do nosso encontro! Fiquei desconcertado, fazendo phrases de accôrdo com o inesperado das circumstancias e não como eu as tinha elaborado...

Sem notar, depois, meu silencio, elle tomou-me pelo braço e falava, falava com uma especie de voluptuosa embriaguez:

— Ah! meu velho! meu velho amigo! Nosso Paris, hein, nosso Paris, é bello, é lindo sob este primeiro sol de primavera, que nos dá uma intensa alegria de viver!

— Estás, realmente, com excellente physionomia...

— Eu, sim, magnifica!

Um pouco inquieto, de subito, aproveitei a occasião para insinuar, como um calmante, algumas palavras sobre preoccupações e sobre a crise. Então, elle parou, passou-me o braço pela costa e, varias vezes, repetiu minha ultima palavra:

— Ah! meu velho, a crise!

E' a ella que devo ser tal como me vês! Sim, tive cuidados, fortes apprehensões, bem horriveis, mas que compensações! Em minha casa sobretudo, onde, graças a ella encontrei minha mulher. Em vez de uma *coquette* exigente, delirante de mundanismo e de snobismo, encontrei uma companheira, uma amiga, um amparo e o mais seguro e prudente conselho. A partir do instante em que senti que eu tinha necessidade della que, por sua coragem e sua abnegação, tinha um papel importante e util a desempenhar junto de mim, ella foi a mais admiravel, a mais nobre das esposas!... Nenhuma reprimenda, uma lamentação sequer sahiu daquella boquinha habituada a se queixar e a pedir.

E, no nosso infortunio, começámos uma nova vida de intimidade e de amôr... Minha saúde!

Remoçei de dez annos, depois que o auto não me espera mais á porta do meu palacete para conduzir-me a dos meus escriptorios... Os negocios! Ah! realmente as perdas de dinheiro são bem crueis, mas em que ambiente metamorphoseado vivo eu, hoje!

Empregados apressados, solicitos e sorridentes, tanto receiam, coitados, ser dispensados de um momento para outro e que, ha seis mezes, atraz, eram hostis, preguiçosos e convencidos de ser explorados!... E meus socios!

Pretenciosos, cheios de si, nós nos imaginamos todos, porque tambem eu era como os outros, ser o unico autor da prosperidade geral, que os demais tiram o proveito á custa do nosso esforço individual...

Agora, é a harmonia perfeita, o bom entendimento mutuo creado pela sensação do perigo commum...

E a esperança de que a palavra de salvação da bôcca de um ou de outro... Ah! Sim, a crise, meu velho, viva a crise! E que ella dure!...

O CÉGO

MAL rompia alegre a manhã com o seu cortejo de bellezas várias, e lá já estava elle, o velhinho cégo, sentado ao limiar da cabana rústica, que demorava na curva de uma estrada solitaria, a cantar e a chorar as desillusões de sua vida nas cordas de uma vióla, que soluçava quadras de melancolia.

E assim ficava, immerso num profundo marasmo, vendo com os grandes "olhos da alma" a epopéa da natureza millionaria, até que, acompanhado pelo seu fiel cão, guia amigo dos seus passos naquellas estradas adustas, rumasse a aldeia, munido de mochila e vióla, apetrechos indispensaveis na sua vida de cégo cantador...

E, de porta em porta, elle supplicava uma esmola, cantando trovas dolentes como esta, onde palpitava, inteira, a sua pobre alma desolada:

"Quem nasceu cégo da vista,
Quem della não se gozou,
Não sente tanto ser cégo
Como quem viu e cegou!"

Vinha a esmola, e um sincero "Deus lhe pague" partia do seu torturado coração, receptáculo de soluços quérulos e lagrimas infelizes.

UM MARIDO SINGULAR

—E então, elle lhe bateu ainda, madame Spancioc?

—Ainda, madame Daponté!

—Mas é um animal, um homem sem coração.

—A quem o está dizendo... Ha dois mezes que isso dura. Ah! madame Daponté, não desejo ás minhas inimigas, casarem-se com viuvo! Ellas viriam o russo. Nem um dia se passaria que elle não lhes dissésse:

"Minha primeira fazia isso, minha primeira fazia aquillo."

—Eu conheci a defunta Mme. Spancioc, que Deus a haja! Não é por querer dizer mal, pois não se deve falar mal dos mortos, mas ella não tinha as suas qualidades. Preguiçosa, gostando de tagarellar, e além d'isso, não lá para que se dissésse... E no emtanto, M. Spancioc não lhe batia nunca.

—Foi talvez o seu primeiro amor?

—Talvez...

—Agora elle está actuado por essas lembraças. Nunca chego a contental-o.

—Que lhe censura elle?

—Que não lhe dou b-as gulodices, que minha cosinha é insipida, que falta certo picante, de que a sua "primeira" tinha o segredo.

—Sem offensa, madame Spancioc, talvez não saiba cosinhar bem. Nova como é, não ha do que se envergonhar. A senhora sabe, que em geral os homens são muito exigentes. A maior parte das vezes, não se consegue prendel-os senão pela guloseima. Mais velha que a senhora, poderia dar-lhe alguns conselhos n'esse sentido. Como se arranja, por exemplo, para fazer a sua papa?

—Como faço? Ora essa, como a fazia a mamã. Lavo, primeiro a marmita, para que não tenha cheiro. Em seguida boto-a no fôgo com agua. Quando a agua está fervendo, jogo dentro a farinha de milho e mexo com um rolo de madeira. Quando fica duro eu viro n'um prato de louça.

—Mexe bem? Acontece, ás vezes que a papa fica cheia de grumos que nos cahem no estomago como pedaços de chumbo.

Para se convencer venha á minha casa.

A duas mulheres entraram n'uma peça de tecto baixo, caiado recentemente de branco. Sobre uma mesa, a papa redonda e amarella como uma lua, estava ainda quente.

—Elle não quiz si quer experimental-a! lamentou-se Mme. Spancioc. Contentou-se em cheiral-a e deduziu que estava má. Resultado: dois pares de bofetadas.

Mme. Daponté approximou-se da mesa e revirou a garrafa de milho. Depois persignou-se tres vezes para demonstrar o espanto.

—Permitta-me dizer-lhe que o seu homem é louco. Com um cheiro tão agradavel, a senhora a poderia servil-a ás pessôas mais delicadas.

Mme. Spancioc suspirou:

—Creia que elle me envenena a existencia!

—Pobre mulher!... Aposto que desgostosa como está, nem almoçou. A papa está intacta.

Mme. Sprancioc baixou candidamente os olhos.

—Oh! sim! Cortei um pedaço d'ella por baixo, antes que elle chegasse. Assim não se vê nada.

Ella apanhou o cordão preso ao prato, revirou a garrafa e cortou um ou-

INSTITUTO DE UROLOGIA DO RIO DE JANEIRO

Director: Dr. Edson Amaral

Sala de esdoscopia e ultra-violeta.

Tratamento das doenças das VIAS URINARIAS (estreitamentos, cystites, prostatite, inflammações do utero e ovarios) pela DIATHERMIA, ALTA-FREQUENCIA, RAIOS INFRA-VERMELHO, ULTRA-VIOLETA.

Cura da impotencia — Plastica dos seis e dos orgãos genito urinarios — Manchas e signaes da face

O Instituto devolverá a importancia paga se não conseguir a cura radical.

RUA BUENOS AIRES, 85, IV andar

Das 10 ás 20 horas. Telephone, 4-2087

DOMINGOS E FERIADOS, DAS 11 ás 14 horas

Continuava assim, alma penada, a sua peregrinação pelo mundo.

Esvahiram-se, havia muito, os tempos felizes da mocidade. Viera-lhe a cegueira. Fugira-lhe airosa a alegria do viver. E já no decrepitar sombrio da existencia, fronte encarquilhada pelo frio da velhice, elle alimentava no intimo o gemido estrangulado de uma angustia infinda.

Andava macambuzio, demente... Nunca mais o vi sahir para tirar esmolas.

Horas a fio, sentado á porta da choupana, cahiam dos seus olhos lagrimas que eram bem tristes!

— Coitado! E' o tumulo da vida que se fecha lentamente... — murmuravam os caminheiros...

Accommettêra-lhe, um dia, gravissima doença. Era já impossivel restabelecer o seu velho organismo combálido e, uma tarde, viram-no a vasquejar nos braços da morte e nos torcicolleios da ultima agonia, contrahir ao peito e beijar repetidamente, como um louco, numa ansia desvairada, o retrato de uma mulher.

Fôra sua amante — disseram.

* * *

Ah! Somente agora comprehendo que o mysterio de sua doença era a causa do mysterio de suas lágrimas. O seu mal sem cura estava no coração: era o amôr que fremia forte na noite de um cégo e no inverno de uma velhice.

José de Almeida Cardoso

De Lily Nicolesco

tro pedaço, aos olhos espantados da amiga.

— Prove, madame Daponté, e lastime meu destino!

A consoladora, trincou uma fatia.

— Está uma delicia, palavra, uma delicia!

Commovida e deslumbrada ao mesmo tempo, por esses elogios, Mme. Sprancioc arrebentou em soluços.

— E dizer que a tenho de pôr de lado, para dar aos porcos!... Eu o abandonarei, madame Daponte! Juro que o abandonarei!

A esposa ultrajada passou o resto do dia maldizendo o seu senhor e dono:

— Que o fogo o queime, Sprancioc, quando eu não estiver mais aqui! Que só reste de ti poeira e lama!

Pela noite, ella poz agua no fogo, com a esperança secreta de fazer uma papa melhor. Com o rolo na mão direita, ella mexia a farinha no rythmo das suas idéas confusas:

— Partir... Ficar... Divorciar... Onde ir?... Do que viver?

Ella via-se alternativamente, na casa que ella detestava, arrastada para eternidade, e depois em outras, frias e inhospitas. E o rolo girava, girava...

As chammas que lambiam o fundo da panella roncavam no fogão, de parecer que iam pôr fogo á casa. Uma fumaça acre invadiu subitamente a peça.

— Desgraçada! gritou Mme. Spancioc, voltando á realidade. Queimei a papa!

Ella retirou logo a panella e a derramou no prato de madeira. Uma crôsta espessa e negra cobria a superficie d'esse pão do povo romano.

Mme. Sprancioc escondeu-o sob a toalha, pedindo a todos os santos que o marido terrivel não entrasse para jantar.

No seu atordoamento, ella esqueceu a outra marmita onde cosinhava a *chou-croûte* e que tinha agora um detestavel gosto de fumaça.

— Elle me mata! pensou a esposa tremendo.

Poz-se na cama, esperando com resignação a hora fatal.

Sprancioc entrou alguns minutos depois da usina, com a face congestionada, o sobr'olho carregado.

— Estou com fome, disse elle empurrando a porta. Mulher, dá-me de comer.

Mas ai de ti si o teu jantar ainda está máo!

Mme. Spanciuc, mais morta que viva, respondeu com voz fraca:

— Serve-te sosinho, estou doente.

Spancioc encheu o prato de chou-crôut, resmungando.

— Então! não ha hoje a papa?

— Procura debaixo da toalha...

Cheio de colera, o homem puxou o panno e jogou-o no chão. Depois cortou uma grande fatia da espessa brôa e pôz-se a comer.

— Minha mulher, minha mulhersinha, vem que quero beijar-te! Achaste emfim, o segredo da minha "primeira" Teu jantar está excellente!

Desde então, Mme. Spanciuc não se encommodou mais. Desde que sua papa vae para o fogo, ella conversa com a visinha quartos d'hora e mais quartos d'horas... Só entra para pôr a mesa quando a cosinha exhala um ligeiro perfume de queimado, mais caro a seu coração de esposa cuidadosa de agradar ao marido que o perfume das mais bellas rosas.

AS' PESSOAS QUE SOFFREM
de prisão de ventre
ENTERITE
e affecções do figado!
Obterão allivio immediato e cura radical
com o emprego diario de dois comprimidos de
LACTOLAXINE FYDAU
prescrita diariamente pelas mais altas summidades medicas substitue todos os laxativos e purgativos que fatigam os intestinos.
A' venda em todas as boas pharmacias.
Especificar bem: Lactolaxine Fydau.
Appr. D.N.S.P. sob o N° 257 em 8-9-1913
Deposito Geral: Laboratorios André Paris
4, Rue de La Motte-Picquet — PARIS

A FRAQUEZA DO POLICIAL

VICENTE BARDE e Cyrillo Normandin, gendarmes, desciam, lado a lado, a Grande-Rue du Port. Suas passadas soavam cadenciadas e fraternaes sobre a calçada deserta. As casas ennegrecidas, sob o céo cheio de estrellas, pareciam abandonadas.

— Está quente o tempo, bem quente, disse Normandin.

Mal se respira...

Por traz da secca silhueta de Vicente Barde, elle soprava como um folle.

— Ah! a bôa cerveja geladinha, na casa do Aimé!, disse Normandin, num suspiro. Na tenda camarada, em mangas de camisa!

O outro continuava a caminhar, taciturno. Numa curva da rua, mais adeante, ouviram rumores que se levantavam das casas proximas.

— Vês?, falou Normandin. Ouves? Estás escutando isto? E' a orchestra do Chouspart... Escuta ainda... Temos festa na zona... Ha, tambem, um circo de cavallinhos...

Uma fanfarra de trombones vinha de soar formidavelmente gritante, dissonante.

Normandin aproximou-se mais de Barde. A lua, que se erguia, illuminava suas faces gordas, cheias, seu nariz chato e a alegria infantil de seus olhos. Deante dessa physionomia álacre, jovial, as bochechas de Barde pareciam mais seccas, mais duras, seus olhos cinzentos mais frios, e mais rispido seu queixo alongado que uma barbicha tornava quasi ponteagudo.

Elle nada dizia; apenas apressava o passo; suas narinas farejavam qualquer coisa.

Misturaram-se com a multidão, que se agitava em torno de um estrado illuminado por lampadas de acetylene. Alguns acrobatas mantinham-se em pé, sobre o tablado, bambeando seus bustos musculosos, fazendo resaltar o "muque" dos biceps.

Um velho hystrião gesticulava. Com a face assignalada de rugas sobre o emplastro da pintura, fazia esgares com os olhos enlanguecidos e com os labios sombreados de bistre.

— Olá, seu homenzinho!

O velho permaneceu immovel. O murmurio de voz morreu. Em meio do silencio só a voz de Vicente Barde se fazia ouvir...

— Sim, é com você que falo! Você não é o patrão?

— "Eu?" disse o outro. Inclinou-se na extremidade do estrado, com uma mão sobre o coração, humilde e estupido.

— Sim, você mesmo — repetiu Vicente Barde.

Então, o mais robusto dos acrobatas se adeantou e disse:

— Sou eu.

Enfrentava o gendarme com a intrepidez calma do seu olhar, com seu largo peito de musculos resaltantes, suas enormes, pesadas mãos, seus braços fortes estendidos ao comprido.

— Seu nome?

— Rubim Alexandre.

— Sua situação militar?

— Desengajado desde janeiro.

— Sua edade?

— Quarenta e dois annos.

— E os outros, lá?

— São meus três filhos: dezeseis, dezesete e dezoito annos.

— E o velho?

— E' meu pae.

Normandin puxára Vicente Barde pelo braço:

— Deixa, disse-lhe baixinho. Deixa-os e vem. Como vês, elles estão em regra... Faz-te mal ver isso e a mim tambem...

Procurava afastal-o dali, mas Barde resistia, as maxillas duras, os olhos máus:

— Larga-me, Cyrillo. Quero ver os documentos delles. De todos... Preciso ver!

Por traz delles, a multidão se apertava. Os trombones soavam. Um movimento naquella onda humana os impelliu para mais adeante, onde se erguia a barraca dos Barthelaize, infallivelmente armada em todas as festas do logar, ha mais de vinte annos.

Vicente Barde deu um passo.

Uzem
TONICO
N. 10
de Mme. SELDA POTOCKA
Alisa, amacia e dá brilho ao cabello.
Pedir prospectos gratis.
RUA SENADOR VERGUEIRO 233
RIO DE JANEIRO

Hospital da Cruz Vermelha Brasileira
ESPLANADA DO SENADO
Serviços de medicina e cirurgia geral, partos e gynecologia, olhos, ouvidos, nariz e garganta, pelle e syphilis, vias urinarias, procthologia, apparelhos e massagens, clinica de crianças, Raios X, diathermia, alta frequencia, ultra-violeta e laboratorio de analyses clinicas.
Quartos de 1.ª e 2.ª classes e enfermarias geraes para indigentes. Attende diariamente a grande numero de necessitados. Medico permanente. Ambulatorio abertos das 8 ás 12 horas. Acceita qualquer donativo que lhe auxilie a obra caridosa.

CAIXA DE

A OVAÇÃO — Generalisou-se o costume de dizer: "fez-se-lhe uma grande ovação; recebeu uma estrondosa ovação, etc." para indicar o applauso, a manifestação enthusiasta de uma multidão ao triumpho absoluto de quem a provoca. No emtanto, entre os antigos romanos, a *ovação* significava um triumpho menor, de pouca importancia.

Os romanos celebravam as victorias dos seus grandes chefes militares com duas consagrações bem distinctas.

Se o general tinha vencido o inimigo depois de mortifero combate — no minimo cinco mil adversarios mortos — subia ao Capitolio em um carro tirado por quatro cavallos e precedido por uma fanfarra de trombetas. O heroe ia vestido com uma toga de purpura bordada a ouro, com uma coroa de

Um suor de angustia porejava nas frontes de Normandin:

— Vem, disse de novo. Pago a cerveja, camarada.

Barde, porém, acabava de divisar, sentado por traz do balcão, o mais moço dos Barthelaize. Mal o reconheceu, tanto elle se achava envelhecido, magro, acabado, com o corpo curvado como se fôra esmagado pelo soffrimento.

— Sua situação militar?

Era Barde que recomeçava. Normandin viu o rapaz apoiar as mãos nas bordas da cadeira em que estava sentado, erguer o corpo fazendo uma careta dolorosa e, sem uma palavra, depôz sobre o balcão improvisado uma perna de madeira.

Levantaram-se murmurios. Uma raiva secca, surda, apoderou-se de Vicente Barde. E, como Normandin repellisse: "Vem, vamo-nos embora", elle gritou-lhe grosseiramente:

— Deixa-me em paz! Ouviste, comprehendeste?

Elle, então, se dirigiu para o logar onde funccionavam os cavallinhos. Sacudia-o um fremito aspero e voluptuoso:

— Ah! desta vez! Desta vez...

Pôz-se a observar, desconfiado, e demorou o olhar agudo num homem, moço ainda, louro, de compleição robusta. Estava em pé, perto do motor, com a cabeça descoberta, mettido num macacão de mecanico. Os cavallinhos pararam. Barde, sem se conter mais tempo, gritou:

— Sua situação militar?

— Convalescente.

— Seus documentos?

— Vou buscal-os.

O homem desappareceu. Alguns momentos de espera já rejubilavam Barde, que farejava uma presa.

— Queira examinar, faz favor?

Num sobresalto, Barde ergueu a cabeça e sentiu suas pernas faltarem. Sua mão erguida, em continencia, saudava a tunica escura do mecanico, os dois galões de seu kepi, as duas medalhas que lhe ornavam o peito.

— Perdão, meu tenente!

Barde suffocava. Fez os dois passos regulamentares, nova continencia, e fugiu para a solidão do cáes.

Por traz delle, o ruido da festa enfraquecia. Notou, então, que marchava sobre as taboas da ponte. Repetia para si mesmo: "Que coisa, um mecanico de circo de cavallinhos, dois galões, a cruz!" Depois, revia o filho dos Barthelaiz, com a sua perna de pau. Eram-lhe conhecidos velhos, todos elles, os Barthelaiz. Se eram... Arrumava-lhes em cima, na sua acção de policial, varios processos. Bruscamente, vinha-lhe, de novo, á mente, a perna de páu do mais moço dos Balthelaize. E parecia-lhe ouvir uma voz, uma voz de mulher, abafada, cansada, trémula: Isso emquanto todas essas physionomias, que elle recordava, gesticulavam deante delle. Que é que dizia a mãe Barthelaize?... "Mortos... O outro morto no Marne... O pae morto, minado pelo soffrimento. Um filho morto em combate... O outro, em que estado!... Pobre velho!... Ah, seus filhos!"

As taboas da ponte rangiam sob as passadas do policial, que marchava atôa... E, Normandin? Para onde fôra Normandin?

Quando ja havia quasi attingido a outra margem, parou e pozse a scismar. A agua negra corria, deslizava sob seus pés. "Que sou eu, emfim? Que sou eu?"

Um rumor ligeiro, proximo, chamou-lhe a attenção. Voltou-se e viu approximar-se uma bycicleta.

— Alto!, gritou.

O cyclista saltou da machina.

— Que é da lanterna?

Uma voz de garoto balbuciou:

— Vou explicar...

— Nem busina! berrou Barde.

Tomado de furor, com os punhos erguidos:

— Ah! tu! Vaes ver... Tu...

Quando se viu bem proximo do cyclista, seu grande corpo vergou para deante como si se tivesse quebrado. Apoiou sua mão no hombro do garoto e disse-lhe muito baixinho e muito depressa, num tom bizarro, ao mesmo tempo supplice e brutal:

— Vae-te embora! Vae-te!... Que eu não te veja mais assim, infringido o regulamento!

— Ah! o garoto! O garotinho...

MAURICE LENEVOIX

SURPREZAS

louros na cabeça, symbolizando a gloria das armas. Terminada a cerimonia, sacrificava-se um boi. Era este o "grande triumpho."

Se, ao contrario, o vencedor havia submettido o adversario graças á sua eloquencia persuasiva, e sem que se tivesse derramado sangue, era conduzido ao templo de Jupiter Capitolino com muito menos pompa. Vestido simplesmente, coroado com myrto, rodeado de tocadores de flauta, o vencedor offerecia uma ovelha aos deuses (Em latim *ovis*, de que se derivou *ovação*.

O IDIOMA OFFICIAL DA LIGA DAS NAÇÕES — Nas sessões que se celebram na Liga das Nações fala-se apenas francez e inglez. Os delegados que não conhecem estas linguas podem pedir um interprete.

Póros abertos

Os póros do rosto fecham infallivelmente com o uso de um só vidro do maravilhoso

DISSOLVENTE

O DISSOLVENTE NATAL obriga que os póros se fechem e acaba com as rugas, manchas, pannos, sardas, espinhas, cravos, etc. Usado pelas actrizes de cinema para a limpeza diaria da pelle.

É garantido e cada vidro custa 5$000

Pedidos: Tel.: 4-6384

Gratis!!! Sr. L. R. SOUZA — Caixa Postal 2167 — Rio. Desejo receber gratuitamente informações completas e detalhadas do famoso DISSOLVENTE NATAL.

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

OS SEIS NAPOLEÕES

(SHERLOCK HOLMES) Por CONAN DOYLE

Holmes passou a tarde nas aguas-furtadas a ler jornaes antigos, que escolhera d'entre os numerosos massos que methodicamente collecionava.

Quando desceu, luzia-lhe nos olhos um clarão de triumpho. Nenhuma impressão, comtudo, nos communicou do resultado da sua demorada leitura.

Quanto a mim, que tinha seguido passo a passo o inquerito do complicado acontecimento, antevia claramente a convicção em que Holmes estava de que o criminoso ia praticar um novo attentado sobre algum dos outros bustos vendidos e lembrava-me de que um d'elles tinha sido comprado por um fulano

O marinheiro. — Mas a senhora não leu o letreiro que dizia: "Cuidado com a pintura"?

A senhora. — Sim, mas pensei que fosse o nome da barca.

ENVELHECE-SE POR FALTA DE CUIDADOS!

Para conservar a juventude e a beleza confie no Crème Simon cujo sucesso mundial lhe assegura uma eficacia incontestavel.

Não séca nem engordura, mas é agradavelmente unctuoso, suavisa e amacia a pele e dá á tez a frescura e o aveludado da juventude

O Pó e o Sabonete Simon são os seus indispensaveis complementos.

Embeleza e rejuvenesce, o

CRÈME SIMON

PARIS

morador em Chizwick. O fim que Sherlock tinha em mira, era pois, indiscutivelmente o de surprehender o criminoso em flagrante delicto. Admirava o ardil do meu amigo, que assim indicava aos jornaes uma falsa pista, com o intuito de tranquillisar o criminoso e proporcionar-lhe o convencimento de que poderia, sem perigo, repetir os attentados.

Por taes motivos, não me causou a menor surpreza o aviso de Holmes para que me munisse de um revolver. Elle armou-se com um cacete curto, que era a sua arma predilecta.

Um carro fechado, que nos esperava á porta, levou-nos rapidamente até além de Hammer-Smith. Deixamos ficar a carruagem á nossa espera, ahi, e seguimos a pé até uma rua bastante solitaria e ladeada de ambos os lados por edificios elegantes, cercados de jardins. A luz de um candieiro de gaz permittiu nos ler, na porta lateral de um dos predios da rua, as palavras: *Villa das Accacias*. A gente d'esta casa devia estar já deitada. Nenhuma luz se via, a não ser a que se coava pela bandeira da porta de entrada e que alllumiava vagamente a alea do jardim. A parede que separava a rua do terreno interior, projectava uma tira de sombra densa. Holmes mandou-nos esconder n'um recanto.

— Creio que nos demoraremos bastante tempo ainda, observou Holmes. Mas como não chove, pouco nos custará. Se fumassemos, o tempo passaria mais depressa; em todo o caso não convem que o façamos. De resto o nosso incommodo tem duas probabilidades de exito contra uma.

Afinal, a demora não foi tão grande como Holmes suppunha. A espera que fizemos terminou até n'um desenlace imprevisto e repentino. A porta do jardim abriu-se, sem que nenhum ruido nos puzesse de sobreaviso, e um homem, com movimentos ageis como os de um macaco, avançou rapidamente pela alea adeante. Vimol-o passar na vaga zona luminosa que a bandeira da porta irradiava e seguir depois para as trazeiras da habitação.

A isto succedeu um silencio longo, durante o qual até a propria respiração contivemos. Depois, ouvimos um ruido; abriu-se uma janella. Este ruido cessou; o homem tinha penetrado no interior da casa. N'um dos compartimentos viu-se o clarão de uma lanterna de furta-fogo. O gatuno, decerto não encontrou o que procurava, porque foi para outra sala. A luz passou ainda para um terceiro compartimento.

— Avancemos para a janella aberta, ordenou Holmes, em voz baixa. Apanhal-o-emos quando descer.

Não tivemos tempo para obedecer-lhe porque o gatuno vinha já descendo com qualquer cousa volumosa e branca, debaixo de um dos braços. Logo que poz os pés no chão, olhou em roda e escutou. O silencio da rua deserta tranquillisou-o. Voltou as costas para o local onde nos encontravamos e poisou o volume branco. Decorridos rapidos instantes ouviu-se outro ruido secco. O homem estava por tal modo absorvido que nem deu por nós que atravessavamos o jardim. Holmes saltou sobre elle n'um pulo tigrino, e segurou-o. Seguidamente Lestrade, auxiliado por mim, algemou-o. Nunca em minha vida vira figura mais repellente. Olhava para nós com as feições convulsionadas pelo terror... Era o homem da photographia!

O mais extraordinario do caso, foi que Holmes depois de o ver seguro, pouco se preoccupou com o preso. Assentou-se nos degraus da porta de entrada e poz-se a examinar os destroços do objecto que o homem tinha roubado. Era um busto de Napoleão egual ao que viramos pela manhã e quebrado da

mesma maneira. Sherlock viu á luz da lanterna cada um dos fragmentos de gesso e nenhuma particularidade pareceu encontrar n'elles. Estava a concluir o exame quando o vestibulo se illuminou com uma luz mais viva e a porta principal do predio se abriu. O dono d'elle, uma creatura obesa e de aspecto jovial, appareceu-nos em mangas de camisa.

— E' o sr. Josihas Brown, não é? perguntou Sherlock.

— Eu mesmo. Estou falando com o sr. Sherlock Holmes, não é verdade? Recebi a carta que me enviou e cumpri á risca as instrucções que me deu. Fechámos todas as portas da parte mais interior da casa e esperámos os acontecimentos. Felicito-o por ver que conseguiu apanhar esse bandido. E agora peço-lhes, meus senhores, que tenham a bondade de subir, para tomarem alguma coisa.

Não acceitámos o offerecimento. Lestrade estava ancioso por deixar o criminoso em logar seguro. Mandamos por isso approximar o carro e partimos para Londres.

Durante todo o trajecto o nosso homem não disse palavra. Limitava-se a fitar-nos com os olhos congestionados. N'um momento em que teve ao seu alcance a minha mão pretendeu mordel-a n'um impeto de lobo esfaimado. Esperámos na repartição de policia que o apalpassem. Encontraram-lhe alguns shillings, unicamente, e uma navalha cuja lamina estava tinta de sangue.

— Isto vae optimamente, disse Lestrade ao despedir-se de nós. Hill conhece o bando todo e dir-nos-á quem é o homem. Os senhores verão que a minha hypothese da Maffia vae ser confirmada. Agradeço-lhe reconhecidissimo, meu caro Holmes, a intervenção que teve nesta captura, ainda que não perceba muito bem o processo que seguiu.

E' tarde demais para lh'o explicar com minudencia. E faltam ainda, para que possa pôl-o ao facto de tudo, um ou dois pormenores. Este crime é d'aquelles cuja investigação merece a pena ser posta inteiramente a limpo. Se quizer encontrar-se commigo amanhã ás 6 horas da tarde, em minha casa, hei de mostrar-lhe que não comprehendeu ainda este mysterio sem precedentes nos annaes do crime.

E dirigindo-se a mim, accrescentou:

— Embora eu não consinta, que conte ao publico alguns dos meus problemas, por terem um caracter mais especial, desde já lhe premitto que faça a narrativa sensacional dos bustos de Napoleão.

* * *

No outro dia, á hora marcada, tornámos a reunir-nos todos tres.

Lestrade deu-nos bastante pormenores a respeito do preso.

— Chama-se Beppo, disse. O appellido, porém, ignora-se. Tem, na colonia italiana, uma detestavel reputação. Foi, ha annos atraz, um esculptor de merito e ganhava honradamente a vida. Depois, enveredou por maus caminhos e soffreu duas condemnações uma por crime de roubo, outra por tentativa de assassinato n'um dos seus compatriotas. Fala o inglez com facilidade e correcção. Não houve até agora maneira de explicar o motivo que o levou a destruir as esculpturas e, por mais apertados interrogatorios que lhe fizessemos, negou-se tenazmente a responder-nos. Em compensação, descobrimos trabalhos d'elle, porque esteve empregado, como moldador de gesso, na casa Gelder & C.

Holmes ouviu com delicada attenção estas particularidades, que aliás já conheciamos de sobra.

A sua attitude denotava, não obstante, uma mistura de inquietação e de impaciencia que profundamente me intrigavam.

D'ahi a pouco, ouviu-se tocar a campainha da entrada.

Os olhos de Sherlock encheram-se de um brilho intenso, e a cadeira em que stava sentado rangeu por effeito d'um movimento nervoso e brusco. Soaram passos na escada e a governante da casa deu entrada a um individuo edoso, de rosto saudavel e encaixilhado em suissas arruivadas.

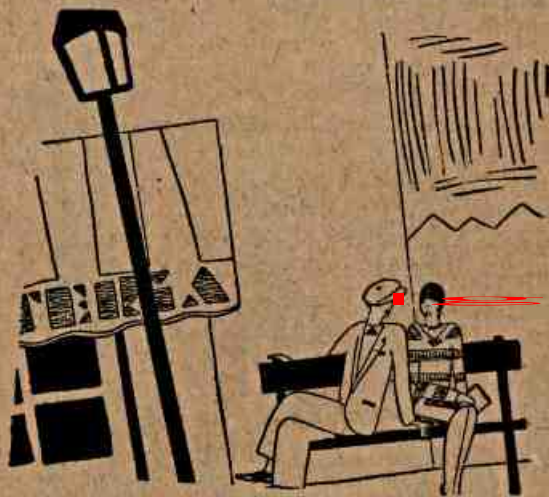
— O sr. Sherlock Holmes, é algum dos senhores?

Sherlock fez uma reverencia, sorridente.

— E' o sr. Sandeford? perguntou por seu turno.

— Em pessoa. Cheguei um pouquinho tarde. Mas os carros são tão incommodos, que preferi fazer o caminho a pé. O sr. Sherlock escreveu-me a respeito d'um busto que em tempos comprei?

— Exacto.

(Continúa na pag. seguinte)

Ella. — Em que pensas tu, meu amor, quando não pensas em nada?
Elle. — Em ti, querida.

— A sua carta diz que deseja adquirir a reproducção de um busto de Napoleão, de Dervine, e propõe-me por dez libras a compra do que eu possuo. Não é isto?

— Exacto.

— Confesso-lhe que me surprehendeu uma tal resposta e que dei tratos á imaginação para adivinhar como foi que o senhor soube que eu tinha o busto.

— D'um modo simplicissimo. A casa Harding, que lhe vendeu a esculptura, é que me facultou o seu endereço.

— Ah! mas sabe quanto paguei por elle.

— Está enganado. Não sei.

— Pois, embora o não saiba, entendo do meu dever dizer-lh'o, porque sou um homem honrado. O busto custou-me sómente quinze schillings. Ainda o quer comprar pelas dez libras que mandou offerecer-me?

— Estou tentando bater o "record" de Marathona.
— E eu o dos cem metros; posso assim, acompanhál-o por algum tempo...

— Os seus escrupulos revelam um honestissimo caracter. Mantenho no emtanto o preço que fiz.

— Já vejo que o sr. Holmes é uma pessoa generosa. Trouxe o busto commigo. Está aqui.

Abriu uma bolsa e tirou de dentro a esculptura que nós, até então, só puderamos ver despedaçada.

Holmes abriu a carteira e tirou de dentro d'ella uma nota de dez libras que pousou sobre a mesa, em frente ao visitante.

— Queira ter a bondade de assignar deante d'estas duas testemunhas o recibo pelo qual me transmitte todos os seus direitos sobre este busto. Desculpe-me a exigencia, mas sou muito meticuloso nos meus negocios. De resto, mais vale prevenir que remediar. Dos negocios mais comezinhos surgem ás vezes complicações... Obrigado, senhor. Está em regra. Aqui tem o seu dinheiro. Boa noite.

Mal o velho saiu, entramos numa surpreza crescente ao presencearmos o que Sherlock ia fazendo.

Principiou por tirar de uma das gavetas do apparador, uma toalha.

Extendeu-a sobre a mesa.

Collocou o busto ao centro della. Finalmente empunhou um martello e deu uma violenta pancada na cabeça de Napoleão. O busto desfez-se, esboroou-se em bocados deseguaes. Holmes inclinou-se para os examinar e, de subito, teve uma exclamação, um grito de triumpho. Mostrando-nos depois um dos fragmentos, disse:

— Meus senhores, permittam-me que lhes apresente a famosa perola negra dos Borgias.

* * *

Lestrade ficou, como eu, estupefacto.

Depois desatamos ambos a applaudir com sonoras palmas aquelle final de acto palpitante.

As faces de Holmes, de ordinario pallidas, tinham uma coloração febril, e ao ouvir os nossos applausos inclinou-se como um actor em scena ao receber as ovações quentes do publico, numa rasgada venia.

Tinha deixado de ser, por momentos, uma machina de pensar e mostrava-se, como os demais homens, sensivel á admiração.

Aquella natureza fria e rigida, que desprezava desdenhosamente as vãs glorias que embriagam as mediocridades, tinha-se, afinal, deixado sensibilisar pelas palmas de dois amigos.

— Creiam, meus caros. E' uma perola como não ha outra em todo o mundo. E eu tive, por um cerrado encadeamento de deducções, a felicidade de a poder seguir desde um quarto do Hotel Dacre, onde o principe Colonna a perdeu, até o interior deste busto, o ultimo dos seis moldados na casa Gelder & Comp.

Recorda-se por certo, Lestrade, do ruido que fez na imprensa e no mundo elegante o desapparecimento desta joia e dos esforços da policia londrina para a encontrar.

Consultaram-me sobre o assumpto, mas não pude decifrar o enigma.

As desconfianças recahiram sobre uma creada de quarto da princeza. Essa creada era italiana. Soube-se que tinha um irmão em Londres, mas nenhuma prova se fez de que entre os dois houvesse relações de nenhuma especie. Chamava-se ella Lucrecia Vanucci e era, sem sombra de duvida, irmã do Pietro, o homem que na noite passada foi assassinado.

Reli os jornaes do tempo e averiguei que a perola desapparecera dois dias antes da prisão de Beppo, na officina de Geldes & C. e na propria occasião em que elle estava concluindo a moldagem dos bustos.

E' facil agora reconstituir, em ordem inversa, os acontecimentos.

Beppo teve a perola em seu poder. Roubou-a talvez a Pietro Vanucci ou era, tambem isso se torna presumivel, seu cumplice, ou então, outra hypothese, serviu de intermediario a elle e á irmã.

Qualquer das tres coisas, importa pouco para o caso. O certo é que tinha a perola com elle quando

foi perseguido pela policia. Correu em direcção á officina onde trabalhava, porque viu que não tinha um instante a perder para occultar a inestimavel joia que possuia. Não lhe convinha dal-a a conhecer a policia...

Os seis bustos de Napoleão estavam na seccagem e um delles com o gesso num estado de molleza superior aos restantes. Beppo, que era um operario habilissimo, abriu uma cavidade no gesso humido, escondeu a perola dentro della, tapou-a cuidadosamente e com alguns retoques rapidos restituiu a toda a esculptura as suas linhas primitivas.

Arranjou assim um admiravel guarda joias de segredo e de um segredo tão habilmente concebido, que ninguem seria capaz de o adivinhar. Foi condemnado a um anno de prisão e durante esse tempo os seis bustos venderam-se.. Era-lhe impossivel saber qual delles continha o seu thesouro e só quebrando-os poderia achar a joia.

Si os sacudisse unicamente não a sentiria chocalhar de encontro ás paredes da cavidade, porque a perola devia ter adherido ao alveolo em que a introduzira e assim succedeu com effeito.

Beppo não era, porém, homem para desanimar. Por intermedio de um dos seus primos, operario de Gelder, conseguiu empregar-se naquella casa e soube lá os nomes dos commerciantes a quem os bustos haviam sido vendidos.

Procurou depois, e obteve collocação no estabelecimento de Moysés Hudson. Ahi soube do paradeiro de tres desses bustos. Mas, por má sorte delle, nenhum dos tres continha a joia. O primeiro estava em poder de Harker, em cuja casa, certamente, Beppo entrou em companhia de Pietro Vanucci, que considerava o outro como responsavel pela perda da perola. Não sei porque, os dois envolveram-se numa luta e Pietro foi assassinado pelo outro.

— Mas se o morto era cumplice, para que levava Pietro a photographia de Beppo? perguntei.

— A razão evidentemente é esta: a photographia serviu para lhe facilitar a procura do outro e para o caso de ter que a mostrar a pessoas a quem as quizesse apresentar os signaes exactos de Beppo.

Desde o attentado commettido na residencia do jornalista, conjecturei que Beppo havia de recear que a policia lhe descobrisse os intentos. Conclui, por isso, que ia apoderar-se rapidamente dos outros bustos, para a policia lhe não tomar a dianteira.

Claro é que não podia adivinhar se a perola estava ou não no busto pertencente a Harker. Nem mesmo podia assegurar, sequer qual era a joia que Beppo procurava. Mas que procurava alguma coisa, fosse o que fosse, disto não tinha eu nenhuma duvida.

Aliás não iria despedaçar a esculptura na parte illuminada do jardim, tendo de mais a mais, ensejo de passar por casas deshabitadas e proximas do local do crime.

Restavam os dois outros bustos. Evidentemente elle havia de procurar agir primeiro sobre aquelle que se encontrava em Londres. Para evitar a repetição de um novo drama de sangue, preveni os moradores da casa e o resultado foi o que eu previra.

Nesta altura dos acontecimentos já tinha certeza de que a serie de attentados de Beppo se relacionava com a perola dos Borgias. O nome da victima fôra o traço.

Houve um silencio de instantes.

Foi Lestrade quem o rompeu com estas palavras:

— Parabens, sr. Holmes. Tenho-o visto envolvido em emaranhadissimas meadas judiciarias, mas nunca destrinçou nenhuma dellas com tanta pericia e tanta perspicacia... O corpo de policia de Scotland Yard não tem ciumes dos seus extraordinarios talentos... Não tem, meu amigo. Se quizer dar-nos a honra de apparecer lá, todos nós, desde o decano dos inspectores até o mais novato dos agentes, teremos um grande prazer em apertar-lhe calorosamente a mão.

— Obrigado, respondeu Holmes. Muito obrigado.

E, ao desviar a face de nós, pareceu-me commovido como nunca o vira.

Passado um instante, voltou, ao seu habitual feitio de raciocinador pautado e mechanico.

— Metta a perola, além, naquelle cofre, disse, e vamos estudar as falsificações de Conk Singleton. Até á vista, Lestrade. Quando lhe apparecerem casos difficeis, terei o maximo prazer em auxilia-o.

FIM

a seguir

O DIADEMA DE BERYLOS

O freguez que pediu dois tostões de salsicha, e um tostão, de pão...

MAIS UM que affirma ser o "PEITORAL de CAMBARA'" de Souza Soares um poderoso remedio contra as *BRONCHITES* rebeldes.

"Tenho o prazer de communicar a V. S. que achando-me atacado de forte *BRONCHITE*, com o uso do preparado,

PEITORAL DE CAMBARA'

de SOUZA SOARES

me restabeleci por completo em pouco tempo. Queira dar á presente o destino que entender, em prol dos que soffrem do mesmo terrivel mal.

Santa Leopoldina, Minas, novembro de 1910.

Bernardo de Moraes Sarmento

(Firma reconhecida.)

A' VENDA EM TODA PARTE

A ETERNA ESPERANÇA

— NÃO chóres! Alegra-te. A vida é a continua emoção... E nunca — ó nunca — chóres sob o látego das emoções. A lagrima é o primeiro signal para a ruina... Não chóres. Alegra-te. Ha sempre uma eterna esperança na vida a imperar sobre as ruinas calcinadas das illusões... Faze dessa esperança um manancial de outras e, á beira dessa fonte quérula, que rumoreja dentro do nósso ser, faze vicejar outras flôres da illusão... E' o teu horizonte será eterno!... Ser-te-á eterno o azul do espaço; etérno o odôr trescalante das flôres; eternas as alvoradas resplandecentes e eterno o júbilo da natureza eternamente primaveril.

"Não chóres! Alegra-te. A apathia no amôr é a vulgarização, permanente, duma coisa ethérea, fluidica, vaga, que deveria viver menos que um segundo e emmurchecer mais depréssa que a florzinha humilde levada pelas azas incandescentes do vendaval. Continúa, pois, caminhando! Não te digo que não chóres sobre as ruinas das illusões! ó não! Não te digo que não te lembres do passado, tendo, no canto das palpebras semi-cerradas, uma lagrima pendente! Mas... não deixes cahir essa lagrima! Faze-a refluir, sem amargura, e continua sempre. Segue a tua estrêlla... Ségue a tua méta... Por sorrisos amargos e doces, já idos, terás outros tantos risos amargos e doces na estrada da vida...

"Não chóres! Vês? Não chóro! Ragou-se de alto a baixo o castéllo que tanto construimos, que tanto aformoseamos, que tanto polímos e que tanto sublimamos: imperémos, porém, impávidos, sobre as ruinas dos seus barbacans, das suas portas ogivaes. Seguirás outro destino... Serás mais feliz? Talvez, sim!

"Não chóres! Ergue a cabeça! Olhe para mim... Sentes-te fraco para reviver outras esperanças sobre as ruinas do nósso amôr tão bello? Pois bem: toma déssa lagrima — o ultimo resquicio da ultima emoção — e, nas horas de desalento e de amargo devaneio, lembra-te, olhando para o seu brilhar diamantino, do brilho dos meus olhos, do meu perfil, que tanto gabavas, das cóvinhas de meu rôsto, em que gostavas de pousar os labios, da minha bástà cabelleira, em que gostavas de acariciar os dêdos e a face... Não tive a dita de sêr mãe e não tiveste a felicidade de ser pae... Esta lagrima, porém, fará as vezes dum filho... Guarda-a... Toma-a, meu querido amigo, meu unico amôr — e, lembra-te, sempre, que ha uma terna esperança na vida... um riso eterno do céu sobre o oceano revolto... o luzir dum sól sobre um abysmo, uma flôr no lôdo!...

A vida! Pudéra eu sustál-a na sua descida vertiginósa!...

Mas, não a pósso! Adeus, Orlando! ó não chóres! Olha... lembra-te das minhas palavras: a etérna esperança... a etérna esperança... — a etérna... es... pe... ran... ça..."

— Nem me fales de Mathilde querida; ella é uma mulher que não tem o menor gosto para se vestir...

Não poude mais. Recostou os hombros magros no travesseiro, tomou dum pires, que estava sobre um "bidet" e depoz ahi, tremula, tremula, o ultimo resquicio da ultima emoção: a lagrima.

Depois, devagarinho, devagarinho, não sem ouvir os soluços fórtes de Orlando, ajoelhado perto do leito, abstrahiu-se de si mesma, sentiu-se envólta num turbilhão de luzes e de trévas, numa ensenação prodigiósa e fantastica e immobilizou-se... serenamente... calmamente...

Quando Orlando levantou o rôsto, vincado pelas lagrimas, nada mais existia, além de um invólucro insensivel dáquella que por tantos annos fôra a sua companheira infatigavel!... Tomou da lagrima, abriu, com os dêdos, as pálpebras quentes e pôl-a dentro da órbita! Soluçando, beijou a tésta da mórta! E sahiu! Fóra, a cidade rumorejava. E, ólhos no futuro, ouvindo sempre as palavras da idolatrada companheira, marchou em busca da etérna esperança, sem nótar que essa marcha era a marcha da própria esperança. Nunca mais teve o sól para êlle um riso, nem o céu uma benção! Um dia, alquebrado, o bordão de peregrino rôto, viu que, depois dum grande amôr... havia... sim... havia... uma etérna esperança... que se cifrava numa lápide e nalguns palmos de térra!... Sentiu-se pérto dum vasto horizonte... duma vasta esperança... num tumulo estreito...

Acertára a sua querida mórta! O tumulo — para quem muito amou — é a etérna esperança do etérno descanso. E além mesmo do tumulo... existe a esperança bemdita da Eternidade!...

BERESFÓRD MARTINS MOREIRA

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

DORES NOS RINS

O MELHOR CONSELHO

É tão pouco commum aos membros da Igreja quebrar o silencio que guarda os seus assumptos intimos, que é com grande satisfacção que podemos, com autorisação especial, revelar mais outro caso em que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga provaram o seu poder para extirpar as desconfortantes dores causadas pelas Desordens dos Rins.

O Rvmo. Frei M. Germano Llech, Convento dos Dominicanos, Goyaz, Estado de Goyaz, foi durante algum tempo um soffredor de moléstia dos Rins, como resultado do que, elle diz "Soffria de tonteiras; sentia incommodo depois de me sentar por algum tempo. Causava-me muito desconforto. Pedi um fornecimento de Pilulas De Witt e foi-me sufficiente tomar uma pilula antes das refeições e duas ao deitar, apenas um dia, para me sentir melhor no dia seguinte. Agradeço-lhes muito pelo seu remedio."

Esta declaracão do Rvmo. Frei Germano Llech e confirmada numa carta recebida de seu Superior, Rvmo. Frei Pedro de Souza, que declara que "Frei M. Germano Llech, que tem 75 annos de edade, soffreu muito de Desordens dos Rins durante dois annos, porem com o uso das Pilulas De Witt ficou mais joven e capaz de desempenhar o seu ministerio com grande actividade."

Todos os soffredores de Desordens nos Rins, Rheumatismo, Sciatica ou Lumbago devem, como o Rvmo. Frei Germano Llech, obter a prova do rápido e seguro beneficio obtido com as Pilulas De Witt. Teremos muito prazer em enviar uma amostra grátis, para experiencia, a qualquer soffredor que nos remetter o coupon abaixo; porem, os vidros maiores podem sempre ser obtidos em todas as pharmacias do Brazil.

Experimente este remedio GRATIS

AS PILULAS
DE WITT
Para os Rins e a Bexiga

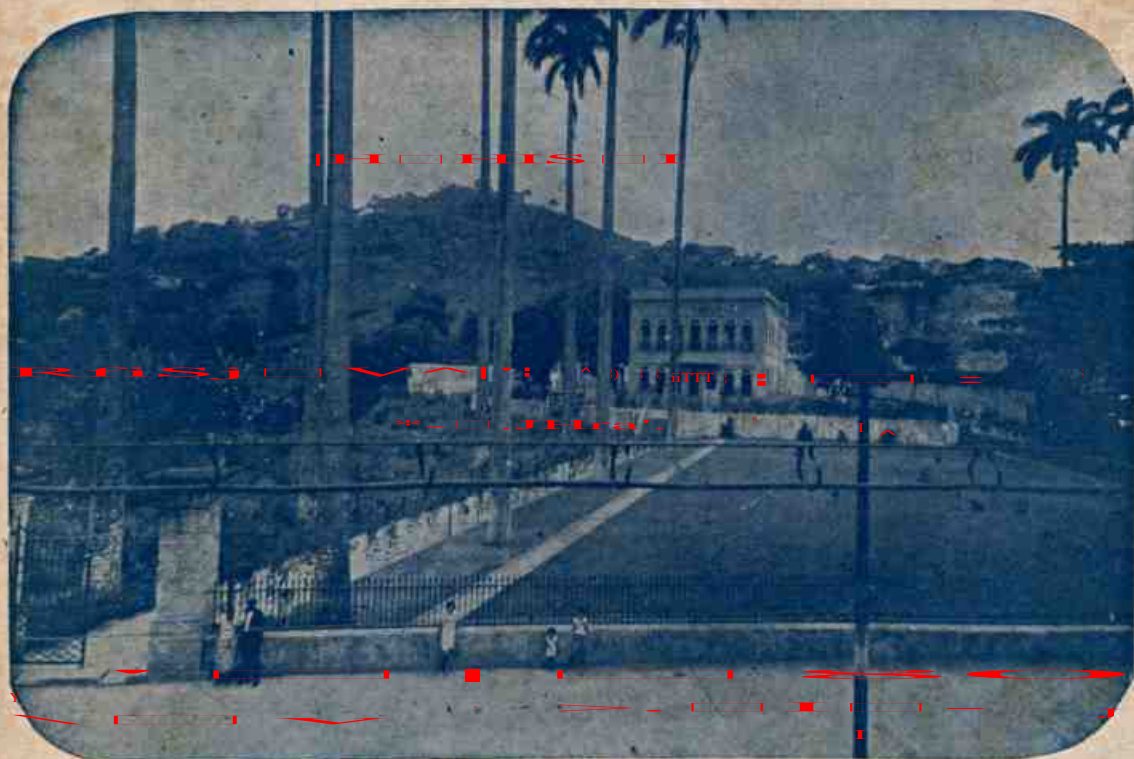
REMETTA-NOS ESTE COUPON HOJE MESMO

Snrs. E. C. De Witt & Co. Ltd. (Depto. M.13),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

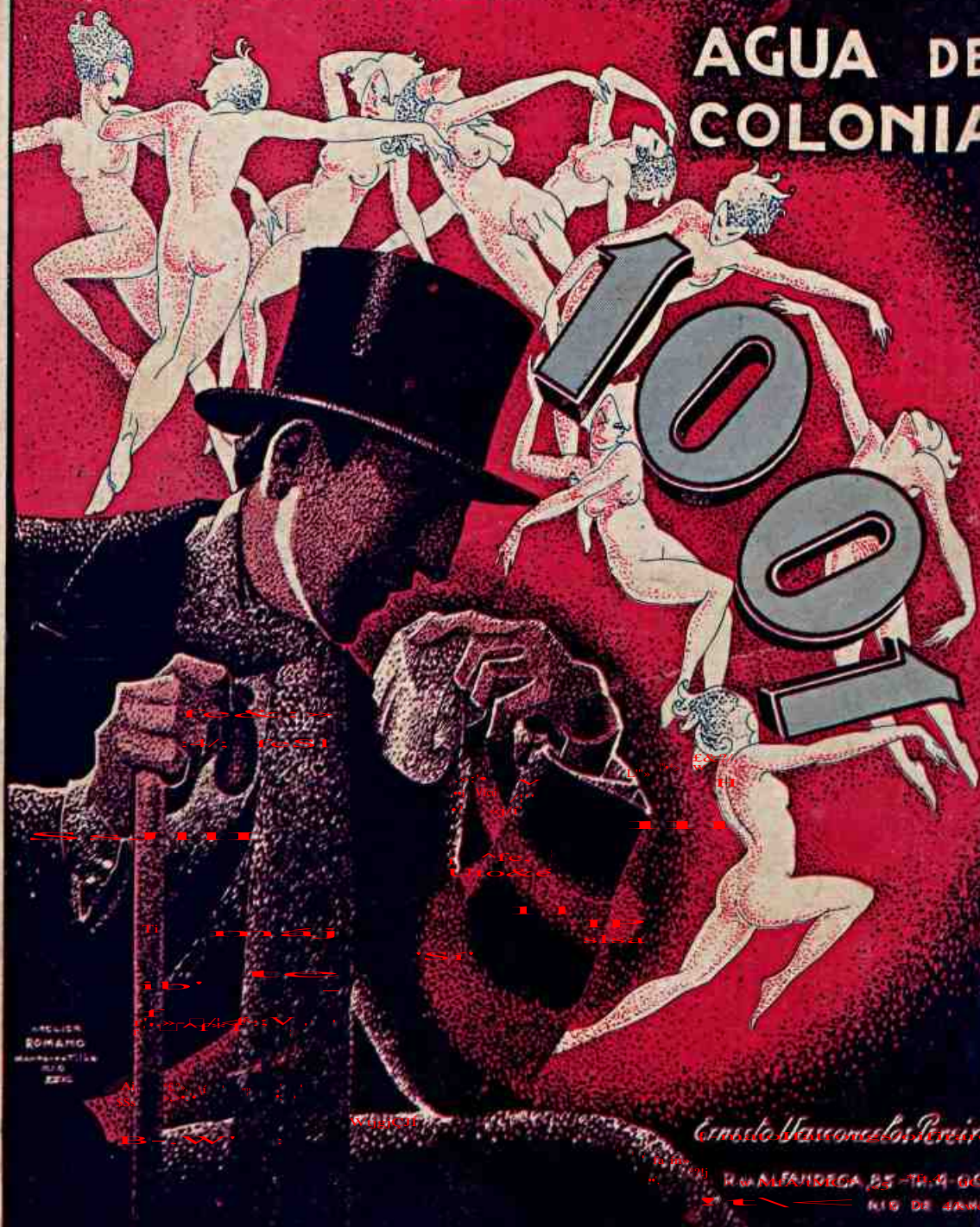
Nome ....

Endereço ....

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES
RUA ARISTIDES LOBO, 115 — TEL. 8 - 3957

DIARIAS DESDE 15$000

RECORDAR É VIVER

AGUA DE
COLONIA

1001

ATELIER
ROMANO

Ernesto Vasconcellos Pereira

Rua ALFANDEGA, 35 - TEL. 4-0079
RIO DE JANEIRO

O PERFUME QUE RECORDA
MIL E UMA CONQUISTAS...